

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE LETRAS

Taís Paulilo Blauth

A PAISAGEM INDIZÍVEL EM DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE *HEART OF DARKNESS*: UMA ANÁLISE DE ESTILO COM BASE EM CORPUS

Belo Horizonte

2015

Taís Paulilo Blauth

**A PAISAGEM INDIZÍVEL EM DUAS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DE
HEART OF DARKNESS: UMA ANÁLISE DE ESTILO COM BASE EM
CORPUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguística Aplicada
Linha de pesquisa: 3B – Estudos da Tradução
Orientador: Prof^a Dra. Célia Maria Magalhães

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2015

AGRADECIMENTOS

À UFMG e à FALE, pela oportunidade e pelo ensino gratuito e de qualidade.

À professora Célia Maria Magalhães, pela receptividade, incentivo e gentileza com a qual orientou este trabalho.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa.

Ao professor Pedro Praxedes, da UECE, pela forma solícita com que me assessorou no uso da Teoria da Avaliatividade.

Aos colegas do POSLIN, em especial Mayelli Caldas de Castro, pelo acolhimento e conselhos; Kícila Ferregueti, pela infinita paciência com minhas dúvidas; e Flávia Ferreira de Paula, pela amizade constante e generosa.

Ao meu companheiro Marcelo, por ter sabido abrir espaço sem faltar com um apoio carinhoso.

E a minha mãe, pelo exemplo.

RESUMO

Os estudos de estilo ‘da’ tradução (BAKER, 2000) têm revelado aspectos importantes da mediação tradutória (relacionada, segundo MALMKJAER 2004, à interpretação do mediador, ao propósito do texto original e traduzido e ao público-alvo da tradução), incluindo a individualidade do tradutor. Nesse contexto, Munday (2008) sugere que possa haver uma fragmentação da voz autoral quando há diferentes tradutores de um mesmo autor, entendendo o estilo como expressão textual da voz. Esta pesquisa tem por objetivo investigar essa hipótese em diferentes traduções de um mesmo texto literário, *Heart of Darkness* de Joseph Conrad (1902), utilizando o modelo de Munday (2008) para análise de mudanças nas traduções com base no ponto de vista narrativo. A pesquisa parte ainda da compreensão de que as ferramentas de corpus podem complementar análises literárias (STUBBS, 2005) e propõe essa interface ao tomar uma análise literária da obra como ponto de partida (McCLINTOCK, 1984). O corpus é composto pelo texto-fonte em inglês e duas traduções brasileiras. Os textos pertencem ao ESTRA, corpus compilado para contribuir com os estudos de estilo da tradução em textos literários. Com base na resenha de McClintock (1984), a pesquisa se propõe a examinar a representação da paisagem nas traduções como via de acesso ao seu estilo. Tipificada pela palavra ‘unspeakable’, essa representação se realiza linguisticamente por meio da negação (cf. McCLINTOCK 1984, STUBBS 2005), entre outros recursos. Assim, palavras e afixos negativos foram tomados como nódulos de busca para o levantamento de linhas de concordância no texto-fonte, usando o *software WordSmith Tools*© 6.0 (SCOTT, 2012). As linhas foram selecionadas conforme o tema da paisagem, expandidas até o nível da sentença e alinhadas para análise com a solução online *YouAlign*. A metodologia desenvolve a etapa descritiva da abordagem de Malmkjaer (2003, 2004), utilizando o modelo de Munday (2008) auxiliado pela Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE 2005, MUNDAY 2012). Os resultados mostram mudanças nos quatro planos do ponto de vista, embora as mais relevantes para o tema da ‘indizibilidade’ sejam encontradas nos planos psicológico e ideológico, construindo diferentes representações da paisagem. Um traço distintivo de intensificação da gradação é observado em uma das traduções e pode ser consequência de uma estratégia consciente do tradutor. Tendências opostas de sanitização e intensificação da prosódia semântica negativa são observadas na outra tradução.

Palavras-chave: estilo da tradução, estilística tradutória, Estudos da Tradução Baseados em Corpus, ponto de vista narrativo, Teoria da Avaliatividade, *Heart of Darkness*.

ABSTRACT

Studies in style ‘of’ translation (BAKER, 2000) have revealed important aspects of mediation in translation (associated, according to MALMKJAER 2004, with the mediator’s interpretation, the purpose of the original, of the translated text and the translation audience), including the translator’s individuality. In this context, Munday (2008) suggests that the author’s voice may be fragmented when there are several translators of a single author, understanding style as the textual expression of voice. This study aims to investigate this hypothesis in different translations of a single literary text, Joseph Conrad’s *Heart of Darkness* (1902), using Munday’s model for the analysis of translation shifts based on narrative point of view. The study is also motivated by the suggestion that corpus tools may complement literary analyses (STUBBS, 2005) and proposes an interface between these two areas by taking a literary essay as a starting point (McCLINTOCK, 1984). The corpus is comprised of the English source-text and two Brazilian translations. The texts are part of ESTRA, a corpus compiled to contribute to studies in style of translation of literary texts. Drawing on McClintock’s analysis, this study proposes to examine the representation of landscape in the translations as an avenue into their style. Epitomized by the word ‘unspeakable’, this representation is realized linguistically by means of negation (cf. McCLINTOCK 1985, STUBBS 2005), among other features. Negative words and affixes were therefore used as search words for the generation of concordance lines in the source-text using software *WordSmith Tools*© 6.0 (SCOTT, 2012). The lines were selected according to the theme of landscape, expanded to the level of the sentence and aligned for analysis using the online solution *YouAlign*. The methodology follows the descriptive stage of Malmkjaer’s approach (2003, 2004) using Munday’s model (2008), complemented by Appraisal Theory (MARTIN; WHITE, 2005). The findings show changes in the four planes of point of view, although those most relevant to the theme of ‘unspeakability’ are found in the psychological and ideological planes, construing different representations of the landscape. A distinctive feature of intensified graduation is also observed in one translation which may be the result of the translator’s conscious strategy. Opposing tendencies pointing to sanitization and intensification of negative semantic prosody are found in the other translation.

Keywords: style of translation, translational stylistics, Corpus-based Translation Studies, narrative point of view, Appraisal Theory, *Heart of Darkness*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Rede de sistemas de avaliatividade	32
FIGURA 2: Capas das edições que compõem o corpus	40
FIGURA 3: Dados estatísticos do corpus	44
FIGURA 4: Linhas de concordância com o nóculo <i>nothing</i>	46
FIGURA 5: Planilha parcial de linhas de concordância do TF	47
FIGURA 6: Planilha com corpus alinhado	50
FIGURA 7: Categorias de análise	52
GRÁFICO 1: Mudanças de avaliatividade em HOD_Trevisan e HOD_O'Shea	125

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Dados estatísticos gerais do corpus	55
TABELA 2: Sentenças e parágrafos do corpus	56
TABELA 3: Dados quantitativos das sentenças analisadas	57
TABELA 4: Negativas no TF e TTs	58
TABELA 5: Amplificações e Reduções nos TTs.....	61
TABELA 6: Subcategorias de amplificação e redução nos TTs	62
TABELA 7: Escolhas de HOD_Trevisan no Corpus do Português	117
TABELA 8: Escolhas de HOD_O'Shea no Corpus do Português	120

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Corpus de Pesquisa.....	40
QUADRO 2: Acréscimos/Ausência em HOD_Trevisan.....	63
QUADRO 3: ‘Nada’ em HOD_Trevisan	64
QUADRO 4: Acréscimos/Impalpabilidade em HOD_Trevisan	64
QUADRO 5: Acréscimos/ Particularidade em HOD_Trevisan	65
QUADRO 6: Omissões/ Particularidade em HOD_O’Shea.....	66
QUADRO 7: Omissões/ Intensificação fusionada em HOD_O’Shea.....	67
QUADRO 8: Omissões/ Detalhamento em HOD_O’Shea	69
QUADRO 9: Acréscimos/ Incompreensão em HOD_O’Shea	70
QUADRO 10: Transitividade/ Paisagem assertiva em HOD_Trevisan.....	73
QUADRO 11: Transitividade/ Percepção do narrador em HOD_Trevisan	76
QUADRO 12: Transitividade/ Irrealidade em HOD_Trevisan.....	77
QUADRO 13: Coesão lexical/ Repetição em HOD_O’Shea.....	79
QUADRO 14: Repetição em HOD_O’Shea	79
QUADRO 15: Coesão lexical/ Acréscimos em HOD_O’Shea	80
QUADRO 16: Significados/ Dimensão em HOD_Trevisan	82
QUADRO 17: Significados/ Quantidade em HOD_Trevisan.....	83
QUADRO 18: Significados/ Resistência em HOD_Trevisan	83
QUADRO 19: Significados/ Poder em HOD_Trevisan.....	84
QUADRO 20: Significados/ Causa-efeito em HOD_Trevisan	85
QUADRO 21: Significados/ Personificação em HOD_Trevisan.....	86
QUADRO 22: Significados/ Vulnerabilidade em HOD_Trevisan	86
QUADRO 23: Significados/ Irrealidade em HOD_Trevisan	87
QUADRO 24: Significados/ Fantasmagoria em HOD_Trevisan.....	88
QUADRO 25: Significados/ Indecifrabilidade em HOD_Trevisan	90
QUADRO 26: Significados/ Religiosidade em HOD_Trevisan	91
QUADRO 27: Significados/ Experiência em HOD_Trevisan	92
QUADRO 28: Significados/ Mudança de esferas em HOD_Trevisan.....	94
QUADRO 29: Significados/ Materialidade em HOD_O’Shea	96
QUADRO 30: Significados/ Paisagem menos assertiva em HOD_O’Shea	97
QUADRO 31: Avaliatividade/ Europeus em HOD_Trevisan.....	100
QUADRO 32: Avaliatividade/ População nativa em HOD_Trevisan	101

QUADRO 33: Avaliatividade/ Experiência psicológica em HOD_Trevisan	103
QUADRO 34: Avaliatividade/ Paisagem física em HOD_O'Shea.....	105
QUADRO 35: Avaliatividade/ Nativos em HOD_O'Shea	108
QUADRO 36: Modalidade em HOD_O'Shea	109
QUADRO 37: <i>Left-shifting</i> / Adjuntos de lugar em HOD_Trevisan	111
QUADRO 38: <i>Left-shifting</i> / Circunstâncias de modo em HOD_Trevisan	111
QUADRO 39: <i>Left-shifting</i> / Adjuntos de tempo em HOD_Trevisan	112
QUADRO 40: <i>Left-shifting</i> / Adjuntos de tempo em HOD_O'Shea	114
QUADRO 41: <i>Left-shifting</i> / Grupo verbal em HOD_O'Shea	114
QUADRO 42: Literariedade em HOD_Trevisan	117
QUADRO 43: Convencionalidade em HOD_Trevisan.....	119
QUADRO 44: Escolhas de registro acadêmico em HOD_O'Shea	120

LISTA DE SIGLAS

ESTRA	Corpus de Estilo em Tradução
ET	Estudos da Tradução
ETBC	Estudos da Tradução Baseados em Corpus
FALE	Faculdade de Letras
GETC	Grupo de Estudos do Estilo da Tradução em Corpora
LC	Linguística de Corpus
LETRA	Laboratório Experimental de Tradução da Universidade Federal de Minas Gerais
TF	Texto-fonte
TT	Texto traduzido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
WST	WordSmith Tools

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	REVISÃO DA LITERATURA	18
2.1	ESTILO DOS TEXTOS TRADUZIDOS	18
2.1.1	Ponto de vista narrativo e o modelo proposto por Munday (2008).....	26
2.1.2	Teoria da Avaliatividade	30
2.2	HEART OF DARKNESS EM ESTUDOS PRÉVIOS	33
2.2.1	Na perspectiva da Linguística de Corpus	33
2.3	HEART OF DARKNESS EM ESTUDOS LITERÁRIOS	35
3.	METODOLOGIA	38
3.1	CORPUS DE ESTUDO.....	38
3.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	41
3.2.1	Compilação, preparação e seleção do corpus	41
3.2.2	Procedimentos de análise	43
3.2.2.1	Levantamento dos dados quantitativos gerais do corpus	43
3.2.2.2	Levantamento e seleção das linhas de concordância no TF.....	45
3.2.2.3	Organização dos dados para análise.....	47
3.2.2.4	Alinhamento do corpus	49
3.2.2.5	Organização dos dados para análise.....	50
3.2.2.6	Análise preliminar e definição das categorias de análise	50
3.2.2.7	Contabilização e análise das mudanças.....	52
4.	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE	55
4.1	RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA.....	55
4.2	RESULTADOS DA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA DOS DADOS ESPECÍFICOS DO CORPUS.....	57
4.2.1	Amplificações e Reduções	61
4.2.1.1	HOD_Trevisan	63
4.2.1.2	HOD_O’Shea	66
4.2.1.3	Comparação entre os TTs.....	72
4.2.2	Ponto de vista psicológico: transitividade e coesão	73
4.2.2.1	HOD_Trevisan	73
4.2.2.2	HOD_O’Shea	78
4.2.2.3	Comparação entre os TTs.....	81

4.2.3	Pontos de vista psicológico e ideológico: padrões de significados denotativos e conotativos do léxico.....	81
4.2.3.1	HOD_Trevisan	82
4.2.3.2	HOD_O'Shea	96
4.2.3.3	Comparação entre os TTs.....	99
4.2.4	Ponto de vista ideológico: avaliatividade, prosódia semântica e modalidade.....	100
4.2.4.1	HOD_Trevisan	100
4.2.4.2	HOD_O'Shea	105
4.2.4.3	Comparação entre os TTs.....	109
4.2.5	Ponto de vista espaço-temporal: estrutura e dêixis	110
4.2.5.1	HOD_Trevisan	110
4.2.5.2	HOD_O'Shea	113
4.2.5.3	Comparação entre os TTs.....	116
4.2.6	Ponto de vista fraseológico.....	116
4.2.6.1	HOD_Trevisan	117
4.2.6.2	HOD_O'Shea	119
4.2.6.3	Comparação entre os TTs.....	121
4.3	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	121
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
	REFERÊNCIAS	134

1. INTRODUÇÃO

Os estudos de estilo “da” tradução (BAKER, 2000) têm revelado aspectos importantes da mediação tradutória (relacionada, segundo MALMKJAER 2004, à interpretação do mediador, ao propósito do texto original e traduzido e ao público-alvo da tradução) e ajudado a elucidar a relação entre aspectos microtextuais e extratextuais pertinentes ao contexto de produção da tradução, incluindo a individualidade do tradutor.

No âmbito do LETRA (Laboratório Experimental de Tradução da Universidade Federal de Minas Gerais), o grupo *GETC – Grupo de Estudos do Estilo da Tradução em Corpora* desenvolve uma linha de pesquisa única no cenário nacional. Vem contribuindo para a expansão dos estudos de estilo em textos literários traduzidos pela compilação de um corpus específico para este fim, o corpus ESTRA, e pelo desenvolvimento de estudos calcados na interface entre os Estudos da Tradução, a Estilística literária e os Estudos da Tradução Baseados em Corpus. A presente pesquisa vincula-se ao referido projeto, situando-se, no mapa do campo disciplinar dos Estudos da Tradução de Holmes (*apud* TOURY, 1995), no ramo de pesquisa básica, com orientação descritiva e orientada para o produto.

Uma das linhas de análise no corpus ESTRA (MAGALHÃES, 2014) é a investigação da hipótese da fragmentação da voz autoral (MUNDAY, 2008) decorrente da pluralidade de traduções produzidas a partir da obra de um autor. Munday (*ibid.*) investiga essa hipótese no par linguístico espanhol/inglês e com base em diferentes textos de um mesmo autor traduzidos por diferentes tradutores, propondo um modelo de análise para esse fim. A pesquisa ora proposta contribui para o aprimoramento e a sistematização de uma metodologia adequada ao estudo do estilo e da voz autoral em textos traduzidos ao investigar a hipótese de Munday (*ibid.*): a) no par linguístico inglês/português brasileiro; b) com base em duas traduções não apenas de um mesmo autor, mas de um mesmo texto - *Heart of Darkness*, o clássico de Joseph Conrad (1994 [1902]); e c) utilizando e explicitando o modelo de análise sugerido em Munday (2008), complementado ainda por Munday (2012).

O corpus de pesquisa é composto pelo texto original em inglês e por duas traduções brasileiras, produzidas em 1984 e 2008 pelos tradutores Hamilton Trevisan e José Roberto O’Shea, respectivamente. Justifica-se a escolha do corpus, em primeiro lugar, pelo ainda escasso volume de estudos linguísticos sobre a obra, como aponta Stubbs (2005), apesar de sua indiscutível relevância no campo da Literatura e dos incontáveis estudos já desenvolvidos nessa área. As pesquisas do LETRA contribuem para o preenchimento desta lacuna com estudos sobre as traduções da obra em português e espanhol e, desse modo,

contribuem também para uma interface entre os estudos linguísticos e literários sobre *Heart of Darkness* e sobre Conrad. Além disso, existem doze diferentes traduções em português, além de duas adaptações infantis, configurando um vasto campo para análise do fenômeno da tradução, da retradução e da adaptação.

O objeto deste estudo é o estilo como atributo textual (SALDANHA, 2011) ou estilo do texto traduzido (TT), com base nas abordagens de Malmkjær (2003, 2004) e Munday (2008). O que Saldanha (2011) define como estilo do tradutor é também de interesse, embora em um nível secundário, na medida em que pode ter influenciado o estilo dos textos analisados.

Adotou-se para este estudo um enfoque com base em análises literárias (principalmente McCLINTOCK, 1984) e uma análise estilística (STUBBS, 2005) do texto de Conrad, qual seja: a ‘indizibilidade’ da paisagem, ou seja, a representação desta na obra como expressão da perplexidade e da incompreensão do colonizador europeu diante da realidade africana. Esta representação se manifesta linguisticamente, sobretudo, por recursos de negação, como apontam os autores citados. Bosseaux (2007) comenta que, para analisar obras de ficção, é preciso apoiar-se nos trabalhos cruciais realizados a respeito das obras analisadas¹ e acrescenta que esses trabalhos guiaram sua interpretação sobre a intenção do autor no trabalho citado. Nesta pesquisa, estudos prévios guiaram a interpretação sobre o significado e o estilo do texto de Conrad.

Mais do que oferecer um ponto de partida, a adoção de ideias sugeridas em análises direcionadas para textos monolíngues (linguísticas ou literárias) em pesquisas de tradução permite que se verifique se essas interpretações são válidas também para as traduções dos textos em outras línguas, ampliando o conhecimento que se tem sobre as obras estudadas e, de outro lado, elucidando questões pertinentes ao fenômeno da tradução. O uso de recursos de corpora eletrônicos e *software* de análise textual tem papel fundamental nesses estudos por permitir que se abordem questões de crítica literária (TYMOCZKO, 1998) para fornecer-lhes uma base descritiva (STUBBS, 2005), validando ou invalidando essas análises mais subjetivas (McINTYRE; WALKER, 2010). Isto porque a metodologia de corpus possibilita um tipo de análise que não pode ser feita de modo manual e qualitativo (*ibid.*), permite identificar traços textuais ainda não percebidos por analistas humanos (STUBBS,

¹ No original: “... the type of study I propose argues that when analyzing works of fiction we need to rely on those critical works which have been conducted on the novels chosen for analysis.” (BOSSEAUX, 2007, p. 52).

2005) e contribui para a descrição e caracterização do comportamento linguístico de tradutores individuais (OLOHAN; BAKER, 2000).

A metodologia adotada nesta pesquisa é parcialmente baseada em corpus e faz uso de análise computacional com o *software WordSmith Tools*© 6.0 (WST) (SCOTT, 2012) para o levantamento dos dados e linhas de concordância que fundamentam a análise qualitativa. As etapas quantitativa e qualitativa funcionam de modo interdependente (cf. SEMINO e SHORT, 2004) e, para essa análise quali-quantitativa dos dados, adotou-se o modelo de análise de estilo de Munday (2008), que compreende categorias de tradução (ajustadas por outras leituras) e categorias relacionadas às metafunções da gramática sistêmico-funcional e associadas aos planos do ponto de vista narrativo.

Levando em conta esses pressupostos, os objetivos gerais desta pesquisa são:

- a) encontrar diferenças estilísticas nas traduções de *Heart of Darkness* de Trevisan (1984) e O'Shea (2008) em comparação ao texto-fonte (TF) e entre si quanto ao tema da indizibilidade da paisagem;
- b) confirmar ou não se as diferenças encontradas geram uma fragmentação da voz autoral de Conrad.

Para atingir esses objetivos, delinearam-se algumas perguntas de pesquisa que nortearam a análise, a saber:

- a) O efeito cumulativo dos recursos de negação na descrição da paisagem é recriado integralmente pelos tradutores?
- b) Que outros recursos léxico-gramaticais são utilizados diferentemente pelos tradutores e quais os seus efeitos nos significados textuais?
- c) Os padrões levantados nos TTs afetam os planos do ponto de vista narrativo (espaço-temporal, psicológico, ideológico, fraseológico)? De que modo?
- d) Que mudanças na representação da paisagem indizível podem ser apreendidas pelo quadro total de padrões levantados para cada TT?
- e) Há indícios para se falar em estilo do tradutor?
- f) É possível apontar fatores contextuais como possíveis motivadores das mudanças observadas em cada TT?
- g) Há diferenças entre os TTs que impliquem uma fragmentação da voz de Conrad em *Heart of Darkness* através de suas traduções em português brasileiro? Quais?

Diante dessas perguntas, os objetivos específicos da pesquisa são listados a seguir:

- a) confirmar se o uso dos recursos de negação na descrição da paisagem nas traduções de Trevisan e O'Shea mantém o padrão de proeminência motivada;
- b) encontrar outros padrões de mudanças revelados pelo corpus de textos traduzidos, relacionando-os ao ponto de vista narrativo;
- c) avaliar as implicações do conjunto de mudanças em cada texto traduzido para a questão da representação da paisagem;
- d) apontar, caso haja, quais diferenças entre os textos traduzidos (TTs) implicam a fragmentação da voz do autor em português brasileiro.

Esta dissertação contém, além desta Introdução, quatro capítulos.

O capítulo 1 apresenta uma revisão da literatura relevante a esta pesquisa, que inclui estudos de estilo de textos literários traduzidos e estudos sobre o corpus.

O capítulo 2 detalha a metodologia utilizada nesta pesquisa, incluindo os procedimentos e critérios de seleção, compilação e preparação do corpus, bem como os procedimentos e categorias de análise.

O capítulo 3 apresenta os resultados obtidos, iniciando pelos dados estatísticos do corpus fornecidos pela ferramenta *Wordlist* do WST (SCOTT, 2012) e passando à análise quali-quantitativa dos dados selecionados. Em seguida, procede-se à discussão dos resultados à luz das perguntas de pesquisa e dos resultados de trabalhos anteriores citados na revisão da literatura.

No capítulo 4, tecem-se as considerações finais, alinhando a pesquisa e apontando suas contribuições, limitações e possibilidades de continuação.

Por fim, apresentam-se as Referências Bibliográficas.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo contém duas seções. A primeira oferece um panorama dos estudos concernentes ao estilo dos textos traduzidos para situar a presente pesquisa. Descreve as duas abordagens de estilo que sustentam o presente estudo (MALMKJÆR 2003, 2004 e MUNDAY 2008, 2012) e apresenta estudos relevantes de estilo que dialogam com a presente investigação. A abordagem de Munday (2008, 2012) é aprofundada em duas subseções sobre, respectivamente, o modelo do ponto de vista narrativo (MUNDAY 2008) e a Teoria da Avaliatividade (MUNDAY 2012, com base em MARTIN; WHITE, 2005). Esses dois arcabouços constituem o aparato da análise que será relatada no terceiro capítulo.

A segunda seção é dedicada a estudos sobre o texto-fonte desta pesquisa, *Heart of Darkness* (CONRAD, 1994 [1902]). Subdivide-se em duas subseções, sendo a primeira uma revisão de uma análise estilística de corpus (STUBBS, 2005) sobre o texto e a segunda uma revisão de estudos literários também sobre HOD, notadamente a resenha (MCCLINTOCK, 1984) a partir da qual se desenhou o tema desta pesquisa.

2.1 Estilo dos textos traduzidos

A abordagem de estilo adotada nesta pesquisa se baseia em um modelo de análise de mudanças estilísticas em textos traduzidos proposto por Munday (2008) e dialoga também com a Estilística Tradutória de Malmkjær (2003, 2004) e os Estudos da Tradução Baseados em Corpus (ETBC).

Antes de entrar mais detalhadamente nesse modelo, convém fazer um breve panorama histórico dos estudos que se ocuparam de estilo e tradução.

Baker (2000) diferencia entre estilo ‘na’ tradução e estilo ‘da’ tradução. O segundo se refere à sua própria proposta de uma nova linha de pesquisa voltada para o estilo do tradutor. Os estudos de estilo ‘na’ tradução se baseavam em noções dos estudos literários e linguísticos que, basicamente, associavam o estilo a um determinado autor, gênero/registo ou período e, no caso da tradução, procuravam explicar as escolhas em termos dessas variáveis ou fornecer orientações prescritivas para a prática tradutória. Um exemplo do primeiro caso é o modelo de avaliação da qualidade da tradução de House (1977), que compreende estilo como variações no nível de formalidade e escolhas padronizadas em todos os níveis linguísticos.

Os estudos de estilo ‘da’ tradução, segundo Baker (2000), seriam aqueles voltados para o estilo de um tradutor, de um grupo de tradutores ou dos textos traduzidos de um determinado período. Esses estudos se tornaram possíveis e foram em muito facilitados pelo advento das ferramentas de corpus, inaugurando o campo dos ETBC. Com efeito, o interesse no estilo individual surgiu da constatação, em pesquisas de ETBC, de regularidades relacionadas a determinados tradutores. Baker (2000) define o estilo individual como um tipo de impressão digital do polegar que se manifesta em traços linguísticos e não linguísticos. Seu interesse recai mais sobre os hábitos linguísticos ‘subconscientes’ do tradutor do que sobre as escolhas conscientes. Desse modo, a abordagem de Baker (2000) aproxima-se mais da estilística forense, distanciando-se da estilística literária tradicional, que se concentra nas escolhas conscientes, de função artística.

Depois de Baker (2000), outros teóricos interessaram-se pelo estilo individual e/ou dos textos traduzidos, dialogando com a estilística literária e a estilística forense em diferentes graus. O panorama atual desses estudos abarca linhas de pesquisa que se distribuem, conforme seu enfoque e metodologia, em um contínuo (SALDANHA, 2014) que tem por extremos o estudo do estilo como atributo textual, de um lado, e como atributo pessoal, de outro. A presente pesquisa concerne ao estilo como atributo textual ou estilo da tradução, mantendo em mente que este estilo é inevitavelmente afetado pelo estilo pessoal do tradutor. Assim, embora o objetivo deste estudo não seja conhecer o estilo dos tradutores analisados, ele é levado em conta como possível explanação para os padrões estilísticos encontrados no texto. O que caracteriza primordialmente o enfoque desta pesquisa é uma preocupação com os significados construídos nos textos traduzidos.

Esta preocupação com o significado é inicialmente ressaltada, na perspectiva dos Estudos da Tradução que se preocupam com o estilo, por Malmkjær (2003). A pesquisadora apresenta uma abordagem semântica e pluralista do estilo, apoiando-se na Estilística de Short e em seu interesse pelo modo “como, quando lemos, passamos da estrutura do texto à nossa frente para o significado ‘em nossa cabeça’” (SHORT, 1994, p. 170) e compreendendo a relevância dos padrões linguísticos em relação à sua contribuição para o “significado total do texto” (citando SINCLAIR, 1982, p. 172). Tradicionalmente, na Estilística, é esta contribuição para a construção do significado global do texto que torna um padrão linguístico proeminente.

Convém explicitar melhor o conceito de proeminência que fundamenta a Estilística literária e também as abordagens dos teóricos da tradução que estudam o estilo, como Kirsten Malmkjær, Jeremy Munday e Gabriela Saldanha. Saldanha (2011) explica que o

conceito é fruto da contribuição de Halliday (1971) para as noções anteriores da Estilística. Entre essas noções, figuravam os conceitos de desvio (traço linguístico que se diferencia estatisticamente do padrão normal da língua), proeminência (traço que chama a atenção do leitor) e relevância literária (também chamada de desvio artisticamente motivado ou destaque (*foregrounding*) da Escola de Praga, refere-se à percepção do leitor quanto à contribuição dada pelo traço proeminente para o texto como obra literária) (LEECH; SHORT, 1981).

Halliday (1971, p. 112) entende o *foregrounding* como proeminência do tipo motivado, ou seja, que tem relação com as funções subjacentes da linguagem (nos níveis ideacional, interpessoal e textual). A motivação assim entendida é o que distingue, para ele, a “verdadeira proeminência” da proeminência “trivial” de tipo estatístico ou absoluto. A partir de Halliday (*ibid.*, p. 116), os conceitos de proeminência motivada e destaque passaram a ser compreendidos em função do texto, ou seja, das “opções linguísticas selecionadas pelo autor”, não mais da percepção do leitor ou das “questões psicológicas da resposta à literatura”. Para a análise dos padrões motivados, Halliday argumenta que basta uma “indicação geral das frequências” (*ibid.*, p. 117), que não constituem por si só uma análise, interpretação ou avaliação do estilo. Com base na contribuição de Halliday (1971), Saldanha (2011, p. 30) diz que um traço linguístico é estilisticamente relevante quando “é motivado, ou seja, significativo, e forma padrões coerentes de escolha”. Acrescenta ainda que, por “motivado”, não se deve entender necessariamente “intencional”. Citando Short (1996), em uma associação do conceito de Halliday com um construto da narratologia, ela explica que, mesmo que não inteiramente conscientes, esses padrões revelam o *mind-style* do autor e permitem que sejam feitas algumas observações gerais sobre seus “objetivos temáticos e estratégicos” (SALDANHA, 2011, p. 30). O *mind-style* será explorado na subseção sobre o ponto de vista narrativo.

Apesar de terem uma mesma preocupação semântica e se basearem na noção de proeminência motivada, Malmkjær (2003, 2004) propõe que os estudos de estilo dos textos traduzidos devam se diferenciar dos estudos estilísticos tradicionais por conta de uma questão seminal: a mediação do tradutor. É com base nesta questão que ela cunha e desenvolve o conceito de Estilística Tradutória. Malmkjær (2004) explica que, quando o interesse da pesquisa está na motivação do autor do texto traduzido, surge uma dificuldade relativa ao fato de que o escritor do texto é o tradutor, cuja liberdade criativa é restringida pelo próprio texto que traduz e cuja motivação obedece a fatores distintos daqueles que motivaram o escritor do texto-fonte. Assim, o objetivo da Estilística Tradutória é explicar “por que, dado um texto-

fonte, a tradução foi modelada de forma a significar o que significa” (MALMKJÆR, 2003, p. 39).²

Dado que o texto-fonte é um pressuposto da própria pergunta, para respondê-la é necessária e fundamental a comparação do TT com o TF, para a observação de regularidades significativas na relação entre eles. Este é o cerne da metodologia da ‘estilística tradutória’ e é a partir dele que surgem as questões mais interessantes quanto à motivação do tradutor, segundo a autora (2004).

A metodologia de Malmkjær (2003, p. 38) prevê duas etapas: na primeira, estritamente textual, busca-se responder *de que forma* o texto “significa o que significa”. Na segunda, *por que* o escritor do texto (o tradutor) teria escolhido “moldá-lo” daquela forma.

Para a segunda etapa, a autora considera ser necessário levar em conta fatores extralinguísticos que “ultrapassam em muito as relações entre as línguas envolvidas” (MALMKJÆR, 2003, p. 39) para englobar quatro parâmetros da mediação tradutória: (i) a interpretação do TF feita pelo mediador; (ii) o propósito da tradução; (iii) o fato de que este propósito pode diferir daquele do TF; e (iv) o público-alvo da tradução, também diferente daquele do TF (MALMKJÆR, 2004). Esses fatores encontram-se no contexto sociocultural de produção da tradução. Além desses, há questões das quais o tradutor pode ter maior ou menor consciência, como orientação política, ideológica ou de gênero. Essas últimas relacionam-se à individualidade do tradutor e são também abordadas nos estudos de estilo como atributo pessoal.

Para ilustrar a metodologia da Estilística Tradutória, Malmkjær (2003) analisa excertos de duas histórias de Hans Christian Andersen traduzidas por Henry William Dulcken e observa uma relutância deste tradutor em traduzir termos religiosos, bem como uma separação mais nítida na tradução entre as esferas humana e divina. Possíveis explicações para a motivação do tradutor Dulcken são encontradas em aspectos da sociedade inglesa vitoriana para a qual traduzia, como a visão de religiosidade (fator sociocultural), e na história pessoal de Dulcken, como o fato de seus pais não terem sido cristãos fervorosos (fator pessoal). Malmkjær (2004) analisa a tradução de Dulcken de um conto de Andersen e observa escolhas tradutórias que parecem apontar para uma narração mais sentimental, embora menos capaz de evocar empatia, e uma maior separação entre o secular, o divino e o sobrenatural. Na fase explanatória, tece observações sobre o público-alvo da tradução e o momento histórico da Inglaterra na época da publicação do TT.

² No original “...why, *given the source text*, the translation has been shaped in such a way that it comes to mean what it does.” (grifo da autora) (MALMKJÆR, 2003, p. 39).

Munday (2008) assinala a falta de detalhamento dos procedimentos de análise na metodologia de Malmkjær (2003, 2004) e o fato de que a análise se concentra nas escolhas motivadas ou conscientes do tradutor. Pode-se dizer que o modelo de Munday (2008) aceita os pressupostos da Estilística Tradutória, em primeiro lugar, por se concentrar na análise das mudanças na tradução ou *shifts*, feita a partir do cotejo entre TF e TT, como propõe Malmkjær (2004); em segundo lugar, porque suas análises também compreendem tanto a descrição textual quanto o exame da trajetória pessoal dos tradutores e do contexto de produção das traduções. Por outro lado, seu modelo de análise acrescenta a dimensão do ponto de vista narrativo, com base em Fowler (1977, 1996), Simpson (1993) e Uspensky (1973), associada à análise por metafunções baseada na Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1971, 2014). Além disso, seu interesse recai tanto sobre as escolhas retóricas conscientes quanto sobre as escolhas menos conscientes (os hábitos estilísticos e idioletais do tradutor) e sobre questões de ideologia que podem influenciar essas escolhas.

A abordagem de Munday (2008) pretende ser mais abrangente e de fato é bastante complexa por seu caráter interdisciplinar, que agrega conceitos dos Estudos da Tradução, da Narratologia, da Estilística Literária e da Estilística Tradutória, da Análise Crítica do Discurso e da Linguística de Corpus.

O estilo é abordado pela perspectiva da narratologia, com ênfase no conceito de ‘voz’. Munday (2008) distingue entre a voz no sentido narratológico e a voz que os tradutores em geral associam ao estilo, mais ligada ao ritmo e ao som.

No primeiro caso, da narratologia, a voz está mais relacionada ao contador da história (o narrador). Para incluir a figura do tradutor no modelo narratológico do processo narrativo, Schiavi (1996) propõe uma adequação do modelo e Munday (2008) modifica o diagrama de modo a enfatizar as relações entre autor implícito e tradutor implícito e entre autor real e tradutor real, ilustrando que o tradutor até certo ponto se apodera do texto, substituindo o autor, durante a tradução. Isso gera um texto que é um amálgama de vozes, cuja diferenciação não pode ser feita prontamente pelo leitor. Explicitando seu interesse pela presença da voz do tradutor no texto traduzido, Munday (2008) cita o interesse de Hermans (1996) na presença discursiva do tradutor, porém mostra que este tende a se concentrar apenas nas intervenções mais explícitas. Ainda assim, comenta que o próprio Hermans abre caminho para uma compreensão mais abrangente dessa voz ao mencionar a necessidade de um modelo da narrativa traduzida que explique os meios pelos quais ela se insinua no discurso.

Entre esses meios, está o fato de que os tradutores tendem a unificar a diversidade dialógica dos textos por se basearem em uma compreensão da voz autoral como manifestação

única para guiar sua interpretação dos textos. Munday (2008) cita comentários de tradutores referindo-se à voz autoral como algo que tentam ‘ouvir’ e que, portanto, está mais relacionada ao ritmo e ao som. Munday (*ibid.*) entende que há uma ligação entre os conceitos de voz da narratologia e o conceito de voz dos tradutores. Este último configura o estilo e é por meio de seu estudo que se pode acessar a voz no primeiro sentido, o narratológico. Para estudar o estilo/voz do tradutor, Munday (*ibid.*) retoma a colocação de Hermans (1996) de que é preciso comparar o texto traduzido com o texto-fonte, ou essa voz passará despercebida. Acrescenta ainda que são de interesse tanto as intervenções criativas quanto as padronizadoras, já que ambas são manifestações do estilo individual do tradutor.

O objetivo do estudo da voz do tradutor por meio da análise das mudanças estilísticas em TTs é, mais do que realizar um “inventário” das mudanças, verificar as “possíveis causas das variações” e as “implicações teóricas”, para os Estudos da Tradução, da aplicação de conceitos da Estilística e da Análise Crítica do Discurso na análise de textos traduzidos (MUNDAY, 2008, p. 6). Para isso, afirma que é preciso mapear os padrões encontrados nos textos aos macrocontextos de ideologia e produção cultural.

O estilo do tradutor é compreendido por Munday (2008) como impressão digital linguística (à semelhança de BAKER, 2000), ou traços que tornam identificável o trabalho de um tradutor. Inclui escolhas mais e menos conscientes, estas últimas resultantes do seu idioleto, explicado parcialmente através do conceito de primazia lexical de Hoey (2005). O estilo, portanto, é formado por padrões individuais influenciados por fatores ideológicos e idioletais.

Os padrões que caracterizam o estilo de um tradutor afetam “a voz narrativa do autor que ecoa através da voz do tradutor” (MUNDAY, 2008, p. 8). Essa interferência da voz do tradutor na do autor pode se dar de duas formas: de um lado, a voz autoral pode ser fragmentada quando há mais de um tradutor em uma mesma língua e, de outro, diferentes vozes autorais podem ser padronizadas na voz de um mesmo tradutor.

A presente investigação se concentra na primeira possibilidade, embora reconheça que o corpus, composto por apenas duas traduções de um mesmo texto, permite apenas uma verificação parcial da hipótese de fragmentação, uma vez que Munday (2008) analisa traduções de diversos textos de um mesmo autor feitas por diferentes tradutores. Além disso, devido à limitação temporal desta pesquisa, dá-se maior ênfase à descrição textual das mudanças nas traduções (ao ‘inventário das mudanças’ mencionado em MUNDAY, 2008, p. 6) do que à investigação da voz dos tradutores, o que constituiria uma segunda etapa da pesquisa. O estilo pessoal dos tradutores é entendido como elemento relevante que afeta o

estilo dos textos traduzidos, ocasionando (ou não) uma fragmentação da voz do autor do texto-fonte do corpus, Joseph Conrad.

Munday (2008) justifica o uso de um modelo da Estilística nos Estudos Descritivos da Tradução afirmando que os objetivos de ambas as áreas coincidem parcialmente, porém que o trabalho de Toury (1995) não teria a sistematicidade necessária para fins de replicabilidade, como almeja a Estilística. Assim, ele acrescenta que a maior contribuição da Estilística para os Estudos da Tradução foi o *toolkit* de Fowler (1996) para análise e descrição de textos. Esse *toolkit* se baseia em conceitos da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday e a análise é centrada nas realizações léxico-gramaticais de cada metafunção, associadas ao conceito narratológico de ponto de vista narrativo. O uso de um arcabouço sistêmico-funcional se explica, segundo Munday (2008), pela premissa de que pequenas mudanças no nível léxico-gramatical podem acarretar mudanças macroestruturais no texto. Além disso, este arcabouço está na base de algumas das correntes de Análise Crítica do Discurso que o pesquisador adota como interface. O modelo de Munday (2008) para o ponto de vista narrativo será detalhado em uma subseção à parte.

Em suma, o estilo para Munday (2008) é composto por duas camadas: o macronível do contexto ou registro, que abarca a semântica discursiva do texto; e o micronível das escolhas lexicogramaticais, que realizam a semântica discursiva do texto, tanto formando o ponto de vista narrativo (estilo do texto) quanto refletindo a primazia lexical, o idioleto, a experiência e as preferências estilísticas ‘subconscientes’ do autor do texto (estilo do tradutor). Para a análise do estilo, Munday (*ibid.*) ressalta ainda a importância do conceito de traço marcado. Quando o TF é mais marcado que o TT, pode haver normalização do TT; quando o TT é mais marcado, pode-se estar diante de padrões não usuais ou da impressão digital criativa do tradutor. Para o exame e confirmação da ‘marcação’ de traços linguísticos, Munday (*ibid.*) utiliza corpora comparáveis (corpora de referência das línguas), além dos corpora paralelos.

Munday (2008) analisa pares de TFs e TTs de ficção latino-americana à luz do macrocontexto ideológico de publicações sobre a América Latina em países de língua inglesa. Ele examina os efeitos na voz discursiva que se observam nas diferentes traduções, feitas por tradutores diferentes, de textos de Gabriel Garcia Márquez, bem como em textos de um mesmo tradutor, Gregory Rabassa, que traduz diversos autores. No trabalho dos três tradutores analisados, observa uma tendência geral à americanização do inglês que confere uma certa unidade à voz de Garcia Márquez nesta língua, mas pontua também as diferenças entre eles. Os traços que caracterizam o trabalho de Rabassa são observados acima de tudo a

partir do ponto de vista fraseológico, enquanto traços observados a partir do plano psicológico parecem variar conforme o autor do texto-fonte.

Magalhães e Assis (2009) examinam a representação de europeus e africanos em duas traduções brasileiras de HOD, utilizando um arcabouço da Semiótica Social. Observam uma personalização dos europeus, em contraste com uma impersonalização e uma manutenção da representação negativa dos africanos nas traduções.

Barcellos (2011) busca traços estilísticos dos tradutores na apresentação da fala, escrita e pensamento em duas traduções de HOD para o português brasileiro, uma delas a de José Roberto O'Shea (2008), também objeto do presente estudo. Ela observa padrões distintos entre os TTs, mas considera prematuro atribuí-los ao posicionamento ideológico dos tradutores. Por outro lado, considera que a explicitação parece estar relacionada ao estilo do tradutor, que também é influenciado pelo estilo do autor, porém não de modo determinante.

No Brasil, alguns estudos relevantes de estilo têm sido desenvolvidos e dialogam com a presente investigação. Magalhães e Novodvorski (2012) analisam as temáticas em um corpus paralelo composto por três obras de um mesmo autor traduzidas por um mesmo tradutor, baseando-se na chavicidade. São observados três campos semânticos que apontam para uma temática existencialista e são apontadas algumas mudanças no ponto de vista narrativo nos TTs.

Finalmente, é preciso citar um estudo que poderia ser enquadrado nos de estilo 'na' tradução conforme conceito apresentado acima, mas que teve papel importante na fase inicial do desenho desta pesquisa por incluir a análise estilística de um recurso que é tratado na presente investigação (a negação). Na perspectiva da Linguística textual e buscando investigar o universal da normalização, Scott (1998) analisa as estratégias utilizadas para a tradução do 'não' na tradução inglesa de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. O trabalho trata dos padrões de repetição que refletem um tema literário no texto-fonte e para os quais o tradutor pode dar diferentes graus de proeminência, inclusive evitando-os de modo a quebrar o padrão e criar um texto mais normalizado. Scott (*ibid.*) se reporta à teoria de coesão de Halliday e Hasan (1976), que tomam a reiteração como recurso coesivo para manter a continuidade do texto, mas acrescenta que a repetição tem um caráter paradoxal por produzir, paralelamente ao senso de 'mesmice' (SCOTT, 1998, p. 175), uma camada extra de significado. Por meio do software *WordSmith Tools*, ela observa que o uso da negativa na obra de Lispector forma um padrão perceptível de recorrência e distribuição uniforme, suscitando uma ideia de "‘nada’ existencial" (*ibid.*, p. 125). Apoiando-se também em corpora de referência e um corpus comparável, observa sete categorias de estratégias utilizadas para a

tradução do ‘não’ e conclui que há uma quebra do efeito cumulativo percebido no original, amenizando e dispersando a temática do ‘nada’. Uma das estratégias citadas, chamada de *litotes-like*, corresponde à tradução de “uma expressão” por “seu oposto”, como na tradução de ‘não esquecer’ por ‘remember’ (*ibid.*, p. 192).³ O uso cumulativo de negativas é também traço de HOD, como já foi brevemente mencionado na Introdução e será explicitado na resenha dos textos sobre HOD. Esse traço é investigado no corpus de TTs da presente investigação.

As próximas subseções aprofundam o modelo do ponto de vista narrativo (MUNDAY, 2008) e a Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005), também proposta por Munday (2012) para a análise dos textos traduzidos.

2.1.1 Ponto de vista narrativo e o modelo proposto por Munday (2008)

O ponto de vista narrativo, no contexto da ficção, refere-se à “perspectiva psicológica pela qual uma história é contada” (SIMPSON, 1993, p. 4-5). Diz respeito não à veracidade do texto, mas ao ângulo adotado na narrativa, ângulo este que reflete “posicionamentos e perspectivas” e comunica “atitudes e assunções” (*ibid.*, p. 2). O programa de análise textual proposto por Simpson (1993) se baseia na Estilística e na Linguística Crítica para examinar os recursos linguísticos utilizados e permitir que o analista consiga “ver através da linguagem” (*ibid.*, p. 8). Esse programa propõe uma gramática para a análise do ponto de vista que estabelece tipos de narrativas segundo o tipo de narrador e o uso da modalidade. O sistema da transitividade e a pragmática também compõem o programa, que abarca ainda questões de gênero e ideologia.

Desenvolvendo seu trabalho a partir de Fowler (1977, 1996) e Uspensky (1973), Simpson (1993) postula quatro categorias de ponto de vista, a saber: a) ponto de vista espacial, ou a posição visual assumida pelo narrador, ilustrada como o ângulo da câmera de um filme; b) ponto de vista temporal, relacionado ao fluxo temporal dos eventos relatados; c) ponto de vista psicológico, que se refere à mediação dos eventos pela consciência do contador da história; d) ponto de vista ideológico, que lida com os sistemas de valores e crenças refletidos e construídos pela linguagem. Munday (2008) condensa os dois primeiros planos de

³ Lítotes é uma figura de linguagem em que se faz uma afirmação positiva pela negação do contrário, geralmente com função de eufemismo. O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) dá, como exemplo, dizer que alguém “não está em seu juízo perfeito” para dizer que “está maluco”.

Simpson em um só (plano espaço-temporal) e acrescenta o plano fraseológico, com base em Uspensky (1973).

Esses planos e suas categorias de análise são descritos a seguir. Faz-se necessário citar também o artigo de Pagano (2008), que foi crucial para complementar e elucidar os apontamentos de Munday (2008) no sentido de trazer para a esfera linguística o arcabouço teórico de Simpson (1993).

O ponto de vista psicológico constitui o *mind-style* de um texto, que Fowler (1996) define como a visão de mundo de um autor, narrador ou personagem. Está relacionado ao tipo de narrador e, por associar-se à metafunção ideacional, é realizado no texto também e principalmente pelo aspecto denotativo dos itens lexicais e pelas estruturas de transitividade (MUNDAY, 2008). Sob a transitividade decidiu-se incluir nesta pesquisa as mudanças de papel temático, agência (incluindo mudança entre forma ativa/passiva), tipo de processo ou participante e relações de causa/efeito. A coesão, apesar de ser parte da metafunção textual, é incluída por Munday (2008) no ponto de vista psicológico por afetar o *mind-style* do texto.⁴ Como em geral o tipo de narração não muda nas traduções, é no restante das categorias que se observam mudanças. O ponto de vista psicológico pode também estar relacionado ao ponto de vista ideológico, já que pode ser usado para veicular um determinado argumento, principalmente em textos políticos ou de marketing. Um dos aspectos da transitividade frequentemente associado a questões ideológicas é o uso da forma passiva com omissão do agente (SIMPSON, 1993).

O ponto de vista ideológico se associa à metafunção interpessoal e pode ser analisado pelo sistema da modalidade, cujas estruturas permitem que o falante expresse sua avaliação dos eventos (MUNDAY, 2008). Simpson (1993) propõe uma “gramática modal do ponto de vista” para analisar a presença autoral e categorizar os tipos de narrativa e utiliza categorias da Pragmática, como implicatura e pressuposição, para a análise da ideologia veiculada nos textos. Na presente pesquisa, adotam-se para o plano ideológico as categorias propostas por Munday (2008), as indicadas por Pagano (2008) na metafunção interpessoal e o arcabouço da Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005). Este último é adotado por Munday em trabalho posterior (2012), desta vez não em associação ao ponto de vista narrativo.

⁴ Munday (2008) menciona que a coesão ajuda a produzir coerência psicológica. Citando Fowler (1996), explica que as estruturas paratáticas remetem a uma narração simples e ingênua, frequentemente usada em histórias infantis, enquanto as hipotáticas, principalmente quando há uma proeminência exagerada da coesão, remetem a textos filosóficos.

Munday (2008) cita para a análise deste plano os auxiliares modais (de obrigação, possibilidade, desejo ou necessidade), *verba sentiendi* (verbos de afeto, crença e opinião), adjetivos, advérbios ou outros elementos avaliativos e o uso de afirmativas categóricas nas quais a ausência de modalidade faz com que seja expresso como fato dado algo que é uma opinião. Pagano (2008) cita na metafunção interpessoal os epítetos atitudinais, ou adjetivos avaliativos (MUNDAY, 2008). Epítetos atitudinais ou interpessoais são aqueles que expressam “alguma avaliação do falante sobre o grupo nominal em questão” (FIGUEIREDO, 2007, p. 202-203), qualidade esta que não pode ser constatada pelo ouvinte, “pois os padrões e regras de qualificação dizem respeito apenas ao falante”. Nos epítetos experienciais ou descritivos, ao contrário, a qualidade pode ser constatada segundo algum padrão ou regra, por “referência endofórica” (o próprio texto) ou “exofórica” (o contexto ou experiência de mundo construída pela gramática da língua) (*ibid.*, p. 208-209).

Pagano (2008) cita também, na metafunção interpessoal, os “significados conotativos do léxico” (p. 262). Nesta pesquisa, a análise da conotação é complementada pela de prosódia semântica, conceito proposto inicialmente por Sinclair (1987, 1991) e desenvolvido por Louw (1993). Sinclair (1991), ao verificar em corpus o uso de alguns itens lexicais, como o verbo ‘*happen*’, observa uma maior frequência de determinados itens em associação a eventos negativos. Louw (1993, p. 159) explica que os colocados habituais de um item lexical têm o poder de “colori-lo”, de modo que ele passa a não mais ser visto “isolado dessa prosódia semântica”. Sinclair (2004, p. 34) comenta que a prosódia semântica tem um papel fundamental na “integração de um item com seu entorno”, expressando algo que diz respeito à “função” do item. Louw (2000) diferencia a conotação da prosódia semântica, associando a primeira ao conhecimento esquemático, ou seja, de eventos que se repetem, e a segunda, mais funcional e atitudinal, ao ‘tom’ conferido pelos colocados de uma palavra. Sardinha (2004, p. 40) define a prosódia semântica como “associação entre itens lexicais e conotação (negativa, positiva ou neutra) ou instância avaliativa” e sublinha sua relevância nos Estudos da Tradução por dizer respeito a significados que não são apresentados em dicionários. Esse fato é ressaltado também por Munday (2011, p. 173), para quem uma prosódia semântica inesperada no texto traduzido pode levar a um “embaçamento ou distorção do efeito”. A Teoria da Avaliatividade (TA), também adotada na presente pesquisa para auxiliar a análise do ponto de vista ideológico, é detalhada na subseção seguinte.

O ponto de vista espaço-temporal diz respeito à localização a partir da qual um evento é narrado e ao seu fluxo sequencial (MUNDAY, 2008). Simpson (1993) e Uspensky (1973) consideram os pontos de vista espacial e temporal como subsistemas do psicológico, já

que guiam a percepção dos eventos pelo leitor. Este plano relaciona-se com a metafunção textual e é realizado nas escolhas de tempo verbal, dêixis e sequenciamento de elementos (tema/rema), aqui chamado de estrutura da oração ou da sentença. Convém ressaltar um problema relativo à categorização dessas mudanças de estrutura. Como aponta Pagano (2008, p. 271), há casos em que os “deslocamentos temáticos (...) são decorrentes e, ao mesmo tempo, geram mudanças no sistema da transitividade”. Assim, as mudanças de estrutura que se convencionou associar ao ponto de vista espaço-temporal nesta pesquisa são aquelas que não têm implicação para a transitividade. A estrutura coesiva geral (parataxe/ hipotaxe) é citada por Munday (2008) também neste plano, além do psicológico, mas para fins metodológicos optou-se nesta pesquisa por empregar na análise do plano espaço-temporal apenas elementos que se relacionassem diretamente com a localização espacial e temporal da narrativa, como os adjuntos circunstanciais de lugar e tempo, ou com a ordem de apresentação dos eventos na estrutura da sentença.

O ponto de vista fraseológico diferencia-se dos anteriores por não estar associado a uma metafunção, mas ao tipo textual ou a preferências/ idioleto do tradutor. Munday (2008) explica os motivos por que optou por adotá-lo. Entre eles, comenta que é pela fraseologia que se distinguem as vozes e que o uso de formas estrangeiras é muito comum em traduções. Este plano perpassa ambos os aspectos do estilo na abordagem de Munday (2008): o ponto de vista narrativo e o idioleto do tradutor. É expresso, segundo o autor, nas formas de nomeação e endereçamento de personagens, na apresentação do discurso (não abordada neste estudo devido ao seu escopo e enfoque) e no uso de formas estrangeiras e não convencionais, expressões idiomáticas, recursos sonoros e poéticos.

Além das categorias linguísticas citadas no modelo, Munday (2008) incorpora categorias de análise de traduções, como: o decalque, que se entende como a manutenção das escolhas lexicais ou estruturas sintáticas do TF na medida do sistemicamente possível na língua-alvo; a amplificação de formas ou da sintaxe, para a qual dá exemplos de desdobramento do significado de uma palavra em mais de uma e de desmetaforização no TT; a concisão ou economia sintática, para a qual dá exemplos de uso de pré-modificadores compostos (na tradução para o inglês), de supressão sintática (omissão) e do uso de equivalentes idiomáticos mais curtos; e a simplificação das sentenças, ou sua divisão em períodos menores.

Para as categorias de análise da tradução optou-se nesta pesquisa por utilizar terminologia e definições adaptadas de Molina e Hurtado Albir (2002) e Pekkanen (2010). As duas categorias principais foram chamadas de ‘amplificação’ e ‘redução’, cada qual

subdividida em duas subcategorias: ‘acrécimo’ e ‘expansão’, no caso de amplificação, e ‘omissão’ e ‘contração’, no caso de redução. A expansão compreende instâncias de “palavra expandida para grupo” e “palavra/grupo expandido para oração” e a contração, instâncias de “grupo contraído em palavra” ou “oração contraída em grupo/palavra” (PEKKANEN, 2010, p. 71). As subcategorias de ‘acrécimo’ e ‘omissão’ são entendidas aqui como a inserção ou a eliminação “injustificada” de elementos (DELISLE, *apud* MOLINA; HURTADO ALBIR, 2002, p. 505), ou seja, que não é derivada do TF.

Em suas análises, Munday (2008) associa as mudanças nas categorias de tradução aos seus efeitos nos planos do ponto de vista. Por exemplo, cita exemplos de amplificação e concisão (ou ‘redução’, segundo terminologia adotada) que afetam o *mind-style* do texto.

2.1.2 Teoria da Avaliatividade

A Teoria da Avaliatividade (TA) foi desenvolvida a partir do final da década de 1980 por pesquisadores australianos afiliados à Linguística Sistêmico-Funcional como uma rede de sistemas que se expande a partir da metafunção interpessoal. Esse trabalho foi feito com base em corpora de língua inglesa e a teoria tem sido usada principalmente para estudo de textos dos gêneros acadêmico e jornalístico, como aponta Munday (2012). Ainda são escassas suas aplicações para a língua portuguesa, para textos literários e para textos traduzidos.

A TA concerne a questões de posicionamento (*stance*) ou avaliação (*appraisal*) reveladas pelos falantes quanto ao material apresentado e às pessoas com quem se comunicam (MARTIN; WHITE, 2005). A avaliatividade está localizada na semântica do discurso, como explicam os autores, porque a realização de uma atitude do falante tende a se espalhar por várias categorias gramaticais, sendo necessário que o analista se distancie da léxico-gramática para conseguir uma generalização sobre o significado avaliativo observado no texto.

Há três tipos simultâneos de avaliatividade: atitude, engajamento e gradação. Segundo Martin e White (2005), a atitude diz respeito à construção dos sentimentos no texto e envolve três regiões semânticas: emoção, ética e afeto. O engajamento diz respeito aos recursos linguísticos utilizados pelos falantes para adotar um posicionamento quanto aos valores referidos no texto e quanto às pessoas com quem se comunicam. A gradação diz respeito à amplificação ou redução das avaliações atitudinais e de engajamento. Os sistemas de atitude, engajamento e gradação operam conjuntamente como elementos de “complexos integrados de significado” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 159).

O sistema de atitude se abre para três opções: a) ‘afeto’, relacionado às emoções e que se desdobra, no nível seguinte de delicadeza, em ‘(in)felicidade’, ‘(in)segurança’ e ‘(in)satisfação’; b) ‘julgamento’, relacionado à ética no comportamento das pessoas e que se desdobra, no nível seguinte de delicadeza, em ‘estima social’ (valores relacionados às pessoas do convívio do falante) ou ‘sanção social’ (valores relacionados à lei), sendo que o julgamento de ‘estima social’ pode ainda ser de ‘normalidade’, ‘capacidade’ e/ou ‘tenacidade’ e o julgamento de ‘sanção social’ de ‘veracidade’ e/ou ‘propriedade’; c) ‘apreciação’, relacionado à estética das coisas, pessoas e fenômenos semióticos e naturais, que se desdobra, no nível seguinte de delicadeza, em ‘reação’ (a coisa nos agrada?), ‘composição’ (equilíbrio e complexidade da coisa) e/ou ‘valor social’ (inovação, autenticidade – a coisa vale a pena?), sendo que a ‘reação’ pode ainda ser de ‘impacto’ e/ou ‘qualidade’ e a ‘composição’, de ‘proporção’ e/ou ‘complexidade’.

No sistema da atitude, simultaneamente aos tipos de atitude, há os sistemas de polaridade, com as opções ‘positiva’ ou ‘negativa’, e tipo de realização, com as opções ‘inscrita’ (realizada explicitamente) ou ‘evocada’ (realizada implicitamente). Esta última se abre ainda para as opções ‘provocar’ (quando há metáfora lexical) ou ‘convidar’ (quando há ‘sinalização’ por gradação ou ‘propiciamento’ pela seleção de significados ideacionais que evocam avaliação).

O sistema do engajamento se abre para duas opções: a) ‘monoglossia’, relativa a asserções categóricas que não se abrem à dialogia; ou b) ‘heteroglossia’, relativa ao reconhecimento do falante de que existem outras vozes, e que pode se dar por ‘contração’ (quando o enunciado desafia, afasta ou restringe o escopo de posições alternativas) ou ‘expansão’ (quando o enunciado abre espaço para posições alternativas), sendo que a ‘contração’ tem no nível seguinte as opções ‘discordância’ (‘negação’ ou ‘contraexpectativa’) ou ‘proclamação’ (‘concordância’, ‘pronunciamento’ ou ‘endosso’) e a ‘expansão’ tem no nível seguinte as opções ‘entretenimento’ ou ‘atribuição’ (‘reconhecimento’ ou ‘distanciamento’).

O sistema da gradação se abre para dois sistemas, de tipo (‘força’ e/ou ‘foco’) e direção (‘aumento’ ou ‘diminuição’). O tipo ‘força’ ajusta as avaliações/interpretações do falante quanto à sua intensidade ou quantidade, abrindo-se para as opções ‘intensificação’ (de qualidades ou modalidade) ou ‘quantificação’ (de entidades). A ‘intensificação’ pode ser de ‘qualidade’ ou ‘processo’ e a ‘quantificação’, de ‘quantidade’, ‘volume’ ou ‘extensão’. O tipo ‘força’ é simultâneo com o sistema de tipo de realização da força, com as opções ‘isolada’ (gradação realizada por um item lexical individual) e ‘fusionada’ (gradação fusionada a outro

significado em um mesmo item lexical). O tipo ‘foco’ ajusta as avaliações do falante quanto à prototypicalidade e precisão de uma categoria. A FIG. 1 apresenta os sistemas descritos acima e é importante frisar que não se trata da rede completa, uma vez que os sistemas e opções que não foram utilizados nesta pesquisa não foram incluídos na descrição fornecida acima ou no esquema a seguir.

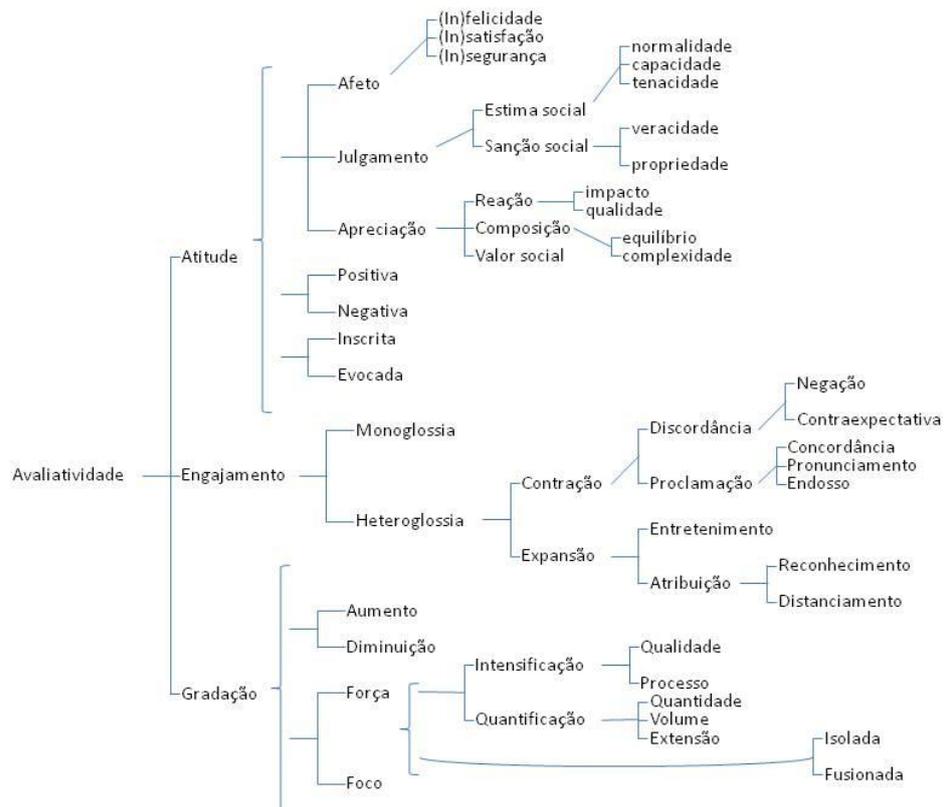


FIGURA 1: Rede de sistemas de avaliatividade

Fonte: a partir de MARTIN; WHITE (2005) e TABOADA (s.d.)

Munday (2012) comenta que poucas vezes se usou a teoria para os estudos da tradução e, nos casos em que isso ocorre, a análise se restringe ao sistema da atitude. Sua proposta é testar a validade da teoria para a análise de traduções, buscando descobrir quais partes do modelo são críticas para o trabalho do tradutor. Essas partes, chamadas de pontos ‘value-rich’ (MUNDAY, 2012, p. 41), seriam aquelas que mais sofrem mudanças nas traduções e que têm maior potencial interpretativo e avaliativo, sendo portanto capazes de revelar os valores dos tradutores. Munday (*ibid.*) comenta que, no caso da tradução, a base da avaliatividade muda e que, quando as diferenças linguísticas e culturais são muito grandes ou quando o propósito da tradução é muito diferente daquele do TF, muitos pontos do texto

podem ser afetados. Ele acrescenta que é ainda mais importante para a compreensão do processo da tradução no nível micro a descoberta dos valores inseridos no texto pelo tradutor, talvez de modo não totalmente consciente, e que a teoria da avaliatividade pode se prestar a esse fim.

Para isso, analisa o registro da interpretação simultânea do discurso inaugural de Barack Obama em espanhol e outras línguas, examina a visão de tradutores técnicos sobre o que são pontos críticos na tradução, pesquisa o processo de tomada de decisão na tradução literária e realiza um experimento envolvendo a análise de várias traduções de alunos de tradução para um mesmo excerto de Jorge Luis Borges.

Na tradução literária, Munday (*ibid.*) observa como pontos críticos (*value-rich*) os nomes e descrições raciais, que podem revelar a ideologia e subjetividade do tradutor; termos técnicos referentes à fauna e à flora e termos específicos da cultura-fonte (no caso, peruvianismos), que tendem a ser padronizados nos TTs; os títulos dos livros, por atraírem e criarem expectativas nos leitores dos TTs; e atitudes evocadas sutilmente que podem vir a ser explicitadas nos TTs. Mas ressalta que há restrições contraditórias entre legibilidade, concisão e sentido original, de modo que o resultado da negociação de significado entre autor, tradutor e revisor não é clara, podendo haver intensificação e perda de intensificação de aspectos do TT entre as fases de tradução e revisão.

Na próxima seção deste capítulo, apresentam-se estudos sobre o texto-fonte utilizado nesta pesquisa, *Heart of Darkness* (CONRAD, 1994 [1902]). A seção subdivide-se em duas, sendo a primeira dedicada a uma análise estilística de corpus e a segunda a uma resenha literária sobre a obra.

2.2 HEART OF DARKNESS EM ESTUDOS PRÉVIOS

Os dois artigos sobre HOD que serviram de base para esta pesquisa provêm de áreas distintas, mas apresentam resultados convergentes e por isso puderam ser tomados em conjunto para formar uma interpretação do TF que permitiu a definição do tema ou tópico semântico da presente investigação. Esses estudos são apresentados nas próximas duas subseções.

2.2.1 Na perspectiva da Linguística de Corpus

Da perspectiva dos estudos de *corpora* monolíngues, Stubbs (2005) propõe o uso de ferramentas de corpus para a análise estilística, utilizando *Heart of Darkness* como objeto de análise. Seu objetivo é mostrar que essas ferramentas podem gerar resultados impossíveis de serem obtidos de outra forma, contribuindo efetivamente e de modo original com os estudos literários.

Um dos traços apresentados no artigo sobre HOD é a alta frequência de palavras com prefixos negativos (aproximadamente 200), a maior parte adjetivos, sendo os principais: *impossible/ity* (12), *uneasy/iness* (8), *unexpected/ness* (7), *impenetrable* (6), *inconceivable/ly* (7), *incredible* (5), *indistinct/ly* (5), *intolerable/ly* (5), *unknown* (5), *incomprehensible* (4), *inscrutable* (4), *unearthly* (4), *unsound* (4). Além disso, há 50 palavras com o sufixo *-less*, como *colourless* e *heartless*, e ainda 500 ocorrências de palavras negativas como *no*, *not*, *never*, *nothing*, *nobody* e *nowhere*, mais outras 50 ocorrências de *without*. O número total de ocorrência dessas palavras negativas seria próximo a 800, ou duas a cada 100 palavras. Constituem, portanto, um padrão marcado e proeminente no TF.

Stubbs (2005) comenta que esse padrão de negativas provavelmente contribui para a construção daquilo que irrita Chinua Achebe⁵: a representação de um mundo estranho e incompreensível pela razão. Isto porque, segundo ele, uma afirmação negativa geralmente pressupõe que se esperaria uma afirmação positiva e que, na obra, este recurso é utilizado para mostrar o quanto a África difere daquilo que é familiar ao personagem-narrador Marlow. Assim, se Marlow diz que a costa é *formless*, isto é relevante porque geralmente se espera que uma costa tenha forma. Stubbs (*ibid.*) cita alguns teóricos da literatura para estender a discussão sobre o papel da negação de, por exemplo, negar expectativas e desafiar assunções prévias.

Kenny (2001) comenta que os *switch points* (citando SINCLAIR 1987) são momentos em que uma colocação atípica ocasiona no leitor uma mudança do modo de interpretação porque o princípio da escolha aberta (paradigmático) entra em ação, quebrando o princípio fraseológico (sintagmático).⁶ Essas colocações representam um tipo de padrão marcado que o tradutor pode ou não recriar, segundo a pesquisadora.

5 Em 1977, o intelectual nigeriano Chinua Achebe escreve um artigo (*An image of Africa: racism in Conrad's Heart of Darkness*) em que acusa Conrad de racismo e de desumanizar os africanos em sua obra.

6 O princípio da escolha aberta (*open-choice principle*) é descrito por Sinclair (1991) como o modo habitual de descrever a língua, que a entende como uma sequência de *slots* ou espaços que vão sendo preenchidos a partir do léxico individualmente e sob um mesmo conjunto de restrições. O princípio fraseológico (*idiom principle*), segundo o autor, explica que o falante tem à disposição uma série de blocos lexicais pré-construídos que constituem escolhas únicas.

Stubbs (2005) pontua que alguns dos traços levantados e apontados no artigo, como as negativas, contrastes, referências espaciais abstratas e expressões lexicais e gramaticais de vagueza contribuem para a construção dos temas de incerteza, de conhecimento equivocado e de expectativas falhas. Por outro lado, há padrões fraseológicos na obra que são também comuns no uso corrente da língua inglesa, o que poderia explicar parcialmente a popularidade da obra.

2.3 HEART OF DARKNESS EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Em uma resenha literária sobre *Heart of Darkness*, a pesquisadora australiana Anne McClintock (1984, p.38) desenvolve o argumento de que existe, entre as origens históricas do texto e a obra em si, uma área de “sombra ideológica” que se revela na representação e na ideologia da paisagem. Investigar “qual ideia do cosmos a paisagem de Conrad secretamente configura”, para a autora, serve para “restituir a obra ao seu momento histórico” (*ibid.*, p. 38).

Ainda segundo McClintock (1984), o Congo da obra não corresponde ao Congo dos livros de história, mas representa, na verdade, um terreno psicológico:

O Congo de *Heart of Darkness* é um país mental, um mundo imaginário colonizado para a literatura ocidental, onde o fim do séc. XIX, acordando do sonho do Palácio de Cristal, poderia começar a enfrentar a horda de irracionalidades que brotavam à sua volta. (McCLINTOCK, 1984, p. 52)⁷

Também Italo Calvino disse de Conrad que ele intuiu “o momento crucial do pensamento burguês em que o otimismo racional perdia as últimas ilusões e uma erupção de irracionalismos e misticismos ganhava terreno” (*apud* ALVARENGA e DUARTE, 2010). McClintock (1984, p. 46) sugere que se preste menos atenção aos fatos históricos do Congo da época do que ao “trauma ideológico” que perpassa a obra.

Essa primazia da percepção subjetiva sobre a descrição objetiva encontra respaldo em Watt (2006):

Heart of Darkness é essencialmente impressionista de um modo bastante especial, mas também geral: aceita, e de fato assevera, em sua própria forma, a natureza limitada e ambígua da compreensão individual; e como a compreensão que se busca é de um tipo interno e experiencial, podemos descrever a base do método narrativo da obra como impressionismo subjetivo e moral. (WATT, 2006, p. 355)⁸

7 No original “the Congo of *Heart of Darkness* is a country of the mind, a dream-world colonized for western literature where the late nineteenth-century, waking from its dream of the Crystal Palace, could begin to contend with the horde of irrationals springing up around it” (McCLINTOCK, 1984, p. 52) .

8 No original “*Heart of Darkness* is essentially impressionist in one very special and yet general way: it accepts, and indeed in its very form asserts the bounded and ambiguous nature of individual understanding; and because

Watt (2006, p. 355) acrescenta que uma das funções de Marlow é representar “o quanto o homem não pode saber”.

Segundo McClintock (1984, p.42), o encontro de Marlow com a paisagem africana reflete um momento “recorrente, quase ritualístico” da narrativa colonial: “o momento da crise verbal e visual em que o invasor colonialista se encontra perplexo ante uma paisagem inexpressível”. Assim, à beira de um mundo desconhecido, Marlow descobre que os limites da paisagem familiar são também os limites da linguagem e da percepção privilegiada.

O uso de palavras e afixos negativos é citado pela pesquisadora por tipificar a dificuldade enfrentada por Marlow:

...o afixo negativo carrega um valor temático por si só, sinalizando que o mundo pode ser conhecido e descrito apenas em termos do que não é. O afixo negativo é uma marca gramatical da inescrutabilidade do universo e do conseqüente fracasso da mimese. (McCLINTOCK, 1984, p. 46).

O aspecto da indizibilidade ou o “triunfo do inenarrável” (McCLINTOCK, 1984, p. 41), expresso por descrições contraditórias e pelo uso de negativas, se resume na palavra *unspeakable*, escolhida por McClintock para o título de sua análise na colocação *unspeakable secrets*, em uma referência intertextual com o texto de Joseph Conrad.

O percurso da relação de Marlow com a natureza que o circunda, tal como descrito por McClintock (*ibid.*), pode ser resumido nas seguintes etapas:

- a viagem narrada é vista como uma jornada ao “centro da terra” e o cosmos aparece atrelado à ideia da busca pela interioridade;
- a “jornada mística” (McCLINTOCK, 1984, p. 40) logo se revela corrompida e maculada por interesses materiais na forma do comércio colonial, prefigurando “o colapso iminente desta ideia (de centro) no pensamento ocidental” (*ibid*, p. 38);
- a paisagem natural desafia a compreensão de mundo de Marlow, que vivencia o “fracasso da mimese” (*ibid*, p.52); a natureza é descrita por epítetos negativos ou contraditórios, o que lhe confere um aspecto remoto e irreal;
- tentando resistir às implicações e à crise existencial gerada pelo absurdo, Marlow antropomorfiza a natureza, projetando nela seu fracasso interpretativo; ele a vê como inerentemente hostil, petrificada, silenciosa e primitiva, pré-histórica;

the understanding sought is of an inward and experiential kind, we can describe the basis of its narrative method as subjective moral impressionism”.

- a natureza finalmente começa a revelar seus segredos na forma da população nativa que, desumanizada e fundida com a paisagem, revela-se para Marlow como sendo a presença que ele sente a observá-lo constantemente. Mas não se trata de uma reconciliação e sim de algo intolerável, que exemplifica a crise do pensamento colonial.

Iniciando-se com a inversão do papel dos colonizadores de portadores da luz para peregrinos em uma busca sagrada, a trajetória de Marlow e seus companheiros passa pelo confronto com o absurdo e com o fracasso da mimese para terminar em um retorno à interioridade e à projeção da irracionalidade nos africanos. Em resumo, pode-se dizer que os aspectos da representação da natureza que caracterizam seu caráter ideológico, para McClintock (1984), seriam a mistificação, a indizibilidade, a antropomorfização e a atribuição de irracionalidade.

Finalmente, o embasamento teórico para o presente estudo, em vista do seu objeto, permite desenvolver a etapa descritiva da metodologia de Malmkjær (2003, 2004), utilizando-se para a descrição textual o modelo do ponto de vista narrativo proposto por Munday (2008), complementado pela Teoria da Avaliatividade (MARTIN; WHITE, 2005; MUNDAY, 2012). O estilo é abordado a partir de um tópico semântico apreendido a partir das leituras de McClintock (1984) e Stubbs (2005, 2005), qual seja, a indizibilidade da paisagem.

O próximo capítulo aborda a metodologia adotada nesta pesquisa para o estudo do estilo com auxílio das ferramentas de corpus.

3. METODOLOGIA

Este capítulo apresenta a metodologia que pautou a presente pesquisa e é composto por duas subseções. A primeira descreve o corpus de estudo e apresenta os tradutores das obras traduzidas. A segunda relata os procedimentos adotados e, por sua vez, se divide em duas partes, sendo a primeira referente aos procedimentos de seleção, compilação e preparação do corpus e a segunda referente aos procedimentos da análise propriamente dita.

3.1 CORPUS DE ESTUDO

O corpus paralelo para esta pesquisa é composto pelo clássico de Joseph Conrad, *Heart of Darkness* (1994 [1902]), e duas traduções brasileiras, sendo uma do primeiro bloco de traduções da obra, publicadas em 1984, e outra publicada em 2008, entre as mais recentes. Os motivos para a escolha dessas traduções serão explicitados mais à frente. As obras fazem parte do corpus ESTRA (MAGALHÃES, 2014), que atualmente conta com 79 arquivos de texto e 3.611.680 itens. Para *Heart of Darkness*, o corpus conta com 12 traduções brasileiras, quatro portuguesas e quatro espanholas.

Heart of Darkness é um dos clássicos da literatura inglesa. Publicado em 1989 em três edições da revista *Blackwood's Magazine* - em formato de folhetim - e, em 1902, em formato de livro, tem sido objeto de incontáveis estudos literários e figura como leitura obrigatória em diversos cursos de Letras e Literatura, não só na Inglaterra, mas em todo o mundo. É também extensamente traduzida. O *Index Translationum* da UNESCO, por exemplo, traz 158 traduções para *Heart of Darkness*. No Brasil, há 12 traduções e duas adaptações infantis da obra, o que a torna um excelente objeto de estudos no campo dos Estudos da Tradução.

O enredo baseia-se na experiência de Conrad como funcionário da Marinha belga em colônias na África ocidental, em especial no atual território do Congo, onde esteve entre 1890 e 1894 trabalhando para a *Société Anonyme Belge pour le Commerce du Haut-Congo*. Durante esse período, o autor, ucraniano de origem polonesa que passou a infância em exílio e foi criado por um tio após a morte dos pais, sofreu um colapso físico e mental que se somaria ao seu temperamento já depressivo e teria ecos em sua saúde até o fim de seus dias. A experiência no Congo reflete-se também em sua literatura, à qual passou a dedicar-se após retornar a Londres e abandonar sua bem-sucedida carreira na marinha. O diário escrito no Congo serviria de base para *Heart of Darkness*.

A maior parte da obra é narrada em primeira pessoa pelo personagem Marlow, a bordo do *Nellie*, uma embarcação atracada no rio Tâmis. Há um primeiro narrador, também interno à narrativa, na verdade um dos ouvintes de Marlow no barco atracado no rio Tâmis. Esse narrador inicia a narrativa e logo passa o turno a Marlow, reaparecendo apenas brevemente no meio e no final da obra. O relato de Marlow a seus companheiros narra sua saga como comandante de um barco a vapor para uma empresa europeia de exploração de marfim, em expedição pelo rio Congo transportando o produto de um posto a outro. Além disso, é-lhe dada a missão de resgatar um misterioso chefe de posto que se encontra incomunicável e possivelmente louco. No caminho, a curiosidade de Marlow sobre o homem por trás da lenda vai aumentando conforme percebe a aura de admiração que parece circundá-lo. Os relatos permitem entrever que Kurtz está roubando marfim, que “aparentemente enlouqueceu, é venerado como um Deus pela população local, parece ter uma amante africana e pode estar envolvido com canibalismo” (STUBBS, 2005, p. 7)⁹. Finalmente, Marlow encontra Kurtz à beira da morte e louco e o vê morrer exclamando a célebre frase: “o horror, o horror!”. De volta à Europa, Marlow visita a noiva de Kurtz, para quem mente, dizendo que ele morreu repetindo seu nome.

Em sua jornada, Marlow testemunha a precariedade da estrutura da companhia e do seu próprio barco, o comportamento brutal dos funcionários, os horrores da escravidão dos negros, os perigos e a impenetrabilidade da selva, os efeitos do isolamento e o confronto com a irracionalidade inerente ao ser humano, que vem à tona em experiências extremas como a relatada. Definido pelo escritor Jorge Luis Borges como “o mais intenso de todos os relatos que a imaginação humana jamais concebeu”, a jornada rio acima é uma metáfora da jornada da vida (STUBBS, 2005), uma viagem sombria rumo ao interior da selva e da alma humana. Serviu de inspiração para o filme *Apocalypse Now* (1979) de Francis Ford Coppola, o que lhe trouxe ainda mais notoriedade. É também objeto de controvérsia, pois alguns interpretam a narrativa de Conrad como racista pelo modo como ilustra as personagens africanas, enquanto outros a veem como crítica ao imperialismo europeu.

Segundo Silva (2006, p. 102-103), a obra pode ser interpretada sob várias perspectivas: numa leitura historicista, como “uma dura crítica ao colonialismo”; numa visão psicológica, como “uma jornada pesadelo adentro, ou mesmo um esbarrão com a própria loucura”; numa abordagem antropológica ou sociológica, como “um debate sobre o contraste entre natureza e cultura”; e, por fim, como “uma reflexão moral sobre o bem e o mal”. Esse

⁹ No original “*He has apparently gone mad, is worshipped as a god by the native population, seems to have an African mistress, and may have been implicated in cannibalism.*” (STUBBS, 2005, p. 7)

embate entre natureza e cultura é enfocado no presente trabalho, que se concentra, como já explicado na seção teórica, na descrição do observador aculturado sobre a natureza e tudo aquilo que o rodeia no território inexplorado da colônia.

Em língua portuguesa, até onde se sabe, a primeira tradução foi feita em 1983 em Portugal. No Brasil, foram lançadas as três primeiras traduções no ano de 1984, ou 82 anos após a publicação da obra original e 50 anos após a primeira tradução do autor no Brasil (*O Agente Secreto*, 1934). As traduções de *Heart of Darkness* muito provavelmente foram motivadas pelo sucesso do filme *Apocalypse Now* (1979) de Francis Ford Coppola no país.

Para esta pesquisa, foram selecionadas uma dessas traduções iniciais, a do tradutor Hamilton Trevisan (1984), e uma retradução de José Roberto O'Shea (2008). O QUADRO 1 detalha o corpus de pesquisa.

QUADRO 1: Corpus de Pesquisa

Obra	Autor/ Tradutor	Editadora/ Local	Data 1ª ed.	Data ed. consultada	Nº itens
<i>Heart of Darkness</i>	Joseph Conrad	Penguin Books/ Londres	1902	1994	38.781
<i>O Coração da Treva</i>	Hamilton Trevisan	Global Editora/ São Paulo	1984	1984	37.263
<i>Coração das Trevas</i>	José Roberto O'Shea	Hedra/ São Paulo	2008	2008	36.575

A FIG. 2 a seguir apresenta as capas das edições consultadas na pesquisa.

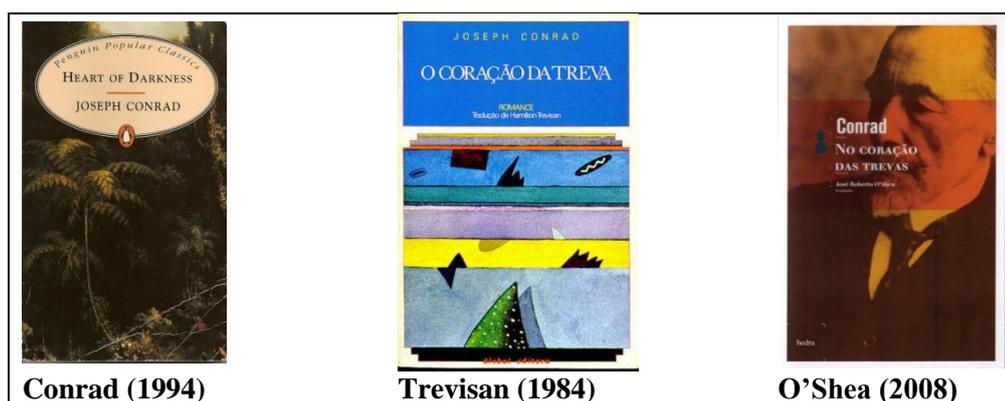


FIGURA 2: Capas das edições que compõem o corpus

Hamilton Trevisan (1936-1984), natural de Sorocaba e falecido no ano da publicação de *O Coração da Treva*, foi advogado, jornalista e escritor, além de tradutor. cursou Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) e foi co-fundador da revista de literatura *Escrita*, que circulou de 1975 a 1988 e foi recentemente revitalizada por Wladyr Nader, também co-fundador, em formato de blog

(<http://escritablog.blogspot.com.br/>). Além de Conrad, Trevisan traduziu Faulkner (*A Árvore dos Desejos*, 1971 e *O Urso*, 1977), Joyce (*Dublinenses*, 1964) e Apollinaire (*As Onze Mil Varas*, 1982), entre outros. Sua tradução de *Dubliners* (*Dublinenses*, 1964) foi reeditada inúmeras vezes por mais de uma editora brasileira. Quirino (2012) cita 11 traduções e duas obras autorais (*Brinquedo*, 1972, e *O Bonde da Filosofia*, 1984), além de montagens de peças teatrais, participações em e organização de antologias e colaborações para a revista *Escrita* entre 1975 e 1983.

No Coração das Trevas é a 12ª tradução de HOD no Brasil, portanto uma retradução. José Roberto O'Shea (1953-) é professor titular de Literatura Inglesa e Norte-Americana da Universidade Federal de Santa Catarina, além de tradutor e escritor. Com pós-doutoramentos na University of Exeter (2004) e no Shakespeare Institute (1997), é tradutor de Shakespeare e Joyce, entre outros, e pesquisador do projeto *Traduções Anotadas da Dramaturgia Shakespeariana* (CNPq/PQ). Colabora com jornais e revistas e já traduziu cerca de 30 livros. Recebeu menção honrosa do prêmio Jabuti em 2003 por *Cimeline, Rei da Britânia* (2002).

Os fatores que motivaram a escolha do corpus são descritos na próxima subseção, que aborda a seleção e a preparação do corpus.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

São descritos a seguir os critérios e procedimentos para seleção e preparação do corpus e, em seguida, os procedimentos da análise propriamente dita.

3.2.1 Compilação, preparação e seleção do corpus

O corpus desta pesquisa pertence ao corpus ESTRA e já se encontrava preparado para o processamento pelo software *WordSmith Tools*© 6.0 (SCOTT, 2012) quando do início da pesquisa. Isto significa que os procedimentos de transformação dos livros impressos em arquivos prontos para análise já haviam sido realizados, a saber:

- a) digitalização dos textos em arquivos de imagem em formato *pdf*;
- b) reconhecimento ótico dos arquivos pelo programa *Abby Fine Reader*® 10.0;
- c) conversão dos arquivos para o formato *.doc*;
- d) revisão dos arquivos em cotejo com os textos impressos;

- e) inserção de cabeçalho e nomeação do corpus no padrão estabelecido para o corpus ESTRA;
- f) conversão dos arquivos para o formato *.txt* para processamento pelo software;
- g) delimitação dos cabeçalhos e metatextos, como introdução, prefácio, textos das orelhas, etc. entre chaves para que seu conteúdo não fosse incluído nas buscas.

A respeito do item (e), o cabeçalho conforme estabelecido inclui as seguintes informações: título da obra, nome do subcorpus, editora, local e data de publicação da 1ª edição, data de capturação/ edição utilizada, fonte, direitos autorais, nome, sexo e nacionalidade do autor, idioma e modo do texto fonte, categoria do texto e nome do pesquisador responsável pela coleta. O formato do nome dos arquivos foi definido como INICIAIS DA OBRA _Sobrenome do autor ou tradutor, assim os arquivos do corpus de pesquisa foram salvos como HOD_Conrad, HOD_Trevisan e HOD_O’Shea.

A seleção do corpus baseou-se em alguns critérios. A escolha do TF de Conrad deu-se em razão da existência de outros trabalhos concluídos ou em andamento sobre o mesmo TF e diferentes TTs (cf. BARCELLOS, 2011; MAGALHÃES; ASSIS, 2009; MAGALHÃES; MONTENEGRO; CASTRO, 2013). Buscou-se desenvolver um trabalho que se somasse a esses outros pela análise de diferentes traduções do mesmo texto-fonte, de modo a buscar mais elementos para distinguir os aspectos desses textos que diferem em função dos diferentes perfis dos tradutores e dos diferentes contextos de produção das traduções.

Quanto aos TTs, a opção por dois tradutores fez-se necessária para a investigação da hipótese de fragmentação de Munday (2008) citada na revisão da literatura. As traduções escolhidas para análise são distantes temporalmente em 24 anos. Essa distância não chega a ultrapassar o critério de trinta anos estabelecido no corpus ESTRA para fins de comparabilidade e, por outro lado, apresenta uma vantagem. Os diferentes momentos históricos em que foram produzidas as traduções podem ter reflexos linguísticos que afetem os significados textuais.

A tradução de Trevisan foi das primeiras a ser produzidas no Brasil, o que significa que não havia nenhuma tradução prévia em português brasileiro na qual o tradutor pudesse se apoiar. Presume-se que os três tradutores de HOD com publicação em 1984 não tinham conhecimento do trabalho uns dos outros e, pela distância cultural entre Brasil e Portugal e pela dificuldade de intercâmbio à época, presume-se também que Trevisan não tenha tido acesso à tradução portuguesa de 1983. Por outro lado, O’Shea já contava com oito traduções de HOD já publicadas como possíveis bases de consulta, fator este que pode ter influenciado suas escolhas tradutórias. Segundo a Hipótese da Retradução (CHESTERMAN,

2000), por exemplo, as primeiras traduções de um texto seriam mais domesticadoras e raramente seriam grandes traduções¹⁰, enquanto as últimas teriam mais liberdade de estrangeirizar e trazer à tona a essência do TF por já encontrarem um caminho pavimentado pelas traduções anteriores.

Outro fator que motivou a escolha dos TTs foi o fato de ambos os tradutores serem bastante reconhecidos, de modo que os textos não apresentam diferenças de qualidade e o estilo pode ser estudado em função das escolhas e significados, sem considerações quanto à maior ou menor proficiência dos tradutores. Há ainda outra implicação positiva derivada do renome dos tradutores: a disponibilidade de material extratextual. O’Shea colabora com as pesquisas do LETRA e o corpus ESTRA dispõe de outros TTs publicados por ele, além de entrevistas e textos autorais. Trevisan teve uma atuação muito marcante no cenário literário, inclusive como fundador da revista *Escrita*, o que sustentou a expectativa de se encontrar uma quantidade razoável e suficiente de material sobre sua vida e obra.

Finalmente, os dois tradutores têm outros TTs que já são parte do corpus ESTRA, inclusive uma mesma obra traduzida por ambos, *Dublinenses*, o que acresce uma perspectiva de continuidade da pesquisa em estudos futuros.

Uma vez que o corpus já se encontrava preparado, esta pesquisa iniciou-se com os procedimentos de análise propriamente ditos, que são descritos na próxima subseção.

3.2.2 Procedimentos de análise

Descrevem-se a seguir os procedimentos da análise realizada, que se afilia à estilística tradutória e conta com o auxílio de ferramentas de corpus para responder às perguntas de pesquisa citadas na Introdução deste trabalho.

3.2.2.1 Levantamento dos dados quantitativos gerais do corpus

Por padrão, a análise estilística com base em corpus se inicia pelo levantamento dos dados quantitativos gerais do corpus. O software WST fornece diversos dados estatísticos através da ferramenta *Wordlist*, dos quais foram de maior interesse para a presente investigação:

¹⁰ Nas palavras de Chesterman (2000, p. 22), “*only retranslations can become great*”; e de Berman (1990, p. 3): “*Toute grande traduction, elle, est une retraduction*”.

- *tokens*: número total de itens, ou palavras, do texto;
- *types*: número de formas, ou palavras diferentes, do texto;
- *type/token ratio* (TTR): razão forma/item, que indica a variedade lexical do texto;
- *standardised type/token ratio* (STTR): razão forma/item padronizada, calculada como a média das TTRs para cada 1.000 itens. Permite lidar com a sensibilidade da medida ao tamanho do corpus, no caso de textos de diferentes tamanhos;
- *sentences*: número de sentenças do texto. No texto traduzido, pode apontar para a simplificação das sentenças (divisão de períodos grandes em outros menores, segundo MUNDAY, 2008) ou o contrário;
- *mean sentence length*: tamanho médio das sentenças. Aponta, por exemplo, para uma possível tendência à explicitação (BAKER, 1993) no texto traduzido;
- *paragraphs*: número de parágrafos do texto. Revela modificações mais drásticas no texto traduzido, como uma reorganização dos parágrafos ou cortes/acréscimos significativos;
- *mean paragraph length*: tamanho médio dos parágrafos. Soma-se ao número de parágrafos para fornecer indicações sobre reorganizações do conteúdo traduzido ou mesmo ampliações/reduções, caso sejam estratégias consistentes do tradutor ao longo da obra, a ponto de refletir-se no tamanho médio dos parágrafos.

Os dados estatísticos do corpus foram exportados para uma planilha Excel, como mostra a FIG. 3 a seguir, e armazenados numa pasta intitulada *Dados* para posterior consulta.

	N	tokens	types	type/token ratio	stand. TTR	STTR std.dev.	STTR basis	sentences	mean (in words)	std.dev.	paragraphs
2	CONRAD	38979	5453	13,99	45,30	51,88	1000	2461	15,84	13,14	198
3	TREVISAN	37114	7724	20,81	53,57	43,95	1000	2633	14,09	11,54	202
4	OSHEA	36479	7095	19,45	52,32	45,09	1000	2486	14,67	12,19	202

FIGURA 3: Dados estatísticos do corpus

Os mesmos dados estatísticos citados acima foram calculados também para o conjunto de sentenças do corpus utilizado na pesquisa, como será descrito em 2.2.2.2 a seguir. Isto foi feito para verificar possíveis diferenças quantitativas nas sentenças em relação aos dados gerais de cada texto.

Obtidos os dados estatísticos do corpus, passou-se ao levantamento e seleção das linhas de concordância no TF.

3.2.2.2 Levantamento e seleção das linhas de concordância no TF

O primeiro procedimento adotado foi o levantamento, utilizando a ferramenta *Concord* do software WST (SCOTT, 2012), de linhas de concordância no TF a partir dos nódulos (itens lexicais) que realizam a negação em inglês. Esses nódulos ou itens lexicais de busca constituíram-se de afixos negativos e palavras de negação (cf. QUIRK et al, 1987), a saber:

- a) afixos negativos: *a-/an-, dis-, in-/im-/il-/ir-, non-, un-, -less*. O afixo *-less* não é classificado na gramática citada como negativo, mas foi incluído como nódulo por seu significado como antônimo de *full*. Por este motivo, optou-se por incluir também a palavra *without*, que aparece na categoria (b);
- b) palavras de negação: aquelas descritas como negativas ‘na forma’, como *not/n’t, no, never, neither, nor, none, no one, nothing, nobody, nowhere*, além de *without*. As outras palavras consideradas negativas no sentido, por ex., *hardly, seldom, little, few*, não foram utilizadas na busca por não indicarem uma polaridade negativa total, não representando tão prototipicamente a temática da indizibilidade e assim estarem fora do escopo da pesquisa.

Cada nódulo representou uma busca distinta. Os resultados de cada busca foram avaliados qualitativamente observando-se seu cotexto na aba *source text* e então selecionados através do comando *zap* para eliminar todas as ocorrências que não se relacionassem à descrição da paisagem. Esta primeira avaliação foi mais superficial e eliminou apenas as ocorrências que definitivamente não se relacionavam à temática. Os nódulos *a/an, il-, non-, none, neither* e *nor* não apresentaram resultados após esta seleção. A FIG. 4 a seguir mostra os resultados do levantamento de *nothing* após seleção com a opção *zap*.

The screenshot shows a concordance search tool window titled 'nothing(total).cnc'. The main area displays a table of search results. The table has columns for line number (N), concordance text, Set, Word #, Sen, Sen, Pare, Para, Hea, Sec, Sec, File, Date, and %. The results are sorted by percentage, with the highest percentage being 90% for line 2. The concordance text for line 2 is 'grayness, with nothing underfoot, with nothing around, without spectators,'. The concordance text for line 13 is '-dreadful-ignorance, for there is nothing mysterious to a seaman-'. The bottom status bar shows '13 entries' and 'Row 13'.

N	Concordance	Set	Word #	Sen	Sen	Pare	Para	Hea	Sec	Sec	File	Date	%
1	style. The bush around said nothing, and would not let us look very		17.669	1.1	40%	0	46%	0	46%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	46%	
2	grayness, with nothing underfoot, with nothing around, without spectators,		34.547	2.2	24%	0	90%	0	90%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	90%	
3	-all the donkeys-were-dead-!-I-know-nothing-as-to-the-fate-of-the-!-less-		45.595	1.0	31%	0	41%	0	41%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	41%	
4	were behind me. I did! And there was nothing behind me! There was nothing		12.700	811	71%	0	33%	0	33%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	33%	
5	, they were nothing earthly now,-- nothing but black shadows of disease		7.079	411	54%	0	19%	0	19%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	18%	
6	was nothing behind me! There was nothing but that wretched, old,		12.705	812	15%	0	33%	0	33%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	33%	
7	feeble-screach-and-nothing-happened--Nothing-could-happen--There-was-a-		5.612	314	60%	0	16%	0	16%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	16%	
8	, they were not criminals, they were nothing earthly now,-- nothing but		7.076	411	43%	0	19%	0	19%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	18%	
9	and incredible degradation. There was nothing either above or below him, and		32.602	2.1	31%	0	85%	0	85%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	85%	
10	-would-give-a-feeble-screach-and-nothing-happened--Nothing-could-		5.610	305	97%	0	16%	0	16%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	16%	
11	heavens-would-fall-upon-my-head--But-nothing-happened--The-heavens-do-not		38.110	2.5	75%	0	100%	0	100%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	100%	
12	started their little fun, and I could see nothing more for smoke. "The brown		33.396	2.1	86%	0	87%	0	87%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	87%	
13	-dreadful-ignorance, for there is nothing mysterious to a seaman-		4.105	48	63%	0	3%	0	3%	Heart-of-Darkne	2014/mar/08 00	3%	

FIGURA 4: Linhas de concordância com o nóculo *nothing*

Os resultados limpos de cada busca foram exportados para o formato *.xls* para que pudessem ser abertos em planilhas Excel. Uma vez finalizado o levantamento inicial, todos os resultados foram colocados em uma única planilha que, neste ponto, contava com 263 linhas de concordância.

Passou-se então a uma análise mais refinada dos cotextos, que exigiu a releitura dos textos teóricos que substanciaram o enfoque da pesquisa, para realizar uma segunda filtragem no levantamento. Esta reflexão girou em torno da definição de ‘paisagem’ e o que ela incluiria ou não. Apesar de McClintock (1984) citar muitos exemplos relativos à natureza africana, o que gerou uma orientação inicial neste sentido, percebeu-se que sua argumentação transcende a representação da paisagem física para englobar tudo o que é observado pelo narrador Marlow e seus companheiros durante sua jornada, chegando finalmente à ‘paisagem’ da experiência mental e emocional do próprio narrador, todos estes objetos de sua incompreensão e da dificuldade de verbalização. Com efeito, o corpus revelou o uso de negativas em associação a diversos tipos de elementos para além da paisagem natural. Diante disso, chegou-se à definição dos critérios a seguir para a escolha das linhas de concordância:

- referências à população nativa ou a suas manifestações foram levadas em conta quando aparecem integradas à paisagem,
- referências aos colonizadores, suas manifestações e objetos foram incluídas quando ajudam a compor o ambiente,

- descrições de processos psicológicos descritos em termos físicos foram mantidos, já que ilustram a estreita relação, como apontado por McClintock (1984), entre a paisagem descrita e a psique do observador. É o caso da passagem em que Marlow diz “*it seemed to me as if I also were buried in a vast grave full of unspeakable secrets*” (CONRAD, 1994 [1902], p. 89);
- referências feitas ao Tâmisia ou à paisagem em Londres foram consideradas quando se relacionavam tematicamente à experiência africana, constituindo preâmbulos à narrativa que se seguiria, como na afirmação de Marlow sobre o homem do mar: “*he has to live in the midst of the incomprehensible, which is also detestable*”. (CONRAD, 1994 [1902], p. 9).

Ao final da segunda triagem, o levantamento do TF continha 197 linhas, cada qual correspondendo a uma negativa. A FIG. 5 mostra parcialmente essa planilha.

	B	C
	Concordance	Cotexto
1		
2	anchored off the coast. There wasn't even a shed there, and	Once, I remember, we came upon a man-of-war anchored off the coast. There wasn't even a shed there, and she
3	ind out." This one was almost featureless , as if still in th	This one was almost featureless, as if still in the making, with an aspect of monotonous grimness.
4	eated catacomb; all along the formless coast bordered by dan	all along the formless coast bordered by dangerous surf, as if Nature herself had tried to ward off intruders;
5	ould it last? It was the most hopeless look-out. The approac	and looked into the fog. How long would it last? It was the most hopeless look-out.
6	es, leaves, boughs, festoons, motionless in the moonlight, w	The great wall of vegetation, an exuberant and entangled mass of trunks, branches, leaves, boughs, festoons,
7	under the droop of heavy and motionless foliage. The steame	motionless in the moonlight under the droop of heavy and motionless foliage.
8	as like a rioting invasion of soundless life, a rolling wave	The great wall of vegetation, an exuberant and entangled mass of trunks, branches, leaves, boughs, festoons,
9	iddle of the river. They were discolored , just awash, and th	motionless in the moonlight, was like a rioting invasion of soundless life
10	hing stood still in attentive immobility ." Now, if he does	a chain of shallow patches stretching down the middle of the river. They were discolored, just awash
11	smooth and swift, but a dumb immobility sat on the banks. T	The bushes shook, the grass swayed for a time, and then everything stood still in attentive immobility
12	ea is always the same. In the immutability of their surround	The current ran smooth and swift, but a dumb immobility sat on the banks.
13	y stream, a great silence, an impenetrable forest. The air w	One ship is very much like another, and the sea is always the same. In the immutability of their surroundings the
14	e. It was the stillness of an implacable force brooding over	foreign shores, the foreign faces, the changing immensity of life, glide past
15	acable force brooding over an inscrutable intention. It look	An empty stream, a great silence, an impenetrable forest. It was the stillness of an implacable force brooding over an inscrutable intention
16	th an air of brooding over an inscrutable purpose. A whole m	the stillness of an implacable force brooding over an inscrutable intention
17	inful ignorance; for there is nothing mysterious to a seaman	She stood looking at us without a stir and like the wilderness itself, with an air of brooding over an inscrutable purpose.
18	trous of his existence and as inscrutable as Destiny. For th	there is nothing mysterious to a seaman unless it be the sea itself
19	uning, inviting, grand, more insidiously, and always	the sea itself, which is the mistress of his existence and as inscrutable as Destiny

FIGURA 5: Planilha parcial de linhas de concordância do TF

3.2.2.3 Organização dos dados para análise

Devido ao elevado número de linhas e à complexidade da proposta de análise, que previa a observação de mudanças não apenas nas negativas propriamente ditas ou em suas colocações imediatas, mas em seus cotextos e por meio de um amplo aparato de análise, percebeu-se a necessidade de organizar os dados antes de se proceder à análise.

Esta foi também uma etapa razoavelmente complexa, já que a organização que se fez inicialmente foi revista e modificada quando a análise já se encontrava em andamento. Porém, sabe-se que esse tipo de percalço é passível de ocorrer no trabalho empírico e em uma proposta parcialmente guiada pelo corpus. Na presente pesquisa, tanto a organização das linhas de concordância em agrupamentos quanto a definição exata das categorias de análise foram realizadas a partir da observação dos dados e, no segundo caso, exigiu constantes consultas aos textos teóricos de base.

Inicialmente pensou-se em utilizar o critério discursivo da hiperonímia, com as linhas de concordância agrupadas sob hiperônimos como *unspeakable*, *impalpable*, *inaccessible*. Esta divisão funcionou bem com as negativas por afixação, porém as linhas com palavras de negação se mostraram mais difíceis de encaixar nos hiperônimos, além do que alguns hipônimos poderiam caber em mais de um hiperônimo, ou uma mesma sentença com mais de uma negação poderia ter de ser analisada por partes caso cada uma se encaixasse em um agrupamento distinto. Cogitou-se a utilização de critérios linguísticos como tipo de processo, porém constatou-se que essa metodologia levaria a análise por um rumo diferente do proposto. Por fim, optou-se por abandonar as alternativas iniciais e adotar, no lugar, um critério de tópicos no sentido de domínios semânticos, com base na argumentação de McClintock (1984) sobre a questão da indizibilidade. As linhas foram divididas em dois grupos ou tópicos: de um lado, a incompreensão e, de outro, sua consequência - a descrição daquilo que é visto pela negativa. Assim, a observação dos padrões de mudanças nas negações de cada agrupamento revelaria se e como essas questões tomaram uma configuração distinta nos TTs, bem como as escolhas ou estratégias individuais utilizadas em cada TT para tanto.

Este critério não apresentou problemas e, após os primeiros passos da análise com os textos alinhados, em que algumas ocorrências ainda foram eliminadas, chegou-se ao número final de 185 negativas distribuídas em 143 sentenças. Essas negativas incluem aquelas que constituíram nódulos de busca e outras que apareceram nos cotextos, contribuindo para o efeito cumulativo da negação, que foram aqui chamadas de negativas secundárias. Cada agrupamento da divisão em dois tópicos foi salvo em uma planilha separada e estes dados foram retomados após o alinhamento do corpus.

3.2.2.4 Alinhamento do corpus

Para o alinhamento do corpus paralelo utilizou-se a solução online para alinhamento de documentos *YouAlign* (<http://www.youalign.com>) devido a algumas dificuldades apresentadas pelo utilitário *Viewer&Aligner* do WST em sua última versão, 6.0. O WST alinha automaticamente dois ou mais textos por sentenças ou parágrafos. É possível corrigir manualmente o alinhamento utilizando os botões *Join* e *Split* para unir e separar trechos selecionados, já que, devido a diferenças de pontuação entre TF e TTs, frequentemente o alinhamento apresenta incorreções. Porém, o software apresentou problemas como falta de resposta e ações inesperadas durante a correção manual, problemas estes que foram inclusive admitidos pelo criador do *software* em comunicação pessoal. Assim, foi necessário encontrar uma solução alternativa.

O *YouAlign* funciona online e não exige instalação nem compra de *software*, ao contrário do WST (SCOTT, 2012), que é um produto comercial. Desenvolvido para alimentar memórias de tradução, como o SDL Trados, o *YouAlign* cria bitextos em arquivos *.tmx*, formato geralmente lido por essas ferramentas, ou HTML para publicação na internet. O alinhamento é feito entre dois textos por vez, assim, para o corpus desta pesquisa, foi necessário alinhar o TF com cada TT. Os dois arquivos produzidos pela ferramenta foram baixados em formato HTML e abertos a partir do programa Excel, onde se pôde uni-los em uma só planilha. Procedeu-se em seguida à correção manual do alinhamento. A vantagem de se usar o *YouAlign* está na ausência de custos e na possibilidade de trabalhar com o programa Excel, que oferece diversas facilidades como a criação de diversas abas (novas planilhas) em um mesmo arquivo. Por outro lado, o fato de os levantamentos a partir de nódulos de busca serem feitos no WST (SCOTT, 2012) faz com que se trabalhe simultaneamente com duas ferramentas, o que gera alguma complexidade na manipulação dos dados, que devem ser levantados no WST (SCOTT, 2012), identificados no arquivo alinhado do Excel e copiados para uma nova planilha, onde serão analisados. Munday (1998) ressalta essa vantagem do uso do *Viewer e Aligner*, que permite que se use o concordanciador diretamente nos textos alinhados.

A FIG. 6 mostra a planilha final com o corpus alinhado e diferenciado por cores.

aplicação direta à negação; e do decalque (MUNDAY, 2008) que, por se tratar de uma manutenção da estrutura do TF, foi entendido como ausência de mudanças.

Categorias linguísticas e narratológicas são mencionadas no texto de Munday (2008) em relação às metafunções e ao ponto de vista narrativo, mas não há uma sistematização da metodologia nem uma definição clara de cada categoria. Ao adotar esse arcabouço, a pesquisa se abriu a uma ampla gama de categorias de interesse. Além disso, por tratar-se de uma pesquisa parcialmente guiada pelo corpus, em um primeiro momento foi necessário registrar todo tipo de mudança até que os dados começassem a revelar quais tipos ou categorias seriam mais produtivas para análise. Por este motivo não foi possível a definição prévia de etiquetas e sua utilização para anotação do corpus, o que teria facilitado a contabilização das mudanças. O trabalho de definição das categorias foi essencialmente empírico e demandou o auxílio de outros textos teóricos revisados no capítulo teórico desta dissertação. As diversas reorganizações dos dados em categorias que foram sendo testadas com base na literatura serviu como uma espécie de validação dos dados, já que, a cada mudança ou adaptação de categoria, as sentenças alinhadas sofriam uma nova ‘varredura’ manual para detecção de mudanças.

A FIG. 7 mostra as categorias utilizadas na pesquisa, organizadas conforme sua procedência (categorias citadas em trabalhos prévios, utilizadas normalmente para análise de traduções ou associadas ao modelo do ponto de vista narrativo). O esquema não reflete exatamente a ordem cronológica de análise, já que as mudanças foram sendo anotadas simultaneamente. Observe-se também que a polaridade consta em separado como primeira categoria, mas também sob o ponto de vista ideológico por relacionar-se à metafunção interpessoal.

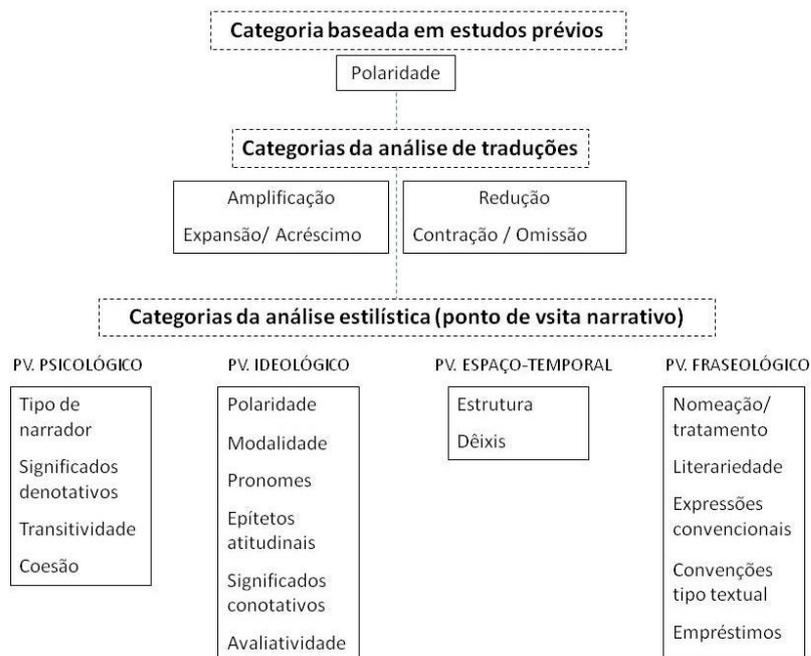


FIGURA 7: Categorias de análise

Os resultados apresentados no capítulo seguinte se atêm às categorias que se mostraram produtivas no corpus e que foram consideradas significativas para o estilo do texto traduzido, com especial ênfase no enfoque da pesquisa no tema da indizibilidade.

3.2.2.7 Contabilização e análise das mudanças

Paralelamente à listagem e contabilização das mudanças conforme as categorias acima fez-se uma análise qualitativa dessas mudanças guiada por dois fatores: a) seus efeitos para o tema da incompreensão aqui investigado; e b) seus efeitos considerando-se as ‘normas’ da língua (MUNDAY, 2008, com base em TOURY, 1995).

Para a análise de (b) acima, utilizaram-se corpora de referência do inglês e do português, a saber:

- COCA (*Corpus of Contemporary American English*): por se tratar de um corpus de inglês americano e contemporâneo, seus dados foram avaliados com ressalvas para palavras de HOD. Porém, foi utilizado por sua relevância (mais de 450 milhões de palavras) e disponibilidade;
- BNC (*British National Corpus*): apesar de mais adequado ao TF da pesquisa por contemplar o inglês britânico e conter dados da segunda metade do século XX até

início dos anos 1990, o BNC não está totalmente disponível para usuários, além de ser menor que o COCA (100 milhões de palavras);

- COHA (*Corpus of Historical American English*): apesar de ser americano, inclui textos de 1810 a 2009, de modo que pode apontar para usos mais antigos de determinadas palavras, possivelmente comuns ao inglês britânico utilizado por Conrad;
- *Corpus do Português*: contém 45 milhões de palavras, sendo a maior parte dos textos em português europeu, porém permite selecionar a variedade do português nas buscas;
- COMPARA: corpus paralelo bidirecional do português e do inglês com três milhões de palavras. Inclui excertos de textos literários apenas, porém as buscas não permitem selecionar a variedade do português, que engloba o brasileiro, o europeu e variedades africanas;
- *Google*: tem como pontos positivos o tamanho, o aprimoramento constante e a possibilidade de verificação de formas convencionais e de baixa frequência, bem como, no segundo caso, dos gêneros em que ocorrem. Por outro lado, ainda é um mecanismo pouco sofisticado e que contém principalmente textos atuais, não sendo tão útil para a investigação de traduções antigas (MUNDAY, 2008).

Apesar dessas limitações, os corpora atualmente disponíveis representam uma medida externa ao analista contra a qual se pode medir de modo mais confiável as escolhas dos tradutores (cf. MUNDAY, 2008). Em relação à web, Xatara (2008) apresenta argumentos que corroboram sua utilização como base textual a despeito das limitações. Um exemplo é o fato de reunir “a maior e mais variada quantidade de textos” (p. 771) em relação a outros corpora.

A análise qualitativa das palavras e expressões foi auxiliada ainda por alguns dicionários, a saber:

- *Macmillan Corpus Dictionary*: baseado em um corpus de cerca de 220 milhões de palavras que contém textos orais e escritos em inglês britânico, americano e *world English*, além de um subcorpus de aprendizes e outro de materiais de ensino de inglês (ELT);
- *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009): contém mais de 442.000 entradas e inclui um dicionário mórfico, conjugação dos verbos e informações sobre uso, etimologia, datação, sinônimos/antônimos/parônimos/homônimos, coletivos, etc.

A partir do montante das mudanças em cada categoria de análise, considerou-se como um padrão aquele tipo de mudança que: a) apresentou uma regularidade de no mínimo duas ocorrências (SINCLAIR, 2004)¹¹; b) sobressaiu-se quantitativamente às mudanças de tendência oposta (por ex., se em um TT há 10 ocorrências de tematização da circunstância e uma de deslocamento da circunstância para a posição final, considera-se a tematização da circunstância como padrão pela diferença quantitativa); c) teve baixa frequência, mas considerou-se a partir da análise qualitativa contribuir “para o sentido total do texto” (HALLIDAY, 1971, p. 339); ou d) teve frequência aproximada à da tendência ou significado oposto em uma categoria, porém foi corroborado por mudanças em outra categoria de análise, formando um conjunto coeso e coerente na construção de um determinado significado.

¹¹ “So a language pattern - however defined - has to occur a minimum of twice. This is a primitive test of significance in itself...” (SINCLAIR, 2004, p. 28)

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE

Esta seção apresenta os resultados obtidos com a análise dos dados quantitativos gerais do corpus e a análise quali-quantitativa dos dados do corpus. Na análise quali-quantitativa, apresentam-se as mudanças observadas nas sentenças alinhadas pela seguinte ordem de categorias: polaridade, categorias de tradução (amplificação e redução) e categorias linguísticas de cada plano do ponto de vista. Em seguida, apresenta-se a discussão dos resultados.

4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE QUANTITATIVA

A TAB. 1 apresenta os dados quantitativos referentes ao número total de itens e formas e à razão forma/item padronizada do corpus de estudo, obtidos por meio da lista de palavras (*Wordlist*) do WST© 6.0 (SCOTT, 2012).

TABELA 1: Dados estatísticos gerais do corpus

Dados estatísticos	HOD_Conrad	HOD_Trevisan	HOD_O'Shea
Nº itens	38979	37114	36479
Nº formas	5453	7724	7095
Razão forma/item padronizada	45,30	53,57	52,32

Pelo número total de itens, vê-se que HOD_O'Shea é o texto mais curto dos três, seguido por HOD_Trevisan que ainda é mais curto do que HOD_Conrad. Pesquisas anteriores (cf. Barcellos, 2011) apontaram uma tendência do tradutor O'Shea à concisão (entendida como menor tamanho de sentenças e, conseqüentemente, do texto como um todo), o que os dados acima parecem corroborar, ainda que possa ser argumentado que a concisão também seja traço do tradutor Trevisan em comparação ao TF. Convém ressaltar que o interesse principal da presente investigação não é o estilo do tradutor por si só, mas sim o estilo dos textos traduzidos no que tange aos significados produzidos pelos padrões levantados e a motivação para essas escolhas. Nesse sentido, os dados acima ajudam a compor uma imagem dos textos analisados. Ambos os textos são menores do que o TF, apontando para reduções nas longas e repetitivas sentenças características do estilo de Conrad, tornando as sentenças e os textos menores e, portanto, mais acessíveis aos leitores brasileiros.

Em relação à razão forma/item, utilizou-se a padronizada, já que os textos têm diferentes tamanhos. Ambos os TTs apresentam variedade lexical maior do que o TF, porém convém fazer duas ressalvas quanto a este dado. As línguas românicas apresentam mais

formas de derivação lexical e cada uma dessas é contada como uma forma diferente pelo *software*. Essa limitação não é óbvia nem será resolvida aqui; sugere-se apenas que os dados comparativos de razão forma/item entre línguas germânicas e românicas devam ser observados com parcimônia. Além disso, é possível que o português admita menos repetições do que o inglês para as narrativas ficcionais, o que também influiria na maior variedade lexical.

Entre os TTs, verifica-se que HOD_Trevisan tem maior variedade lexical. Este dado é mais revelador que a comparação com o TF, já que ambos os TTs estão em português e sujeitos às mesmas restrições e convenções de gênero, de modo que a maior ou menor variedade lexical produz um texto menos ou mais repetitivo, o que possivelmente seja atribuído à atuação do tradutor.

A TAB. 2 apresenta os dados relativos ao número e ao tamanho médio das sentenças e parágrafos (dado em número de palavras), também obtidos pela ferramenta *Wordlist*.

TABELA 2: Sentenças e parágrafos do corpus

Dados estatísticos	HOD_Conrad	HOD_Trevisan	HOD_O'Shea
Nº sentenças	2461	2633	2486
Tamanho médio	15,84	14,09	14,67
Nº parágrafos	198	202	202
Tamanho médio	196,84	183,71	180,58

O número de sentenças é maior em ambos os TTs do que no TF. Isto aponta para uma simplificação das sentenças (MUNDAY, 2008) através de sua divisão em períodos menores e, conseqüentemente, um maior número de sentenças. Entretanto, o número é apenas pouco maior em HOD_O'Shea (25 sentenças a mais que o TF, enquanto HOD_Trevisan tem 172), que se mantém portanto mais próximo do TF. Sugere-se uma tendência em HOD_O'Shea ao decalque sintático (manutenção das estruturas do TF). Já o aumento de 172 sentenças em HOD_Trevisan aponta para uma estratégia provavelmente consciente e motivada de facilitação da leitura.

O tamanho médio das sentenças condiz com a relação inversamente proporcional entre número e tamanho das sentenças, apresentando-se menor do que no TF em ambos e menor em HOD_Trevisan do que em HOD_O'Shea.

No número de parágrafos, há um pequeno aumento nos dois TTs de quatro parágrafos, provavelmente devido às diferentes convenções de apresentação da fala e do pensamento no gênero literário em português. O tamanho médio dos parágrafos é menor nos

dois TTs em relação ao TF, inversamente ao seu maior número, e é maior em HOD_Trevisan que em HOD_O'Shea.

As sentenças analisadas nesta pesquisa foram ampliadas a partir das linhas de concordância, como detalhado no capítulo metodológico. Apresentam-se na TAB. 3 os dados do conjunto dessas sentenças para cada texto do corpus e para cada agrupamento por tópico (I para 'incompreensão', D para 'descrição pela negação' e T para o valor total).

TABELA 3: Dados quantitativos das sentenças analisadas

	HOD_Conrad			HOD_Trevisan			HOD_O'Shea		
	I	D	T	I	D	T	I	D	T
Nº itens	1322	2717	4039	1256	2672	3928	1218	2601	3819
Nº sentenças	46	97	143	45	102	147	48	94	142
Nº negativas principais/ linhas de concordância	49	121	170	45	107	152	46	105	151

As tendências observadas para o corpus integral quanto ao número de itens se repetem para o conjunto das sentenças selecionadas para análise. Os dois TTs apresentam menor número de itens que o TF, e HOD_O'Shea menor que HOD_Trevisan. No número de sentenças, HOD_O'Shea apresenta uma a menos que o TF e HOD_Trevisan quatro a mais que o TF, diferentemente do que ocorre com o corpus integral, no qual os dois TTs têm maior número de sentenças que o TF. Isto sugere uma diferença no conjunto de sentenças de HOD_O'Shea em relação ao texto integral.

Os dados acima permitiram também a análise das mudanças de polaridade, que serão descritas na próxima seção.

4.2 RESULTADOS DA ANÁLISE QUALI-QUANTITATIVA DOS DADOS ESPECÍFICOS DO CORPUS

A polaridade é a primeira categoria a ser apresentada por ter servido como 'porta de entrada' à pesquisa propriamente dita, apesar de pertencer ao sistema do Modo pela gramática sistêmico-funcional e portanto se associar ao ponto de vista ideológico pelo esquema de Munday (2008). Outro motivo para uma apresentação isolada é que os resultados da análise de polaridade orientaram o restante da pesquisa por terem motivado a decisão de abandonar a divisão das sentenças em tópicos semânticos.

A TAB. 4 apresenta o número de negativas nos três textos do corpus por agrupamento tópico (I, D, e T) e considerando as negativas principais (aquelas utilizadas como nódulos de busca) e também as secundárias (negativas presentes nos cotextos). As

mudanças de polaridade são apresentadas apenas em número percentual arredondado para número inteiro, para simplificar os dados. Correspondem aos casos em que o equivalente utilizado para a negativa do TF tem polaridade positiva no TT. As ‘negativas acrescentadas’ indicadas na TAB. 4 correspondem a mudanças de polaridade no sentido inverso, quando os TTs apresentaram um item de polaridade negativa utilizado como equivalente de um item de polaridade positiva no TF.

TABELA 4: Negativas no TF e TTs

	HOD_Conrad			HOD_Trevisan			HOD_O'Shea		
	I	D	T	I	D	T	I	D	T
Negativas principais	49	121	170	45	107	152	46	105	151
Mudanças (%)				8%	12%	10%	6%	13%	11%
Negativas secundárias	7	8	15	7	7	14	7	5	12
Mudanças (%)				0%	12%	7%	0%	37%	20%
Total (NP + NS)	56	129	185	52	114	166	53	110	163
Mudanças (%)				7%	12%	10%	5%	15%	12%
Negativas acrescentadas				4	2	6	0	4	4

O número total de mudanças de polaridade nas negativas principais, das quais são exemplos as escolhas em HOD_Trevisan por ‘surpresa’ para ‘unexpectedness’ e em HOD_O'Shea por ‘hostis’ para ‘uncongenial’, é aproximado nos dois TTs (10% ou 18 ocorrências no primeiro e 11% ou 19 ocorrências no segundo). Mesmo contando-se as negativas secundárias do TF (15), que afetam apenas indiretamente a questão da indizibilidade da paisagem ao contribuírem para o efeito cumulativo da negação, a porcentagem permanece em 10% ou 19 ocorrências em HOD_Trevisan e se aproxima de 12% com 22 ocorrências em HOD_O'Shea. Ademais, com as negativas acrescentadas nos TTs, há uma certa compensação a essa diminuição. Subtraindo-se o número de negativas acrescentadas do total de mudanças de polaridade, a porcentagem de mudanças em relação ao total de negativas cai para 7% em HOD_Trevisan e 9,7% em HOD_O'Shea. Ainda, em alguns casos, a negação é substituída no TT por palavras que não são negativas na forma, mas sim no sentido. É o caso de ‘deixara de existir’ em HOD_Trevisan para ‘was nowhere’ e de ‘a sensação durou pouco’ em HOD_O'Shea para ‘the feeling would not last long’. Considera-se, diante de todos esses fatores, que o efeito cumulativo da negação é quase integralmente mantido nos dois TTs.

Entre os dois agrupamentos por tópico, há um número maior de mudanças, em ambos os TTs, no tópico de descrição pela negativa. As negativas que indicam incompreensão sofreram menos alterações, mas os valores não parecem revelar diferenças cruciais, seja entre os TTs, seja entre os agrupamentos em um mesmo TT.

Convém analisar mais aprofundadamente o caso da palavra ‘unspeakable’, palavra central a este estudo e que encerra as questões da incompreensão e da dificuldade de verbalização. A palavra está presente no título do artigo de McClintock (1984) em um intertexto com o romance de Conrad, em que ocorre nas colocações ‘unspeakable secrets’, ‘unspeakable rites’ e ‘unspeakable pain’. Destas, as duas primeiras constam do conjunto de sentenças selecionadas; a última não diz respeito à paisagem africana (é usada por Marlow para descrever a noiva de Kurtz) e por isso não consta do levantamento utilizado nesta pesquisa, mas sua tradução será analisada aqui para verificação da prosódia semântica das escolhas e da coesão lexical nos TTs.

Por seu significado denotativo como algo que não pode ser descrito em palavras¹², a palavra ‘unspeakable’ carrega uma avaliação de atitude/ apreciação/ composição/ complexidade¹³, indicando que o falante considera a coisa descrita difícil de entender e, conseqüentemente, verbalizar. Quanto à conotação, o *Macmillan Dictionary Online*, com base em corpus, apresenta duas definições para ‘unspeakable’ que já incluem a qualidade de ‘bad’¹⁴, indicando conotação negativa. Nesse caso, indica uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ reação/ qualidade¹⁵, mostrando que o objeto descrito como ‘unspeakable’ não agrada ao falante.

Os corpora de referência, entretanto, revelam uma prosódia semântica mais variada. No BNC, há ocorrências da palavra em colocações com palavras positivas, como ‘joy’, ‘comfort’, ‘pleasure’. Já no corpus COHA, a busca por ‘unspeakable’ restrita à década de 1890¹⁶ traz 144 ocorrências em colocações com palavras tanto negativas, como ‘dread’ e ‘cruelty’, quanto positivas, como ‘gladness’ e ‘satisfaction’. É possível que a palavra tenha adquirido uma prosódia semântica mais negativa ao longo do tempo, já que a mesma busca no corpus COHA restrita à década de 2000 traz 72 ocorrências, das quais apenas duas em colocações com palavras positivas.

Apesar de à época da escrita de HOD a palavra aparentemente ter uma prosódia semântica mista, co-ocorrendo com palavras positivas e negativas, considera-se que ela

¹² Os dicionários *Merriam-Webster Online* e *Oxford Learners Dictionary Online* apresentam definições neutras de ‘unspeakable’ como algo que ‘não pode’ ou ‘é impossível de’ ser descrito em palavras.

¹³ A ‘composição’, segundo Martin e White (2005), está relacionada à percepção do falante quanto à ordem e inclui avaliações de balanço e complexidade, esta última respondendo à pergunta ‘foi difícil de entender?’ (*‘was it hard to follow?’*, p. 56).

¹⁴ Seguem as definições do *Macmillan Dictionary Online*: 1. *Used to emphasize how bad something is and how much it upsets you.* 2. *Very bad in quality.*

¹⁵ A ‘reação’, segundo Martin e White (2005), está relacionada ao afeto ou emoção e inclui avaliações de impacto ou qualidade, esta última respondendo à pergunta ‘eu gostei?’ (*‘did I like it?’*, p. 56).

¹⁶ Para fins de comparação com o TF *Heart of Darkness*, cuja primeira versão foi publicada em 1889.

adquire no TF uma prosódia semântica negativa pelos cotextos, já que há uma associação entre os ‘unspeakable rites’ e ritos de canibalismo e os ‘unspeakable secrets’, guardados metaforicamente em uma grande tumba, oprimem o narrador.

Os TTs, em conjunto, apresentam quatro traduções para a palavra em suas três ocorrências, todas mantendo o afixo negativo: ‘inomináveis’ em ambos os TTs, ‘indescritíveis’ e ‘inexprimível’ em HOD_Trevisan e ‘indizível/is’ em HOD_O’Shea. O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) apresenta acepções de cunho neutro para ‘indizível’ e ‘indescritível’, neutro e positivo para ‘inexprimível’ e neutro e negativo para ‘inominável’. O Corpus do Português mostra, em linhas gerais, uma prosódia semântica mista para todas as escolhas, exceto ‘inominável*’ que, de 10 ocorrências¹⁷, não aparece em nenhuma colocação com palavra claramente positiva. Esta palavra é uma das escolhas em ambos os TTs.

A conotação e a prosódia semântica afetam o ponto de vista ideológico e vê-se que a ideia do *indizível* em HOD_Trevisan é descrita por palavras que englobam uma gama maior de avaliações, variando de negativa (‘inomináveis’) a positiva (‘inexprimível’), enquanto as escolhas em HOD_O’Shea variam apenas entre neutra (‘indizível/is’) e negativa (‘inomináveis’). Como ‘unspeakable’ no TF, essas palavras tornam-se negativas pelo cotexto. Da perspectiva da língua, isso introduz novidade na língua-alvo, pois passa-se a ter ocorrências de palavras que usualmente têm prosódia semântica neutra ou positiva em cotextos que as fazem adquirir prosódia semântica negativa.

Já o uso de diferentes formas em cada TT para a mesma palavra afeta a metafunção ideacional (coesão lexical) e o ponto de vista psicológico. ‘Unspeakable’ nos TTs, diferentemente do TF, está representado por três equivalentes distintos em HOD_Trevisan e dois em HOD_O’Shea (contando-se ‘indizível’ e ‘indizíveis’ como um mesmo lema). Os equivalentes dos TTs não se distinguem claramente de palavras sinônimas ou quase-sinônimas, como ‘inconcebível’, ‘incompreensível’, etc., que figuram diversas vezes, de modo que a ideia expressa no TF por ‘unspeakable’ não é tão claramente delimitada nos TTs.

O que se pôde depreender dos resultados acima nesta etapa inicial da análise foi que, conscientes ou não da proeminência motivada do recurso da negação no TF, os tradutores parecem ter optado majoritariamente por um decalque das estruturas negativas

¹⁷ Busca restrita ao séc. XX para corresponder ao período de publicação das traduções.

gramaticais e morfológicas, e que se havia mudanças de significado textual nos TTs, estas deveriam ser resultado de escolhas distintas, não relacionadas ao papel imediato da negação.

Ainda em função dos resultados optou-se por abandonar a divisão em dois agrupamentos por tópico, já que esta não se mostrou produtiva, e o restante da análise recaiu igualmente sobre todas as 143 sentenças geradas a partir das linhas de concordância ampliadas.

Na próxima subseção, apresentam-se os resultados da análise das duas categorias de mudanças pertinentes ao texto traduzido: amplificação e redução.

4.2.1 Amplificações e Reduções

A TAB. 5 apresenta os resultados da análise quantitativa das categorias de amplificação e redução em ambos os TTs em números absolutos (A) e percentuais (P).

TABELA 5: Amplificações e Reduções nos TTs

	HOD_Trevisan		HOD_O'Shea	
	A	P	A	P
Total de alterações	127	100%	80	100%
Amplificações	73	58%	37	47%
Reduções	54	42%	43	53%

Comparando-se o número de amplificações e reduções em cada TT, percebe-se que em HOD_Trevisan predominam as amplificações (58%) e em HOD_O'Shea as reduções (53%). Esse resultado em HOD_O'Shea pode ser interpretado como indicador de um equilíbrio entre as duas estratégias, mas de qualquer forma não discorda de uma possível tendência do tradutor à concisão (cf. Barcellos 2011).

Quanto a HOD_Trevisan, a tendência à amplificação parece se opor ao menor tamanho das sentenças em comparação a HOD_O'Shea observado anteriormente. Diz-se 'parece' porque seria possível, por exemplo, que o tradutor mantivesse conscientemente um padrão para o tamanho reduzido das sentenças, dividindo sentenças complexas em duas ou três simples quando houvesse amplificação em uma ou mais de seus constituintes. Esse tipo de análise pormenorizada das estratégias de tradução de cada tradutor não é realizada, já que escapa ao escopo desta pesquisa. Do ponto de vista textual, na verdade, os dados 'opostos' de baixo tamanho médio das sentenças e grande número de amplificações convergem para um mesmo efeito de simplificação e acessibilidade da leitura. Isto pode constituir uma hipótese a

ser testada em trabalho futuro: a de que o tradutor teria estratégias conscientes para um determinado tipo de leitor.

As ampliações em HOD_Trevisan podem explicar ainda o tamanho médio do parágrafo neste TT, maior do que o de HOD_O'Shea. Como a divisão em parágrafos segue mais proximamente a do TF e é igual para os dois TTs (4 parágrafos a mais que o TF), as ampliações de HOD_Trevisan acabam se refletindo no tamanho médio do parágrafo.

Pode-se observar também, a partir da TAB. 5, que a soma de ampliações e reduções é menor em HOD_O'Shea (80) do que em HOD_Trevisan (127), o que demonstra uma tendência maior em HOD_O'Shea ao decalque das estruturas sintáticas do TF. Já o maior número de ampliações em HOD_Trevisan (73, contra 37 em HOD_O'Shea) para o mesmo número de sentenças analisadas (143) aponta para uma maior facilitação da absorção do texto pelo leitor por tornar mais leve (*"lighten"*) a estrutura sintática (MUNDAY, 2008, p. 105).

A TAB. 6 apresenta as subcategorias de amplificação e redução nos dois TTs em números absolutos (A) e percentuais (P). Os números percentuais das subcategorias são em relação ao total da categoria principal (amplificação ou redução).

TABELA 6: Subcategorias de amplificação e redução nos TTs

	HOD_Trevisan		HOD_O'Shea	
	A	P	A	P
Total ampliações	73	100%	37	100%
Acréscimos	45	62%	18	49%
Expansões	28	38%	19	51%
Total reduções	54	100%	43	100%
Omissões	36	66%	28	64%
Contrações	18	34%	15	36%

Observa-se em HOD_Trevisan uma tendência à amplificação principalmente por acréscimos (62%), enquanto em HOD_O'Shea as duas subcategorias têm porcentagens aproximadas (49% de acréscimos e 51% de expansões). Na redução, ambos os TTs apresentam uma porcentagem aproximada de omissões (cerca de 65%) e contrações (cerca de 35%), com uma pequena inclinação à omissão em HOD_Trevisan e à contração em HOD_O'Shea. Assim, as diferenças entre os TTs em termos de estratégias parecem residir prioritariamente no número total de alterações e, em menor grau, na preferência pela amplificação ou redução.

Para a presente investigação interessa, sobretudo, uma avaliação qualitativa das mudanças textuais promovidas pelas estratégias citadas. Para as subcategorias da amplificação

e da redução, o corpus de TTs revelou padrões nos acréscimos em HOD_Trevisan e nas omissões e acréscimos em HOD_O’Shea. Essa análise é apresentada a seguir.

4.2.1.1 HOD_Trevisan

Além de quantitativamente relevantes, os acréscimos em HOD_Trevisan apresentam um padrão de significado. Há 13 ocorrências em 45 acréscimos, ou 29% destes que, em associação com recursos de negação, reforçam determinados aspectos da paisagem observada ou da experiência vivida.

O primeiro aspecto é a ausência ou escassez de manifestações na paisagem observada, como mostram os acréscimos dos exemplos 1 a 7 a seguir.

QUADRO 2: Acréscimos/Ausência em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
1	...as it flowed broadly by without a murmur.	...enquanto fluía imenso sem um só murmúrio.
2	She stood looking at us without a stir...	Ficou olhando para nós sem um só movimento...
3	They passed me within six inches, without a glance...	Passaram a cerca de meio metro de mim sem me dirigirem um único olhar...
4	...where not a breath stirred..	...onde não se ouvia um único sopro...
5	...and a solitude, a solitude, nobody, not a hut.	E que solidão, que solidão! Ninguém, nem uma única choupana.
6	The bushes did not rustle.	No arvoredo, nem o mais leve farfalhar.
7	The night did not seem to last an hour.	A noite pareceu não durar sequer uma hora.

Os exemplos de 1 a 6 do QUADRO 2 podem ser classificados, na perspectiva da Teoria da Avaliatividade, como mudanças que aumentam a gradação de força/ intensificação/ qualidade, como resultado dos acréscimos grifados. A intensificação, segundo Martin e White (2005, p. 140) recai sobre qualidades, processos ou modalidade. Aqui, considera-se que o dêitico (por exemplo, ‘um’ no exemplo 1) modifica o núcleo (‘murmúrio’) como se fosse uma qualidade, e o próprio dêitico, por sua vez, é modificado pelo acréscimo (‘só’), que funciona como intensificador.

Para o exemplo 7 do QUADRO 2, cita-se a afirmação de Martin e White (2005, p. 121) de que determinados adjuntos, como ‘even’, ‘only’, ‘just’ e ‘still’ têm um aspecto de contraexpectativa em seu significado.¹⁸ O acréscimo de ‘sequer’, se se o considerar como equivalente de ‘even’, cria portanto dois posicionamentos: a expectativa de que a noite durasse uma hora e a contraexpectativa (engajamento/ heteroglossia/ contração/ discordância/

¹⁸ No original: “Adjuncts such as even, only, just and still also have a counterexpectational aspect to their meaning.” (Martin; White, 2005, p. 121)

contraexpectativa), ou seja, a constatação de que a noite não durou o tempo esperado, expressa por ‘sequer’. Cria-se a ideia de uma noite efêmera, ecoando outras manifestações escassas de elementos da paisagem, como mostram os exemplos anteriores.

O aspecto da escassez/ausência mencionado acima é também visível na escolha por ‘nada’ como tradução de ‘no’ em três ocorrências, mostradas no QUADRO 3 a seguir. Trata-se de um padrão de significado formado pela combinação de escolhas em diferentes categorias de mudanças (amplificações/acréscimos e escolhas lexicais para a tradução da própria negação), como previsto, na seção metodológica, pelo critério (d) dado na definição de padrão.

QUADRO 3: ‘Nada’ em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
08	No change appeared on the face of the rock.	Nada se alterou na face do rochedo.
09	...resembled no sounds of human language.	...em nada se assemelhavam a sons humanos.
10	There was no joy in the brilliance of sunshine.	Nada de jubiloso havia no brilho do sol.

Na perspectiva da Avaliatividade, a tradução de ‘no’ por ‘nada’ em HOD_Trevisan contrai dialogicamente ainda mais as proposições por intensificar a negação¹⁹. Esse aumento de gradação da negação torna a ausência de manifestação, familiaridade e júbilo mais definitiva e incontestável.

Outros três acréscimos similares ao de ‘sequer’ no QUADRO 2 se relacionam à experiência subjetiva do narrador. Pelo mesmo efeito de contraexpectativa, ilustram sua dificuldade de vencer psicologicamente o sentimento opressão pela natureza, seja conseguindo memorizá-la claramente, seja rompendo seu feitiço.

QUADRO 4: Acréscimos/Impalpabilidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
11	I tried to break the spell - the heavy, mute spell of the wilderness...	Tentava apenas romper o enfeitiçamento, a densa e muda magia da floresta...
12	...though there is a period of time which I remember mistily...	...embora haja um período de tempo de que só me recordo obscuramente...
13	...swept off without leaving a whisper or a shadow behind.	...varrido sem deixar uma sombra ou sequer um murmúrio.

Nos exemplos 11 a 13 do QUADRO 4 opera o aspecto de contraexpectativa apontado por Martin e White (2005, p. 121) por meio dos acréscimos de ‘apenas’, ‘só’ e ‘sequer’, que podem ser considerados equivalentes de ‘only’, ‘just’/‘only’ e ‘even’. O exemplo 13 refere-se ao ‘restante do mundo’, mas como esse mundo ‘deixara de existir para

¹⁹ Ver categorização de “never” como “contract:deny/ intensify: heightened negation” em Martin e White, 2005, p. 156.

nossos olhos e ouvidos’ (grifo meu), considerou-se a afirmação como relacionada à experiência subjetiva do narrador, mais do que ao mundo propriamente dito. Assim, em HOD_Trevisan, o fracasso em conseguir ‘romper o enfeitiçamento’, ‘recordar’ e perceber algum ‘murmúrio’ é mais conspícuo que no TF por haver uma expectativa (contrariada) de que essas ações fossem factíveis e esperadas.

O terceiro padrão encontrado nos acréscimos em HOD_Trevisan, composto por duas escolhas, é a particularidade de elementos da paisagem.

QUADRO 5: Acréscimos/ Particularidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
14	But what made the idea of attack inconceivable to me was the nature of the noise...	Mas o que tornava a idéia de um ataque inconcebível para mim era a natureza mesma do alarido...
15	Sometimes I would pick out a tree a little way ahead...	Escolhia às vezes uma determinada árvore à nossa frente...

O acréscimo de ‘mesma’ no exemplo 14 do QUADRO 5 aumenta a gradação de foco em HOD_Trevisan, tornando mais protípica a natureza do alarido²⁰.

No exemplo 15 do QUADRO, já não se trata de uma mudança de gradação, mas de engajamento. No TF o dêitico ‘a’ em ‘a tree’ é indeterminado, de modo que a árvore em questão fica a ser decidida, por assim dizer, pelo leitor. No TT, o acréscimo de ‘determinada’ circunscreve as possibilidades de árvore, avaliando-a por engajamento/ monoglossia.

Ainda um último acréscimo forma um padrão conjuntamente com escolhas em outras categorias (mudanças de transitividade e padrões de significados denotativos e conotativos) que serão discutidas mais adiante. Esse acréscimo é mostrado no exemplo abaixo.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
16	I’ve never seen anything so unreal in my life.	Nunca tinha visto nada tão irreal em toda a minha vida.

No exemplo acima, há um aumento da gradação de força/ quantificação/ extensão em ‘vida’ pelo acréscimo de ‘toda’, tornando mais proeminente, contra esse parâmetro estendido, o caráter de irrealidade daquilo que é visto.

²⁰ “Under *focus* it is possible to up-scale, or ‘sharpen’, the specification so that prototypicality is indicated (eg a real father, a true friend) or to downscale, or ‘soften’, the specification so as to characterise an instance as having only marginal membership in the category (eg they sort of play jazz, they are kind of crazy, it was an apology of sorts).” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 138)

Em suma, parte dos acréscimos em HOD_Trevisan (29%) forma padrões que afetam o ponto de vista ideológico por gerarem significados avaliativos, particularmente aumentos de gradação e a geração de contraexpectativa, que apontam para a ausência de manifestações na paisagem, sua impalpabilidade, particularidade e irrealidade.

Esses padrões mostram que a questão da indizibilidade é afetada em HOD_Trevisan não por mudanças em seu recurso mais prototípico (a negação gramatical) ou na representação da própria incompreensão, mas de modo indireto, por meio da construção de significados associados à paisagem que a representam como mais impalpável e apenas consequentemente como mais incompreensível e indizível.

4.2.1.2 HOD_O'Shea

Em HOD_O'Shea, 13 em 28 omissões, ou 46% destas, constituem um padrão. São omitidos modificadores do grupo nominal, construindo descrições menos detalhadas do que é observado e também gerando diferentes significados avaliativos. Como, em geral, os números absolutos das mudanças em HOD_O'Shea são sempre menores do que em HOD_Trevisan pela prevalência do decalque, a observação de padrões é menos facilitada e se dá frequentemente pela combinação de mudanças em diferentes categorias. É o que ocorre com as omissões.

O primeiro padrão é exatamente oposto ao descrito no QUADRO 5 para HOD_Trevisan. Há em HOD_O'Shea omissões de palavras que marcam a particularidade dos elementos descritos, como mostra o QUADRO 6.

QUADRO 6: Omissões/ Particularidade em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
1	...that notion of being captured by the incredible which is of the very essence of dreams.	...a noção de ser capturado pelo incrível que vem a ser a essência dos sonhos...
2	...the memory of that time itself lingers around me...	...a lembrança daquele tempo permanece comigo...
3	Not the faintest sound of any kind could be heard.	Não se ouvia o menor ruído.
4	It was as unreal as everything else--as the philanthropic pretense of the whole concern...	Era tão irreal quanto tudo o mais... tanto quanto a pretensão filantrópica da empreitada...

No exemplo 1 do QUADRO 6, a essência dos sonhos em HOD_O'Shea tem menor prototipicidade pela omissão do marcador da gradação de foco 'very'.

No exemplo 2 do QUADRO 6, o tempo rememorado tem menor particularidade pela omissão de ‘itself’ que, no TF, avalia esse tempo por engajamento/ monoglossia (‘itself’ é usado para enfatizar que se está falando de uma coisa em particular, e não outras²¹, fechando o escopo da discussão). A proposição no TT é, assim, mais heteroglóssica.

No exemplo 3 do QUADRO 6, o qualificador ‘of any kind’ no TF atua no sistema do engajamento ao promover uma maior contração dialógica por discordância,²² intensificando também a negação de ‘not the faintest sound’. A omissão do qualificador no TT diminui essa contração e com ela a intensidade da negação. A ausência de som é, assim, menos definitiva que no TF.

O exemplo 4 do QUADRO 6 é parte de um comentário em que o narrador expressa sua opinião sobre a atmosfera de uma das estações da companhia. A falsa filantropia (‘philanthropic pretense’), em que se percebe uma avaliação negativa de atitude/ julgamento/ sanção social, é vista como algo que permeia ‘toda’ a empreitada europeia na África, com ‘whole’ avaliando ‘concern’ no TF por gradação/ força/ quantificação/ extensão. A omissão desse marcador de extensão, na tradução ‘da empreitada’ para ‘of the whole concern’, diminui a abrangência da atitude hipócrita dos europeus. Pode-se dizer que tem um efeito de neutralizar a prosódia semântica da proposição.

Um segundo tipo de omissões em HOD_O’Shea ocorre com determinados adjetivos, como mostra o QUADRO 7 a seguir.

QUADRO 7: Omissões/ Intensificação fusionada em HOD_O’Shea

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
5	...the murmurs of wild crowds...	...o burburinho da multidão...
6	...as sane men would be before an enthusiastic outbreak in a madhouse.	...conforme homens mentalmente sãos ficariam perante uma rebelião num manicômio.
7	...all that wild mob took up the shout in a roaring chorus...	...toda a multidão selvagem repetiu o grito, formando um coro...
8	...an uninterrupted, uniform, headlong, rushing noise filled the mournful stillness of the grove...	...um ruído ininterrupto, uniforme, impetuoso, preenchia o silêncio mortal do arvoredo...

Em termos avaliativos, os adjetivos destacados nos exemplos de 5 a 7, no QUADRO 7, representam avaliações particulares de atitude/ apreciação sobre manifestações dos nativos. O que possuem em comum, dado que os significados atitudinais são graduáveis

²¹ Definição encontrada no *Macmillan Dictionary Online*: “3. Used for emphasizing that you are referring to a particular thing and not to anything else.”

²² Segundo Martin e White (2005, p. 117), a opção *disclaim* (discordância) está associada a “meanings by which some dialogic alternative is directly rejected or supplanted, or is represented as not applying.” No caso, pode-se entender que os diversos tipos de som são diretamente rejeitados em ‘not...of any kind’.

(MARTIN; WHITE, 2005, p. 135), é um aspecto de intensificação fusionada. Percebe-se que os adjetivos citados não apareceriam em primeiro lugar em um contínuo de gradação. Por exemplo, pode-se imaginar o seguinte contínuo: *a mild outbreak/ an enthusiastic outbreak/ a raging outbreak*. A escolha por ‘enthusiastic’ no exemplo 6 do QUADRO apresenta, portanto, algum grau de intensificação. O mesmo se pode dizer dos outros dois adjetivos (exemplos 5 e 7), cuja omissão em HOD_O’Shea cria uma descrição menos intensificada das manifestações dos nativos.

O exemplo 8 do QUADRO 7 acima contém não um epíteto, mas um classificador, já que ‘rushing’ pode ser considerado um tipo ou subclasse de barulho.²³ Ainda assim, a omissão dessa palavra no TT elimina o traço de velocidade que, no TF, se soma a ‘headlong’ para compor uma descrição marcante do ruído do rio. Esse exemplo, assim, também contribui para uma descrição menos intensificada no TT, neste caso de uma manifestação física da paisagem.

Duas omissões, mostradas nos exemplos 9 e 10 a seguir, parecem formar um terceiro padrão em que a paisagem (incluindo a população nativa) é representada como menos assertiva, menos intensa ou com menor efeito sobre o observador.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
9	It made you feel very small, very lost...	Tal sentimento fazia com que nos sentíssemos diminutos, perdidos...

No exemplo 9 acima, o intensificador ‘very’ em duas ocorrências na oração do TF aumenta a gradação de força dos epítetos ‘small’ e ‘lost’, que descrevem a sensação de pequenez do narrador diante de um determinado grupo de árvores imponentes. A omissão das duas ocorrências no TT (ou ao menos da segunda, se se considerar que ‘diminutos’ é a tradução dada para ‘very small’) diminui a intensidade dessa sensação de pequenez e, conseqüentemente, diminui o efeito desnordeador da referida paisagem sobre o narrador e seus companheiros.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
10	...till I had gone so far that I don't know how I'll ever get back.	...até que cheguei tão longe, que não sei como voltar.

²³ “The classifier indicates a particular subclass of the thing in question...” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 377).

O exemplo 10 acima mostra uma fala do menino chamado por Marlow de ‘harlequin’, em que ‘ever’ no TF atua no sistema de engajamento ao intensificar a negação presente em ‘I don’t know’, contraindo o escopo de posições alternativas ao descartar a possibilidade saber como, algum dia, retornar. Ressalta, portanto, a dificuldade e a improbabilidade desse retorno das profundezas da selva. A omissão de ‘ever’ em HOD_O’Shea diminui a intensidade da negação presente em ‘não sei’, conseqüentemente diminui a certeza da dificuldade desse retorno e, por extensão, o perigo e a imensidão desse local ‘tão longe’.

Outras omissões de adjetivos e advérbios em HOD_O’Shea apenas produzem descrições menos detalhadas, formando o quarto padrão entre as omissões.

QUADRO 8: Omissões/ Detalhamento em HOD_O’Shea

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
11	...the short noise was left behind...	...o barulho ficando para trás...
12	...a very loud cry, as of infinite desolation, soared slowly in the opaque air.	...um grito muito alto, de uma desolação infinita, elevou-se pelo ar opaco.
13	...stood in the sunlight (...), warlike and still in statuesque repose.	...posicionavam-se ao sol, vestidas para guerra (...), figuras essas que, ao mesmo tempo, pareciam estátuas.

Como se vê no QUADRO 8 acima, os adjetivos ‘short’ e ‘still’ e o advérbio ‘slowly’ são omitidos no TT. Nos exemplos 11 e 12, como os itens omitidos (‘short’ e ‘slowly’) diminuem a gradação de um barulho e de um grito, respectivamente, pode-se argumentar que sua omissão em HOD_O’Shea admita a possibilidade de um barulho e grito mais significativos. Isto contrariaria o padrão citado anteriormente de representação de uma paisagem menos ativa. Porém, a avaliação global das mudanças neste TT em todas as categorias analisadas não aponta na direção de uma intensificação na descrição da paisagem, mas de uma neutralização. Por esse motivo, considera-se que as mudanças dos exemplos 11 e 12 do QUADRO 8 apenas produzem descrições menos detalhadas, possivelmente motivadas pela tendência à redução sugerida para o tradutor O’Shea.

No exemplo 13 há a omissão do atributo ‘still’, bem como ampliações/expansões nas traduções de ‘warlike’ por ‘vestidas para guerra’ e ‘and’ por ‘ao mesmo tempo’, além do acréscimo de repetição em ‘figuras essas que’. Não há exatamente um conteúdo novo acrescentado nessas ampliações, mas pode-se conjecturar que sejam motivadas por uma preocupação com a coesão, no caso do acréscimo, ou a clareza do texto, no caso das expansões. Já a omissão é de uma palavra de conteúdo, cujo significado, no entanto, está de alguma forma também presente em ‘pareciam estátuas’. Assim, pode-se

conjecturar que a tendência à concisão do tradutor O'Shea atue sobre itens considerados desnecessários ou não absolutamente imprescindíveis para a compreensão, mas que essa tendência não se sobrepõe a uma preocupação com a coesão e a legibilidade.

Em resumo, pode-se dizer que as omissões em HOD_O'Shea produzem descrições da paisagem (física, humana e psicológica) com menor particularidade, menor intensidade e menor detalhamento. Além disso, sugerem uma possível neutralização da prosódia semântica negativa relacionada às atividades dos colonizadores.

Observou-se também um padrão nos acréscimos em HOD_O'Shea, dos quais quatro em 18 (22%) são acréscimos de advérbios, que parecem contribuir para três diferentes significados.

O primeiro tipo de significado se dá pelo acréscimo de dois advérbios de intensidade, um associado a um processo mental (*remember*) e outro a um atributo derivado de processo mental (*expect*), contribuindo para aumentar o senso de incompreensão do narrador.

QUADRO 9: Acréscimos/ Incompreensão em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
14	...though there is a period of time which I remember mistily...	...embora haja um tempo do qual me lembro apenas vagamente...
15	This was unexpected.	Algo absolutamente inesperado.

No exemplo 14 do QUADRO 9, o acréscimo de 'apenas' em HOD_O'Shea atua no sistema do engajamento ao contrair a proposição por contração/ discordância/ contraexpectativa. A lembrança se torna possível 'apenas' de modo vago, ao contrário do que normalmente se esperaria, e essa vagueza reforça a incompreensão.

No exemplo 15 do QUADRO 9, 'absolutamente' intensifica a qualidade de 'inesperado', aumentando sua gradação de força. Como 'inesperado' inclui uma negação, o acréscimo do advérbio também intensifica a negação. O evento em HOD_O'Shea torna-se desse modo mais imprevisível, por consequência incompreensível, e essa imprevisibilidade é mais incontestável.

O terceiro advérbio acrescentado em HOD_O'Shea não está associado a um processo mental mas é constituído ele próprio da raiz 'ment*'. Esse advérbio, mostrado no exemplo 16 a seguir, classifica o tipo de sanidade a que se refere o narrador na descrição de si próprio e de seus companheiros ao se depararem com uma manifestação ritualística dos nativos.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
16	...we glided past like phantoms, wondering and secretly appalled, as sane men would be before an enthusiastic outbreak in a madhouse.	...deslizávamos como espectros, curiosos e, no íntimo, assombrados, conforme homens mentalmente são ficariam perante uma rebelião num manicômio.

O acréscimo de ‘mentalmente’ em HOD_O'Shea pode ter sido motivado pela precisão lexical, a partir da compreensão de que ‘sane’ já indica um tipo de sanidade mental²⁴, enquanto o equivalente português ‘são’ pode indicar também um estado de saúde física. ‘Mentalmente são’ é inclusive uma colocação usual em português, com 34.000 ocorrências no Google. Nesse mesmo exemplo, ocorre a omissão já citada de ‘enthusiastic’, que se considerou diminuir a intensidade da manifestação dos nativos.

Um olhar mais atento a esse exemplo mostra que ‘enthusiastic’ avalia positivamente ‘outbreak’ por apreciação/ reação/ impacto.²⁵ *Enthusiastic*, assim, diminuiria a prosódia semântica negativa de ‘madhouse’. Para melhor compreensão, uma associação similar pode ser observada em duas colocações usuais em português, ‘bobo alegre’ ou ‘louco feliz’, em que ‘alegre’ e ‘feliz’ diminuem a carga negativa geralmente associada à figura do ‘bobo’ ou do ‘louco’. A omissão de *enthusiastic* em HOD_O'Shea assim impede a evita essa neutralização da prosódia semântica negativa, a qual no TT pode ser interpretada como negativa, descrevendo uma cena de ‘rebelião’ mais séria e assustadora.

Em conjunto, o acréscimo de ‘mentalmente’ e a omissão de ‘enthusiastic’ parecem criar uma descrição mais objetiva e precisa da cena, porém com menos nuances de significado.

O quarto acréscimo se dá com o advérbio ‘muito’ intensificando a atitude do narrador em HOD_O'Shea, como mostra o exemplo a seguir.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
17	...unspeakable rites, which - as far as I reluctantly gathered from what I heard at various times - were offered up to him...	...ritos inomináveis, os quais... conforme, muito a contragosto , deduzi do que ouvi diversas vezes... eram a ele ofertados...

Na verdade, pode-se considerar que haja duas mudanças operando no exemplo acima em HOD_O'Shea. Primeiro, percebe-se a não escolha por ‘relutantemente’ ou ‘com

²⁴ O *Macmillan Dictionary Online* apresenta a seguinte definição para ‘sane’: ‘1. *Someone who is sane is able to think and speak in a reasonable way and to behave normally*’.

²⁵ A avaliação de apreciação/ reação/ impacto responde à pergunta ‘*did it grab me?*’ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 56). Entre os exemplos de avaliação positiva desse tipo, estão palavras como ‘exciting’, ‘intense’ e ‘lively’.

relutância’, talvez para eliminar a possível acepção de relutância como ‘vacilação, indecisão’ e explicitar a ideia de ‘opor força ou resistência’²⁶ na escolha por ‘a contragosto’. Assim, a disposição do narrador que, na escolha do TF por ‘reluctantly’, poderia admitir uma avaliação de atitude/ afeto/ insegurança²⁷, passa a admitir no TT apenas a de atitude/ afeto/ insatisfação (ver nota 27). Percebe-se então a desambiguação do sentido de ‘reluctantly’ para designar claramente uma repreensão quanto àquilo que foi compreendido (*gathered*) – a própria existência dos ritos dos nativos ou o fato de serem ofertados a Kurtz.

Os quatro acréscimos de advérbios em HOD_O’Shea, em suma, intensificam a incompreensão, sugerem uma preocupação com a precisão lexical e com o uso de uma colocação usual e explicitam a contrariedade do narrador a certa prática africana.

Observando-se esses acréscimos em conjunto com as omissões em HOD_O’Shea, parece haver uma certa ‘podagem’ no texto, com eliminação de informações atitudinais, não factuais, ou consideradas não essenciais, e, por outro lado, uma acentuação de aspectos de incompreensão como a surpresa e a dificuldade de memória, bem como da repreensão quanto ao que é visto. Essas mudanças, como visto, afetam o ponto de vista ideológico por suas implicações avaliativas.

4.2.1.3 Comparação entre os TTs

Em HOD_Trevisan predominam as amplificações e, em HOD_O’Shea, as reduções. Qualitativamente, foram observados padrões nas subcategorias dos acréscimos em HOD_Trevisan e das omissões e dos acréscimos em HOD_O’Shea. Em termos avaliativos, cerca de 30% dos acréscimos em HOD_Trevisan atuam aumentando a gradação e o aspecto de contraexpectativa no sistema do engajamento para reforçar traços da paisagem como, principalmente, sua escassez e impenetrabilidade. Em HOD_O’Shea, 46% das omissões diminuem a gradação e o detalhamento nas descrições da paisagem, apontando para uma podagem do texto e para o estilo conciso do tradutor. Dois acréscimos reforçam a incompreensão do narrador e uma escolha intensifica um posicionamento avaliativo.

²⁶ Ambas as definições encontradas no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) para ‘relutância’.

²⁷ Definição de ‘reluctant’ no Merriam-Webster Online: “*feeling or showing aversion, **hesitation** or unwillingness*” (grifo meu). A avaliação de atitude/ afeto/ (in)segurança, segundo Martin e White (2005, p. 49), abarca emoções relacionadas ao bem-estar ecossocial, como ansiedade, medo e confiança, a ausência desta última podendo explicar o sentimento de hesitação.

As subseções de 3.2.2 a 3.2.5.3 descrevem o resultado das análises do corpus sobre as categorias principais e secundárias associadas a cada plano do ponto de vista narrativo.

4.2.2 Ponto de vista psicológico: transitividade e coesão

A transitividade foi a principal categoria do ponto de vista psicológico a apresentar mudanças em HOD_Trevisan. Foram observadas 19 mudanças de transitividade em HOD_Trevisan e oito em HOD_O'Shea. O maior número de mudanças é uma constante em HOD_Trevisan, mas neste caso há também uma diferença qualitativa entre os TTs. As mudanças de transitividade em HOD_Trevisan são de diversos tipos (estrutura com implicação na agência, forma ativa/passiva, tipo de processo, acréscimo de processos, mudança de preposição para processo, entre outras) e constituem um padrão perceptível de significados. Já as mudanças em HOD_O'Shea são quase todas de tipo de processo e nenhum tipo de mudança se sobressai, de modo que também não se percebe uma mudança clara de significado.

Já em HOD_O'Shea, as mudanças de coesão foram mais reveladoras. São apresentadas as mudanças de transitividade em HOD_Trevisan e de transitividade e coesão em HOD_O'Shea nas subseções que se seguem.

4.2.2.1 HOD_Trevisan

Das 19 mudanças de transitividade, pode-se dizer que 11 (58%) contribuem para representar a paisagem como mais assertiva diante do observador ou representar o observador como mais impotente diante dela, em comparação ao TF. O QUADRO 10 mostra alguns exemplos.

QUADRO 10: Transitividade/ Paisagem assertiva em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
1	The wilderness had patted him on the head, and, behold, it was like a ball- an ivory ball;	A selva dera-lhe um leve tapa na cabeça e, vejam só, esta se transformara numa bola de marfim;
2	...the white men (...) seemed very strange - had the appearance of being held there captive by a spellos homens brancos (...) pareciam muito estranhos - era como se um feitiço os mantivesse ali cativos .
3	Still, I had also judged the jungle of both banks quite impenetrable.	As matas das duas ribanceiras pareciam-me quase impenetráveis...
4	...to me it seemed as though the mist itself had	...para mim, a impressão era de que a própria

Continua...

Conclusão

	screamed, so suddenly, and apparently from all sides at once, did this tumultuous and mournful uproar arise .	névoa tivesse gritado daquela forma tão súbita e que também ela , aparentemente por todos os lados, em uníssono, emitisse aquele funéreo e tumultuado alarido.
5	Settlements some centuries old, and still no bigger than pin-heads on the untouched expanse of their backgroundcolônias seculares e, mesmo assim, reduzidas à (sic) uma cabeça de alfinete na inviolada imensidão que as envolvia .

No exemplo 1 do QUADRO 10, o tipo de processo do TF (relacional atributivo) se mantém no TT, mas, um nível adiante na escala da delicadeza, percebe-se uma mudança de *neutral* para *phased attribution*²⁸, o que significa que o processo passa a se desenrolar no tempo em fases. A cabeça de Kurtz, no TT, sofre uma modificação quando sujeita ao ‘tapa’ da selva, tornando-se então uma bola de marfim. No TF esta relação de causa e efeito, ou de fases, não existe e a comparação com uma bola de marfim independe do toque da selva. O TT assim evidencia o poder da selva sobre Kurtz.

A mudança da forma passiva para ativa no exemplo 2 do QUADRO 10 evidencia a agência do feitiço que emana da paisagem ao colocá-lo no papel de Ator da oração encaixada grifada.

No exemplo 3 do QUADRO, a mudança de estrutura tem implicações para a transitividade por colocar em posição temática e como sujeito da sentença ‘as matas das duas ribanceiras’ no lugar do pronome ‘I’. A subjetividade veiculada por ‘judged’ continua presente em ‘pareciam-**me**’ (grifo meu), porém não é o ponto de partida da sentença. O processo muda de mental para relacional, passando a “caracterizar e identificar” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 259) as matas mais do que relatar a “experiência do mundo da consciência” (*ibid*, p. 245) do narrador.

No exemplo 4 do QUADRO 10 há diversas mudanças, entre as quais duas chamam a atenção. No TF a relação entre as orações é de expansão/ *enhancement*, com a segunda, hipotática, explicitando a causa de o narrador ter pensado que a própria selva havia gritado.²⁹ No TT há uma relação paratática de expansão/ *extending*³⁰ entre as duas orações que

²⁸ “...processes of attribution unfold through time. In the unmarked case, the phase of the unfolding is left unspecified (‘neutral’); alternatively, **the phase is marked as either (1) ‘time phase’ – ‘inceptive’ (e.g. become, go, grow, turn) or ‘durative’ (e.g. keep, remain) or (2) ‘reality phase’...**” (grifo meu) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 271).

²⁹ “In **enhancement** one clause (or subcomplex) enhances the meaning of another by qualifying it in one of a number of possible ways: by reference to time, place, manner, cause or condition.” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 476). Na sentença do exemplo 4, a oração hipotática ‘so suddenly, and apparently from all sides at once, did this tumultuous and mournful uproar arise’ pode ser considerada a causa ou o motivo de ‘it seemed as though the mist itself had screamed’. Uma forma de reescrever a sentença seria invertendo as orações: “So suddently, and apparently from all sides at once, did this tumultuous and mournful uproar arise, that it seemed as though the mist itself had screamed.”

se encontram encaixadas na função de *identifier* da oração relacional. Na segunda oração, a selva é explicitamente citada como agente da ação de ‘emitir’ o alarido, diferentemente do TF, em que o alarido, enquanto *medium*³¹, surge (‘arise’). É esta mudança que contribui para a representação da paisagem como mais assertiva.

No último exemplo do QUADRO 10, a frase preposicionada ‘of their background’ é substituída pela oração encaixada ‘que as envolvia’ no TT, de modo que a imensidão passa a ter agência ao se tornar Ator do processo material de ‘envolver’ as colônias seculares.

É preciso lembrar que por ‘paisagem’ convencionou-se neste estudo incluir territórios psicológicos e uma ocorrência aponta para uma maior suscetibilidade do narrador a processos psíquicos e emocionais, portanto não seria a paisagem física a se tornar mais assertiva no TT, mas o processo interno engendrado pelo confronto com o ambiente. Um exemplo é dado a seguir.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
6	I felt an intolerable weight oppressing my breast...	Um peso insuportável oprimia-me o peito...

A oração acima, no TF, é uma oração mental iniciada pelo tema ‘I’, deixando claro que se trata da perspectiva subjetiva do falante – o narrador. O TT omite o sujeito ‘I’ e o processo mental ‘felt’, transformando a oração encaixada na função de fenômeno do TF na oração principal, que passa a ter como tema ‘um peso’ e como processo ‘oprimir’. A tradução diminui o grau de subjetividade da oração, de modo que a sensação de opressão, agora em posição temática, ganha maior factualidade. Essa mudança se assemelha à do exemplo 3 do QUADRO 10 anterior.

Há quatro mudanças de transitividade (21%) que realizam o processo contrário ao do exemplo 6 acima, trazendo o processo de tipo mental e, conseqüentemente, o observador e sua percepção, para a posição temática. Aqui convém abrir um parêntese para ressaltar uma questão metodológica. Diante de mudanças de tipo oposto e em diferentes números no TT, cabem dois tipos de avaliação já citados na seção de Metodologia: um seria a diferença quantitativa entre as duas mudanças de tipo oposto e outro uma avaliação qualitativa da contribuição ou não de cada tipo para a formação de padrões de significado.

³⁰ Sobre a relação paratática de tipo *extending*, Halliday afirma: “*This is the traditional category of ‘coordination’. Here the semantic relationship is one of ‘and, or, nor, but, but not’...*”. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 562).

³¹ O *medium* seria “*the entity through the medium of which the process comes into existence*”. (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 341). Halliday acrescenta que o *medium* corresponde ao Ator em orações intransitivas.

Aqui, diante de uma diferença quantitativa não muito expressiva (quatro mudanças de tematização do processo mental contra duas de omissão do processo mental, com mudança de tipo de processo), procedeu-se a uma análise qualitativa e considerou-se que cada tipo de mudança contribuiu para um padrão distinto em associação com outras mudanças em diferentes categorias de análise. Acima já se descreveu a contribuição das duas mudanças de omissão do processo mental para a representação da paisagem como mais assertiva. De outro lado, as quatro mudanças de tematização do processo mental foram consideradas como contribuições a um padrão de representação da narrativa como reflexo da percepção do narrador. Citam-se dois exemplos no QUADRO 11 a seguir.

QUADRO 11: Transitividade/ Percepção do narrador em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
7	...where not a breath stirred...	...onde não se ouvia um único sopro...
8	It made you feel very small...	Sentia-me muito pequeno...

Nos dois casos acima, pode-se considerar que as mudanças tenham sido motivadas pelas convenções de tipo textual ou da língua portuguesa; no exemplo 8 do QUADRO, uma tradução como ‘Isto me fazia sentir muito pequeno’ soaria artificial e a retomada anafórica seria difícil porque o sujeito é longo (*‘Trees, trees, millions of trees, massive, immense, running up high’*). De qualquer forma, independentemente da motivação para as mudanças, textualmente o TT prioriza a percepção do narrador.

No exemplo 7 do QUADRO, ocorre uma mudança de tipo de processo, de material ‘stirred’ para mental ‘se ouvia’, além da inversão da estrutura com tematização do processo. Trata-se de uma realização (‘se ouvia’) impessoal, que não designa o narrador como experienciador, mas este pode ser inferido. Observe-se, a título de comparação, que em HOD_O’Shea a estrutura e o tipo de processo se mantêm: ‘onde nenhum sopro se agitava’. Já no exemplo 8, a sentença parte do processo de sentir do narrador, ao contrário do TF em que o tema é ‘it’, o objeto externo que impulsiona a sensação de pequenez do narrador.

Ainda outra mudança de transitividade contribui para trazer a narrativa para a esfera da percepção do narrador, somando cinco escolhas nesse padrão (28%):

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
9	...the foreign shores, the foreign faces, the changing immensity of life, glide pastas praias estrangeiras, os rostos estrangeiros, a inconstante infinitude da vida, perdem-se no esquecimento ...

No exemplo 9, no TF, pode-se entender a oração como descrição objetiva do processo material de ‘deslizar’ dos elementos da paisagem, conforme o navio avança, ou interpretar esse movimento como uma metáfora do esquecimento. Neste último caso, o processo mental de esquecer estaria implícito ou poderia ser compreendido por conotação. O TT mantém um processo material (‘perder-se’), mas usado em associação à circunstância ‘no esquecimento’, metaforicamente, para designar o processo mental de esquecer. Assim, há no TT uma explicitação que deixa clara a perspectiva da descrição deste evento como sendo a da experiência psicológica de esquecimento do narrador.

Além disso, se a oração do TF for entendida como metáfora do esquecimento, este exemplo poderia ser tomado como confirmação da afirmação de Munday (2012) de que atitudes evocadas no TF podem ser explicitadas no TT. À oração reproduzida no exemplo 9 acima, segue-se: ‘veiled not by a sense of mystery but by a slightly disdainful ignorance; for there is nothing mysterious to a seaman unless it be the sea itself’. Deste trecho pode-se depreender uma atitude negativa de apreciação/ valor social³² da parte dos ‘seamen’ para com tudo aquilo que os cerca, exceto o mar. A escolha por ‘perdem-se no esquecimento’ no TT ajuda a explicitar essa ‘ignorância desdenhosa’ em relação ao entorno.

Há ainda duas mudanças de transitividade (11%) que contribuem para um terceiro padrão em associação com mudanças em categorias que ainda serão apresentadas: a atribuição de um senso de irrealidade ou efemeridade ao mundo percebido.

QUADRO 12: Transitividade/ Irrealidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
10	The rest of the world was nowhere , as far as our eyes and ears were concerned. Just nowhere .	O restante do mundo deixara de existir para os nossos olhos e ouvidos. Não existia , simplesmente.

Nas duas ocorrências do exemplo 10 do QUADRO 12, o processo relacional ‘was’ (explícito na primeira e implícito na segunda) é substituído pelo processo existencial ‘existir’ no TT. Assim, o ‘restante do mundo’ não apenas está fora do campo de percepção dos sentidos de visão e audição, mas efetivamente deixa de existir no TT.

As mudanças de transitividade em HOD_Trevisan afetam o ponto de vista psicológico por alterarem o *world-view* (SIMPSON, 1996, p. 214) do narrador. Isto ocorre pelo aumento na agência de elementos da paisagem física e psíquica (11), por mudanças que

³² A avaliação de valor social (*valuation*) responde à pergunta ‘*was it worthwhile?*’ e tem, como exemplos de avaliação negativa, *insignificant, everyday, common, ineffective* (MARTIN; WHITE, 2005, p. 56).

trazem a narrativa para a esfera da percepção mental do narrador (5) e que sugerem uma compreensão do mundo como irreal e efêmero (2).

4.2.2.2 HOD_O'Shea

Entre as oito mudanças de transitividade de HOD_O'Shea, três de processo relacional para existencial, três são de processo material para relacional e duas de relacional para material. Portanto, nenhum tipo de mudança se sobressai quantitativamente.

Entre as três mudanças para processos existenciais, há, como em HOD_Trevisan, a mudança da ideia de 'não lugar' no TF (nas ocorrências 'was nowhere' e 'just nowhere') para a de inexistência, que em HOD_O'Shea é expressa por 'não existia' nas duas ocorrências. Porém estas escolhas parecem estar isoladas, já que em HOD_O'Shea é mais a questão da materialidade do mundo que aparece em escolhas lexicais, não particularmente sua irrealidade.

A terceira mudança para processo existencial parece ter sido motivada pela forma mais adequada às convenções da língua portuguesa. Para 'eyes were in it', HOD_O'Shea apresenta 'nela havia olhos', tematizando a circunstância e preferindo um processo existencial. A tradução literal 'olhos estavam nela' de fato soaria não natural. Na verdade, pode-se questionar se a forma no próprio TF é criativa ou não. As buscas no BNC e no COCA revelam mais ocorrências para '*Eyes were*'³³ (3 no BNC e cinco no COCA) que para '*There were eyes*' (0 no BNC e duas no COCA), o que poderia mostrar a ocorrência mais usual de *eyes were*, porém *eyes were* aparece seguida de atributos ou formas verbais enquanto as duas ocorrências de *There were eyes* aparecem seguidas de *everywhere* (um locativo como *in it*). Ao que parece, a construção do TF é criativa e a escolha de HOD_O'Shea a normaliza.

As demais mudanças de tipo de processo não parecem relevantes em termos de significados. Se se depreende algum padrão em HOD_O'Shea na categoria da transitividade, na ausência de padrões claros de significado, talvez seja mesmo o de busca pelas convenções da língua. Um exemplo é mostrado a seguir:

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
1	...so suddenly, and apparently from all sides at once, did this tumultuous and mournful uproar arise.	...de tão súbito que foi aquele violento e funesto alarido , aparentemente, vindo de todos os lados ao mesmo tempo.

³³ O uso do ponto final antes do item lexical de busca garante sua posição temática nos resultados.

Em HOD_O'Shea há a mudança do processo material 'arise' para o relacional 'foi' e da circunstância 'suddenly' para a forma 'de súbito', mais convencional que aquelas realizadas por advérbios terminados em -mente, contribuindo para a simplificação da sentença. A estrutura é também menos marcada por levar para o final da sentença (posição natural) uma das circunstâncias: 'aparentemente vindo de todos os lados ao mesmo tempo'.

Assim, as mudanças de transitividade em HOD_O'Shea parecem afetar mais diretamente o ponto de vista fraseológico que o psicológico.

Quanto à coesão, observou-se um padrão composto por 12 escolhas. Em sete casos de referência (uso de pronomes) no TF, HOD_O'Shea apresenta coesão lexical por repetição (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Dois exemplos são mostrados no QUADRO 13. Os itens em negrito são os que foram contabilizados como mudanças; os sublinhados mostram os correferentes, obtidos pela expansão dos cotextos.

QUADRO 13: Coesão lexical/ Repetição em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
2	We wouldn't be able to tell where we were going to (...) till we fetched against <u>one bank or the other</u> ,--and then we wouldn't know at first which it was.	Não saberíamos aonde estávamos indo (...) até esbarrarmos <u>numa das margens...</u> e então tampouco saberíamos que margem seria aquela.
3	<u>The wilderness</u> had patted him on the head (...); <u>it</u> had caressed him (...); it had taken him (...) and sealed his soul to <u>its</u> own by the inconceivable ceremonies of some devilish initiation.	<u>A floresta</u> tocara-lhe a cabeça (...); <u>a floresta</u> o acariciara (...); a floresta o possuía, (...) e unira-se à alma dele por meio de inconcebíveis ritos de uma iniciação demoníaca.

No exemplo 2 do QUADRO 13, o TT apresenta 'que margem' para o pronome 'it' no TF e, no exemplo 3, 'a floresta' aparece três vezes contra apenas uma no TF, as outras duas realizadas por 'it'. Percebe-se uma facilitação da leitura no TT, ao exigir menor esforço cognitivo do leitor para memorizar os referentes.

Para outro exemplo de repetição, apresenta-se a cadeia referencial do item 'man-of-war' no QUADRO 14. O item em negrito corresponde ao que foi contabilizado por aparecer nas sentenças selecionadas para análise. Os demais itens foram obtidos pelo cotexto expandido.

QUADRO 14: Repetição em HOD_O'Shea

HOD_Conrad	HOD_O'Shea
man-of-war	embarcação de guerra
she	o navio
her (poss.)	a (art.)

Continua...

her	o navio
her	
her (poss.)	os (art.)
she	o navio

No TF, após a introdução do ‘man-of-war’, este é retomado por pronomes nas seis ocorrências. HOD_O’Shea retoma o referente pelo hiperônimo ‘o navio’ três vezes. Partes dessa embarcação introduzidas no TF por pronomes possessivos aparecem no TT introduzidas por artigos, deixando subentendida a meronímia. Há ainda uma contração a partir de ‘swung her up (...) and let her down’, com a meta sendo citada apenas uma vez em ‘erguia e baixava o navio’, mudança que incide sobre a coesão mas não produz ambiguidade. Considera-se, assim, que o uso do recurso coesivo lexical da repetição em HOD_O’Shea aumenta a fluência da leitura, tornando o texto mais compreensível.

Ainda quanto à coesão, há três acréscimos de itens, sendo dois acréscimos de repetições, que contribuem para a facilitação da leitura. O QUADRO 15 mostra esses exemplos.

QUADRO 15: Coesão lexical/ Acréscimos em HOD_O’Shea

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
4	It was as unreal as everything else-- as the philanthropic pretense of the whole concern...	Era tão irreal quanto tudo o mais... tanto quanto a pretensão filantrópica da empreitada...
5	... two bronze figures , leaning on tall spears, stood in the sunlight under fantastic headdresses of spotted skins, warlike and still in statuesque repose.	... duas brônzeas figuras apoiadas em longas lanças posicionavam-se ao sol, vestidas para guerra, com fantásticos adornos na cabeça, confeccionados com peles malhadas, figuras essas que , ao mesmo tempo, pareciam estátuas.
6	...I would become acquainted with a flabby, pretending, weak-eyed devil of a rapacious and pitiless folly.	...conheceria um demônio flácido, dissimulado, de olhar débil, o demônio de uma loucura voraz e impiedosa.

As repetições acima são relevantes dada a tendência à concisão observada em HOD_O’Shea. No exemplo 4 do QUADRO 15, a escolha do tradutor por acrescentar ‘tanto’ é relevante quando se considera a opção perfeitamente plausível em português de utilizar apenas ‘quanto’ ou ‘como’. Destaca-se uma preocupação com a manutenção dos referentes em sentenças longas nos exemplos 5 e 6 do QUADRO 15, com acréscimos de repetições de grupos nominais.

Finalmente, HOD_O’Shea acrescenta a preposição ‘de’ antes dos itens de uma listagem, aparentemente tendo como motivação a manutenção da coesão, porém criando uma relação entre os elementos do grupo nominal que parece se diferenciar daquela do TF:

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
8	I felt an intolerable weight oppressing my breast, the smell of the damp earth, the unseen presence of victorious corruption, the darkness of an impenetrable night...	Senti um peso insuportável pressionando meu peito, cheiro de terra molhada, da presença invisível da decomposição vitoriosa, das trevas de uma noite impenetrável ...

No TF, o processo mental ‘felt’ tem como fenômenos ‘an intolerable weight...’, ‘the smell...’, ‘the unseen presence...’ e ‘the darkness of...’. Os acréscimos grifados em HOD_O'Shea tornam as duas últimas frases preposicionadas pós-modificadores do núcleo do primeiro fenômeno, ‘o cheiro’. É possível considerar essa mudança como uma tentativa de aumentar a coesão lexical que gerou um ‘erro’ de tradução, já que, fosse essa a ideia do TF, o inglês teria a preposição ‘of’ antes dos dois últimos núcleos do grupo nominal.

O ponto de vista psicológico em HOD_O'Shea é mais afetado pelas mudanças de coesão que de transitividade. Em associação com as mudanças de transitividade que parecem ser motivadas pelas convenções da língua portuguesa, percebe-se neste TT uma simplificação do *mind-style* para maior acessibilidade de leitura.

4.2.2.3 Comparação entre os TTs

A análise do ponto de vista psicológico revela que o *mind-style* do narrador sofre alterações em HOD_Trevisan e em HOD_O'Shea. As alterações em HOD_Trevisan são devidas às mudanças de transitividade, das quais 58% constroem uma representação da paisagem como mais assertiva diante do observador, 26% colocam a narrativa a partir da percepção do narrador e 11% constroem a representação do mundo como irreal ou efêmero. A alteração do *mind-style* em HOD_O'Shea é devida à simplificação da leitura, principalmente pelo uso do recurso coesivo da coesão lexical (repetição) em lugar da referência, mas também por mudanças de transitividade que parecem ser motivadas pelas convenções de uso da língua, relacionando-se também ao ponto de vista fraseológico.

4.2.3 Pontos de vista psicológico e ideológico: padrões de significados denotativos e conotativos do léxico

Os padrões de escolhas lexicais observados no corpus e que geram mudanças de significados incluem diferentes classes de palavras e afetam os significados tanto denotativos quanto conotativos do léxico, motivo pelo qual são apresentados juntos nesta subseção. Esses

padrões são descritos a seguir e compõem-se de três padrões principais e dois secundários para HOD_Trevisan e dois principais e um secundário para HOD_O’Shea.

4.2.3.1 HOD_Trevisan

Neste TT, 30 escolhas apresentam o mesmo padrão observado na categoria de Transitividade, construindo uma representação da paisagem, em suas diversas formas, como mais assertiva e capaz de produzir maior efeito sobre o observador. Entre elas, considerou-se que nove aumentam as dimensões ou a abrangência de elementos da paisagem, duas enfatizam sua força de resistência, 12 aumentam seu poder de ação, duas a personificam atribuindo-lhe características humanas e cinco ressaltam a impotência do observador diante deles. Citam-se a seguir alguns exemplos de cada, começando por exemplos de aumento nas dimensões da paisagem (física ou psicológica), mostrados no QUADRO 16.

QUADRO 16: Significados/ Dimensão em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
1	...the changing immensity of life...	...a inconstante infinitude da vida...
2	...on the untouched expanse of their background...	...na inviolada imensidão que as envolvia...
3	...a mass of hands clapping...	...uma infinitude de mãos batendo...
4	We were wanderers on a prehistoric earth ...	Éramos errantes num mundo pré-histórico...

Os exemplos de 1 a 3 do QUADRO 16 mostram um aumento em HOD_Trevisan da gradação de força/ quantificação, sendo que no nível seguinte da delicadeza os exemplos 1 e 2 poderiam ser classificados como extensão e o exemplo 3 quantidade.

Quanto ao exemplo 4 do QUADRO 16, O *Macmillan Dictionary Online* oferece quatro definições para ‘earth’, todas relacionadas ao planeta Terra propriamente dito. O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) apresenta, para o substantivo ‘mundo’, 09 definições com subdefinições, incluindo, além de ‘o planeta Terra’ e ‘a totalidade dos astros e planetas’, ‘a raça humana’, ‘vida em sociedade’, ‘domínio, esfera ou universo’, ‘algo muito grande, importante e/ou complexo’, entre outras. Para ‘terra’, que seria o equivalente mais direto de ‘earth’, apresenta 15 definições, das quais 12 relacionadas a elementos materiais como ‘planeta’, ‘solo’, ‘argila’, ‘terreno’, entre outros. No Corpus do Português (26332 ocorrências), veem-se para ‘mundo’ colocados como ‘de alterações apressadas’, ‘moderno’ e ‘literário’, que não cabem ou são menos frequentes como colocados

do equivalente ‘terra’. Diante do exposto, pode-se considerar que ‘mundo’ tem uma abrangência maior de significados que ‘earth’.

Além disso, uma pesquisa exploratória relatada em Blauth (2014) mostrou que HOD_Trevisan apresenta sete diferentes formas para a tradução de ‘earth’ e HOD_O’Shea apenas 4. Entre os equivalentes apresentados em HOD_Trevisan, há sete ocorrências de ‘mundo’, 23 de ‘terra’ e duas de ‘realidade’. HOD_O’Shea tem apenas três ocorrências de ‘mundo’, 31 de ‘terra’ e nenhum outro equivalente, além de ‘mundo’, que aponte para aspectos não físicos do planeta. A Terra representada em HOD_Trevisan portanto parece ser muito mais abrangente e diversificada que aquela representada no TF em HOD_O’Shea, expandido-se para além do aspecto material do globo terrestre.

Dois acréscimos reforçam o padrão de aumento da gradação de força/quantificação na representação da população nativa, como mostra o QUADRO 17:

QUADRO 17: Significados/ Quantidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
5	...I saw vague forms of men...	...pude ver vários vultos de homens...
6	...all about others were scattered in every pose of contorted collapse...	Em toda a volta, estavam prostrados inúmeros outros , nas mais variadas e convulsas formas de desfalecimento...

No exemplo 5 do QUADRO 17, o acréscimo de ‘vários’ em HOD_Trevisan (considerando-se ‘vultos’ como tradução de ‘vague forms’) aumenta a quantificação/quantidade. Pode ter tido motivação fonológica para criar uma aliteração, mas ocorre que constrói um significado quase contrário, já que, de ‘vagas’, essas formas passam a ser numerosas e portanto muito mais presentes no TT.

No exemplo 6 do QUADRO 17, há o acréscimo de ‘inúmeros’ aumentando a quantidade de homens vistos. Além disso, a escolha por ‘prostrados’ para ‘scattered’ acresce uma conotação de fraqueza ou abatimento à descrição desses homens e será discutida sob a análise do ponto de vista ideológico.

Os exemplos do QUADRO 18 ilustram a maior capacidade de resistência da paisagem física em HOD_Trevisan:

QUADRO 18: Significados/ Resistência em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
7	... the wall of matted vegetation...	...a muralha de vegetação cerrada...
8	... this cleared speck on the earth...	...aquela nesga de terra desbravada ...

No exemplo 7 do QUADRO 18, ‘muralha’ pode ser considerada um hipônimo da escolha do TF, ‘wall’ (que poderia admitir ‘parede’ ou ‘muro’ em português), designando um tipo de muro utilizado com função de defesa em fortalezas ou cidades.

‘Desbravar’, no exemplo 8 do QUADRO 18, indica que há um obstáculo ou dificuldade a ser vencida, até mesmo pela etimologia da palavra (des- + bravo + -ar)³⁴, enquanto ‘clear’ indica apenas o ato de abrir um espaço. A mudança em HOD_Trevisan pode ser vista como um aumento de gradação de força por intensificação fusionada, se ‘desbravar’ for considerado um ato de ‘abrir’ com maior intensidade. Essa maior intensidade pressupõe que o terreno ofereça maior resistência à penetração humana.

O maior poder de atuação de elementos da paisagem ou do próprio destino (como em um dos casos) é exemplificado no QUADRO 19 a seguir.

QUADRO 19: Significados/ Poder em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
9	Often far away there I thought of these two (...) one introducing, introducing continuously to the unknown...	Muitas vezes, longe dali, pensei nelas duas (...) uma delas conduzindo, conduzindo sem cessar para o desconhecido...
10	...the heavy, mute spell of the wilderness-- that seemed to draw him to its pitiless breast...	...a densa e muda magia da floresta que parecia arrebatá-lo para o seu implacável seio...
11	...it was just there, standing all round you like something solid.	...permanecia ali, simplesmente, envolvendo-nos como algo sólido.

Nos exemplos do QUADRO 19, como ocorre com ‘desbravar’, há aumento da gradação de força por intensificação fusionada aos processos. No exemplo 9, quando o ato das duas senhoras do escritório belga (por onde todos passavam antes de embarcar nas expedições exploratórias) é definido como de ‘conduzir’ ao desconhecido em lugar de simplesmente ‘apresentar’ (‘introduce’), intensifica-se o fatalismo do destino de Marlow e talvez, por extensão, a veemência do projeto europeu de exploração. No exemplo 10 do QUADRO 19, a mudança está em que ‘arrebatá-lo’ é o processo de levar ‘com violência ou de súbito’³⁵, portanto com maior intensidade, que o processo de ‘draw’ ou ‘puxar’³⁶ pelo qual a magia da floresta atua sobre Kurtz.

No exemplo 11, o processo de ‘envolver’ afeta mais diretamente o narrador e cia. do que o de ‘estar em volta’ (‘stand round’), possivelmente implicando, no imaginário do leitor, sensações físicas como o contato da neblina com a pele, alguma uma sensação térmica, etc. Ainda neste exemplo há o acréscimo de uma negativa em ‘sem cessar’ para

³⁴ Definição e etimologia encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

³⁵ Definição encontrada no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

³⁶ “To pull something” em uma das definições do *Macmillan Dictionary Online*.

‘continuously’ em HOD_Trevisan e a mudança de dêixis pessoal de ‘you’ para ‘-nos’, desambiguando o discurso e aproximando o evento narrado do narrador e seus ouvintes no texto, afetando a metafunção interpessoal e o ponto de vista ideológico.

Também ilustrando o maior poder de ação de elementos da paisagem sobre quem a observa, o QUADRO 20 mostra dois exemplos em que epítetos são traduzidos por epítetos derivados de formas verbais:

QUADRO 20: Significados/ Causa-efeito em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
12	...behind the blind whiteness of the fog.	...vindo de trás da cegante alvura da névoa.
13	...in a still and earthy atmosphere as of an overheated catacomb.	...sob a atmosfera abafada e terrosa de uma catacumba superaquecida.

Os equivalentes utilizados nos exemplos 12 e 13 do QUADRO 20 derivam dos processos materiais ‘cegar’ e ‘abafar’, que pressupõem a existência de uma Meta. Assim, a neblina do exemplo 12 passa a ser ‘cegante’ no TT em vez de ser, ela própria, cega (‘blind’), e a atmosfera no exemplo 13 passa a ser ‘abafada’ no lugar de imóvel (‘still’). Ademais, a omissão do comparativo ‘as’ transforma uma atmosfera análoga à de uma catacumba na atmosfera real de uma catacumba.

Ressalta-se também a escolha do tradutor para um problema sistêmico e que acaba por contribuir para o maior poder da paisagem. Em ‘...the sea, which is the mistress of his existence’, o primeiro narrador de HOD descreve a íntima relação entre os marinheiros e o mar, comparando este último a uma amante. Em português, a comparação entre o mar e uma amante feminina não seria possível, dado o gênero masculino do substantivo ‘mar’. A solução apresentada em HOD_Trevisan é substituir a figura da amante por ‘senhor de sua existência’, provavelmente a partir de ‘master’, forma masculina de ‘mistress’. Ocorre que a figura de ‘senhor’ não evoca uma relação de amor, mas de dominação ou posse, como mostram algumas acepções da palavra encontradas no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009): ‘proprietário’, ‘patrão’, ‘pessoa que exerce poder, dominação, influência’, ‘aquele que tem autoridade’, entre outras. A título de comparação, cita-se a escolha em HOD_O’Shea por manter ‘amante’ e acrescentar ‘a imensidão’ (‘a imensidão do mar’), para a concordância de gênero.

A personificação da paisagem é percebida nas escolhas apresentadas no QUADRO 21.

QUADRO 21: Significados/ Personificação em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
14	...in the midst of the incomprehensible...	...no âmago do incompreensível...
15	...the short noise was left behind...	...o breve clamor era deixado para trás...

O exemplo 14 do QUADRO 21 refere-se ao local onde vive o homem do mar. Em HOD_Trevisan, este local é um âmago, palavra que pode se referir ao cerne de algo inanimado ou humano³⁷, admitindo portanto uma compreensão desse entorno ‘incompreensível’ como dotado de uma alma.

No exemplo 15 do QUADRO 21, a escolha por ‘clamor’ implica um ‘protesto’, ‘súplica’, ‘ameaça’ ou ‘aplauso’³⁸ produzido por um ser consciente e direcionado a alguém, enquanto ‘noise’ refere-se apenas a uma manifestação sonora. De fato, essa manifestação é produzida pelos habitantes do local, mas no TF é descrita de forma impersonalizada, apenas pelo som, enquanto no TT adquire traços mais humanos.

Algumas escolhas que reforçam a vulnerabilidade do homem ante a experiência psicológica vivida ou a paisagem são mostradas no QUADRO 22 a seguir.

QUADRO 22: Significados/ Vulnerabilidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
16	...as though I had blundered into a place of cruel and absurd mysteries not fit for a human being to beholdcomo se tivesse me precipitado numa região de brutais e absurdos mistérios, mistérios a que um ser humano não é capaz de suportar .
17	...a touch of fantastic vanity which fitted well with the dream-sensation that pervaded all my days at that time.	...um toque de excêntrica vaidade que se ajustava muito bem à sensação de sonho que impregnava minha existência naquela época.
18	...ready to (...) sweep every little man of us out of his little existence.	...pronto a (...) varrer cada um de nós, minúsculos , de nossa insignificante existência.

No exemplo 16 do QUADRO 22, há a introdução da ideia de incapacidade em ‘a que um ser humano não é capaz de suportar’ como tradução de ‘not fit for a human being to behold’, que, em tradução literal, seria algo como ‘inadequado para a visão de um ser humano’. Além disso, ‘behold’ indica objetivamente o ato de ver³⁹ e não tem qualquer conotação de sofrimento, enquanto ‘suportar’ pressupõe uma situação negativa. Pode-se considerar que o TT explicita a causa da inadequação mencionada no TF: a ‘incapacidade’ do ser humano de ‘suportar’ aquilo que é visto por ser algo muito ruim. A escolha do TT, assim,

³⁷ ‘A parte que fica no centro de qualquer coisa ou pessoa’ e ‘a parte mais profunda ou entranhada de um ser, alma, imo’ são definições encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

³⁸ Definição encontrada no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

³⁹ ‘To see something’, conforme definição do *Macmillan Dictionary Online*.

inscreve uma atitude de julgamento/ estima social/ incapacidade⁴⁰, novamente confirmando a afirmação de Munday (2012) sobre a explicitação no TT de atitudes evocadas no TF e afetando o ponto de vista ideológico neste TT.

No exemplo 17 do QUADRO 22, a sensação de sonho penetra toda a ‘existência’ do narrador, não apenas seus ‘dias’. A escolha leva a experiência psicológica para um nível mais abstrato e torna-a mais abrangente, afetando mais profundamente o narrador.

Por fim, as escolhas por ‘minúsculos’ e ‘insignificante’ para as duas ocorrências de ‘little’ no exemplo 18 do QUADRO 22 diminuem a gradação de força/ quantificação associada a ‘nós’ e ‘nossa existência’⁴¹, demonstrando mais firmemente que o TF a vulnerabilidade dos observadores diante da vegetação, que parece pronta a aniquilá-los. Martin e White (2005, p. 149) comentam que frequentemente a gradação associada a entidades abstratas veicula significados atitudinais. As escolhas tradutórias do exemplo 18 veiculam uma avaliação mais negativa de atitude/ apreciação/ valor social (ver nota 32) do que aquela veiculada no TF pelas escolhas por ‘little’. Esse menor valor social torna ‘nós’, o narrador e a humanidade (presume-se), mais desimportantes e vulneráveis diante daquilo que os cerca.

Um segundo padrão de significados observado em HOD_Trevisan está relacionado à sua ampla e diversificada representação do mundo mencionada anteriormente. Remete, por meio de 11 escolhas variadas, a um mundo místico, irreal, enigmático e com conotações religiosas. Os QUADRO 23 a 26 a seguir mostram essas escolhas, divididas conforme os significados mais específicos que constroem.

QUADRO 23: Significados/ Irrealidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
19	For a time I would feel I belonged still to a world of straightforward facts; but the feeling would not last long.	Por alguns instantes, eu podia sentir que ainda pertencia a um mundo de fatos reais , mas tal sensação não durava muito.
20	This initiated wrath from the back of Nowhere honored me...	Esse espectro iniciado, emergido das profundezas do Nada , honrou-me...

No exemplo 19 do QUADRO 23, o mundo de fatos classificados como ‘straightforward’, que poderiam ser entendidos como diretos, descomplicados⁴², é traduzido por ‘mundo de fatos reais’. Assim, ao confrontar-se com a realidade (‘a sensação durou

⁴⁰ A avaliação de atitude/ julgamento/ estima social/ (in)capacidade responde à pergunta ‘*how capable?*’ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 53) e diz respeito à habilidade.

⁴¹ A gradação de força/ quantificação se aplica a entidades concretas e abstratas (MARTIN; WHITE, 2005, p. 149).

⁴² Conforme definições do *Macmillan Dictionary Online*: ‘1. not complicated or difficult to understand. 2. clear and honest.’

pouco’), é com um mundo irreal, por oposição a ‘real’, que o narrador se depara. Esta ideia é reforçada pelo acréscimo de ‘toda’ em ‘nunca tinha visto nada tão irreal em toda a minha vida’ (citado no exemplo 16, em 3.2.1.1).

No exemplo 20 do QUADRO 23, ‘the back of Nowhere’ pode ser um uso inusitado no TF, formado a partir da colocação usual ‘middle of nowhere’, que no TT é substituído por um uso igualmente inusitado (‘profundezas do Nada’), formado a partir da colocação usual ‘profundezas do inferno’. De qualquer forma, o uso de ‘Nada’ como tradução de ‘Nowhere’ faz com que o referido local, com a qualidade de invisível ou atópico no TF, transforme-se em uma entidade inexistente no TT, contribuindo para o padrão da irrealidade.

Entretanto, ressalta-se que há ainda duas outras ocorrências de ‘nowhere’ nas sentenças selecionadas, porém a escolha por ‘Nada’ não se repete. Os equivalentes apresentados são ‘Lugar Nenhum’, tradução mais literal, e ‘mundo perdido’, escolha que apresenta prosódia semântica mais negativa por uma possível associação entre ‘perdido’ e uma decadência de tipo moral.⁴³ Cada escolha para tradução de ‘nowhere’ parece obedecer a uma motivação distinta, construindo diferentes significados. Como ocorre com a tradução de ‘unspeakable’, o uso de três diferentes equivalentes em HOD_Trevisan para ‘nowhere’ não cria uma ideia unívoca desse ‘não lugar’.

A um desses equivalentes, o ‘Lugar Nenhum’, HOD_Trevisan atribui a qualidade de ‘fantasmagórico’. O lema ainda se repete em outra ocorrência e se mostra relevante por não ser o equivalente mais direto em nenhuma delas, deixando transparecer a intervenção do tradutor. Os dois exemplos são mostrados no QUADRO 24.

QUADRO 24: Significados/ Fantasmagoria em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
21	He desired to have kings meet him at railway-stations on his return from some ghastly Nowhere...	Sonhava com reis esperando-o nas estações das estradas-de-ferro, ao seu retorno de não sei qual fantasmagórico Lugar Nenhum...
22	...seemed to keep me away from the truth of things, within the toil of a mournful and senseless delusionpareciam manter-me fora da realidade, na trama de uma lúgubre e absurda fantasmagoria .

No exemplo 21 do QUADRO 24, Marlow está se referindo a Kurtz e sua mania de grandeza, que contrasta com a característica negativa (‘ghastly’) do lugar de onde supostamente retornaria com grandes expectativas quanto à sua recepção. ‘Ghastly’ avalia

⁴³ Esta conotação é verificada em 3 de 15 ocorrências no Corpus do Português, com resultados restringidos aos séculos XIX e XX. Um exemplo: ‘As mulheres mais velhas diziam que aquilo era uma vergonha. Que estava o mundo perdido’. As demais ocorrências remetem a um mundo desejável que foi abandonado em algum ponto.

negativamente esse lugar por atitude/ apreciação/ reação⁴⁴. Já a escolha por ‘fantasmagórico’ em HOD_Trevisan não necessariamente indica uma reação negativa, mas atribui ao local uma característica de ‘ilusório’ ou ‘fantasmal’⁴⁵ que leva o evento narrado para uma esfera de sobrenaturalidade e suspense.

Também no exemplo 22 do QUADRO é definida como ‘fantasmagoria’ a sensação vivida por Marlow no início da jornada e provocada pela inércia, pelo isolamento e pela uniformidade da paisagem. Novamente a escolha traz uma atmosfera de suspense ou terror ao texto que não está presente no TF em ‘delusion’, mais relacionada à ideia de ilusão ou alucinação⁴⁶.

A ideia de sobrenaturalidade é explicitada ainda na tradução de duas ocorrências de ‘unearthly’, das quais um exemplo é mostrado a seguir:

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
23	The earth seemed unearthly .	A terra, ali, parecia sobrenatural .

A sentença do exemplo 23 é bastante heteroglóssica. Em primeiro lugar, o uso de ‘seemed’ mostra uma avaliação de engajamento/ heteroglossia/ expansão/ entretenimento ao admitir a possibilidade de que a terra parecesse ‘unearthly’, mas não de forma categórica.⁴⁷ Em seguida, o uso de ‘unearthly’ é um exemplo de contração/ discordância/ negação⁴⁸ ao rejeitar a ‘terrenidade’, por assim dizer, da terra. No TT, a heteroglossia se mantém com a expansão/ entretenimento através da modalidade em ‘parecia’, porém o uso do prefixo ‘sobre’ não caracteriza exatamente uma negação já que não nega a naturalidade, mas indica algo além ou acima dela. A avaliação em ‘sobrenatural’ talvez possa ser mais bem categorizada como de contração/ discordância/ contraexpectativa, provocando surpresa no leitor ao contrariar a expectativa de que a terra fosse um local apenas ‘natural’.⁴⁹ Assim, a representação do mundo

⁴⁴ A avaliação de atitude/ apreciação/ reação responde à pergunta ‘eu gostei da coisa?’ (*‘did I like it?’*) (MARTIN; WHITE, 2005, p. 56).

⁴⁵ Definições encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

⁴⁶ Definições encontradas no *Macmillan Dictionary Online*: ‘1. an idea or belief that is not true; 2. a mental condition in which you believe things that are not true; an idea caused by this condition.’

⁴⁷ O entretenimento diz respeito a “those wordings by which the authorial voice indicates that its position is but one of a number of possible positions and thereby, to greater or lesser degrees, makes dialogic space for those possibilities” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 104), sendo um dos meios para sua realização o uso de modalidade.

⁴⁸ “Negation is a resource for introducing the alternative positive position into the dialogue, and hence acknowledging it, so as to reject it.” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 118)

⁴⁹ A discordância por contraexpectativa é realizada por “formulations which represent the current proposition as replacing or supplanting, and thereby ‘countering’, a proposition which would have been expected in its place.” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 120). Os autores acrescentam que a contraexpectativa frequentemente constrói um alinhamento entre o leitor e o escritor e, sobre um exemplo dado, comentam que o escritor é apresentado como tão surpreso pelo caso excepcional quanto se presume que o leitor esteja.

no TT passa a incluir um traço de extraordinariedade, mais do que excluir ou anular sua própria natureza como ocorre em ‘unearthly’.

Ainda a respeito do exemplo 23 acima, convém ressaltar que o uso de ‘(sobre)natural’ em HOD_Trevisan condiz com sua representação ampla do mundo. A título de comparação, observe-se que HOD_O’Shea apresenta a escolha por ‘extraterreno’, mantendo o equivalente ‘terra’ para ‘earth’ que, como já discutido, limita a compreensão do mundo à materialidade do planeta. A escolha de cada TT se repete em uma segunda ocorrência de ‘unearthly’.

Em HOD_Trevisan, há ainda uma terceira ocorrência de ‘sobrenatural’ como tradução de ‘unnatural’, mostrada no exemplo a seguir.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
24	It was not sleep - it seemed unnatural , like a state of trance.	Não se tratava de um sono, era algo sobrenatural como um estado de transe.

No exemplo 24, novamente a contraexpectativa em ‘sobrenatural’ substitui a negação de ‘unnatural’ no TF. Entretanto, o TT neste caso retira a modalidade expressa por ‘seemed’, tornando a afirmação categórica e afetando diretamente o ponto de vista ideológico.

O mundo irreal e transcendente de HOD_Trevisan é também enigmático, como mostram as duas escolhas do QUADRO 25.

QUADRO 25: Significados/ Indecifrablidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
25	...and always mute with an air of whispering, “Come and find out ”.	...silencioso sempre mas dando a impressão de estar sussurrando: “Venha e decifre ”.
26	The bush around said nothing...	O matagal em volta nada revelava ...

O exemplo 25 do QUADRO 25 descreve o litoral africano. Para ‘find out’, o equivalente mais imediato seria ‘descubra’. A escolha em HOD_Trevisan é por ‘decifre’, palavra que remete intertextualmente ao enigma da esfinge: ‘decifra-me ou devoro-te’. Não há grande diferença de significado denotativo, mas sim conotativo, entre as escolhas do TF e do TT. Este constrói a indecifrablidade do litoral evocando uma associação com a ideia de enigma.

A escolha por ‘revelava’ como tradução de ‘said’, no exemplo 26, igualmente sugere que haja algo escondido, obscuro e propositalmente não exposto pelo referido matagal, incrementando a indecifrablidade da paisagem.

Esta ideia é ainda reforçada no acréscimo da repetição de ‘mistérios’ em ‘região de brutais e absurdos mistérios, **mistérios** a que um ser humano não é capaz de suportar’ (grifo meu), não presente no TF e que reitera a ideia do incognoscível.

Finalizando a construção de significados associados à paisagem em HOD_Trevisan, as duas escolhas apresentadas no QUADRO 26 a seguir acrescem a ela uma dimensão mística ou religiosa.

QUADRO 26: Significados/ Religiosidade em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
27	...settlements some centuries old (...) on the untouched expanse of their background.	...colônias seculares (...) na inviolada imensidão que as envolvia.
28	...how can you imagine what particular region of the first ages a man's untrammelled feet may take him into by the way of solitude...	...como poderiam imaginar a que primitiva região os passos destrambelhados de um homem podem conduzi-lo na procura da solidão...

No exemplo 27 do QUADRO 26, ‘untouched’ pode ser considerado um classificador, definindo as terras a que se refere o narrador como aquelas que não sofreram exploração. Não há a expressão de avaliação, o que se confirma no BNC. Das 127 ocorrências de ‘untouched’ em textos de ficção, uma análise qualitativa das 50 primeiras mostra que a palavra aparece principalmente como colocado de palavras dos campos semânticos ‘natureza’ e ‘alimentos’ ou com sentido de ‘não afetado por alguma situação ou evento’. Já a escolha em HOD_Trevisan por ‘inviolado/a’, quando associada a figuras femininas, é frequentemente associada a uma pureza cristã ou virginal, ou seja, a uma conduta moral. Nesse contexto, exprime uma atitude positiva de julgamento do tipo sanção social/ propriedade.⁵⁰ No Corpus do Português, das oito ocorrências obtidas como resultados da busca por ‘inviolad*’, percebe-se a conotação de pureza moral em 4. Entre essas 8, há três ocorrências associadas a mulheres e, destas, duas remetem à pureza moral e uma à virgindade. Já no BNC, nenhuma ocorrência de ‘untouched’ indica pureza moral ou virgindade, mesmo quando a palavra se associa a figuras femininas. Assim, o uso de ‘inviolada’ em HOD_Trevisan traz uma conotação de moral e religiosidade que ‘untouched’ no TF parece não possuir.

O exemplo 28 do QUADRO 26 requer maior detalhamento. McClintock (1984) sugere em seu artigo que Marlow, ao afirmar no início da narrativa estar partindo rumo ao ‘centro da terra’, evoca uma ideia muito cara ao pensamento ocidental: a noção de cosmos como interioridade. A fala de Marlow remete, segundo ela, à busca mística pela redenção da alma pela jornada interior rumo ao centro do ser. É curioso que HOD_Trevisan apresente a

⁵⁰ A propriedade diz respeito ao “quão ético alguém é” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 52).

escolha ‘procura’ pela solidão, já que no TF a solidão é apenas o meio (‘by the way of’) por onde o homem transita. Em HOD_Trevisan a busca mística parece ficar explicitada.

Um terceiro padrão de significado está diretamente relacionado à argumentação de McClintock de que o relato da paisagem é acima de tudo um relato da experiência ante a paisagem mais do que uma descrição desta por si só. Seis escolhas em HOD_Trevisan, mostradas no QUADRO 27 a seguir, explicitam que a narrativa é reflexo da mente do narrador ou que essa mente que narra está vivenciando um estado de perplexidade e incompreensão.

QUADRO 27: Significados/ Experiência em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
29	...that notion of being captured by the incredible which is of the very essence of dreams.	...a sensação de estar sendo capturado pelo inconcebível que é a essência mesma dos sonhos.
30	...the thing seemed so impossibleo fato parecia por demais inverossímil . (sic.)
31	The steamer toiled along slowly on the edge of a black and incomprehensible frenzy .	O barco avançava lentamente ao longo de um negro e incompreensível delírio .
32	Brought from all the recesses of the coast, (...) lost in uncongenial surroundings, (...) they sickened...	Trazidos de todos os recessos da costa, (...) desnorteados num ambiente estranho, (...) adoeciam...
33	...not extraordinary in any way - not very clear either. No, not very clearnada de extraordinário, contudo - e não muito inteligível . Não, não muito inteligível .

No exemplo 29 do QUADRO 27, a negação realizada pelo afixo ‘in-’ em ‘incredible’ atua no sistema do engajamento como contração dialógica por discordância, rejeitando a possibilidade de que ‘the very essence of dreams’ fosse algo banal ou crível. Entretanto, na tradução de ‘incredible’ por ‘inconcebível’ em HOD_Trevisan, pode-se considerar que a perplexidade é levada um passo além, já que denota algo não apenas difícil de se crer, mas até mesmo de conceber. A incompreensão do narrador no TT é maior. Porém, é preciso ressaltar que, em outro momento, HOD_Trevisan apresenta o movimento contrário, com ‘incompreensível’ como tradução de ‘inconceivable’, diminuindo a incompreensão ao considerar difícil de compreender algo que no TF seria difícil até mesmo de conceber.

No exemplo 30 do QUADRO 27 ocorre uma mudança semelhante. A contração dialógica se dá em ambos TF e TT por discordância/ negação, mas a escolha lexical no TF nega a possibilidade (‘impossible’) e, em HOD_Trevisan, a verossimilhança (‘inverossímil’), a qual só pode ser avaliada pela consciência de alguém que observa e julga, neste caso o narrador.

No exemplo 31 do QUADRO 27, o ‘frenzy’ a que o narrador se refere é uma manifestação ritualística da população nativa (‘a burst of yells, a whirl of black limbs, a mass of hands clapping, of feet stamping, of bodies swaying, of eyes rolling’). Percebe-se que o evento é descrito por processos materiais que ocorrem em partes do corpo, o que Magalhães e Assis (2009) denominam ‘impersonalização por somatização’ (p. 211). ‘Frenzy’, ademais, aparece no *Macmillan Dictionary Online* como relacionada a ‘atividade’ e ‘energia’. Assim, a escolha por ‘delírio’, cujas acepções no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) são de ‘convicção’, ‘problema mental reversível’ ou ‘confusão mental’ e ‘profundo entusiasmo’, pode ser compreendida como referência a um estado mental, seja dos participantes do ritual, seja daquele que assiste e narra. A experiência física é trazida para a esfera mental e acrescida de uma conotação de irracionalidade que contribui para a construção da incompreensão.

No exemplo 29, ainda do QUADRO 27, ‘lost’ e a tradução ‘desnorteados’ avaliam a atitude dos nativos a que o trecho se refere, africanos agregados como mão de obra nos postos de exploração do marfim, como de atitude/ afeto/ insegurança (ver nota 26). Mas há uma diferença em um nível mais avançado de delicadeza entre o TF e HOD_Trevisan. A escolha por ‘desnorteados’ neste último repete o movimento para a esfera mental e indica uma insegurança de tipo psicológico, mais do que de orientação espacial. Apesar da etimologia da palavra, que tem como raiz ‘norte’, remetendo inicialmente a uma falta de rumo no sentido físico, confirma-se nos corpora utilizados a acepção de confusão ou atordoamento de cunho mental, acepção esta que consta também do *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009). No Corpus do Português, 16 em 22 ocorrências de ‘desnorteados’⁵¹ claramente se referem a um estado mental ou emocional. Por outro lado, ‘lost’ pode referir-se tanto a uma confusão mental quanto a uma confusão física ou espacial, e a colocação com ‘surroundings’ parece priorizar a última acepção. A escolha em HOD_Trevisan mostra portanto a intervenção do tradutor ao priorizar a narração dos eventos a partir da esfera psicológica.

Finalmente, o exemplo 33 do QUADRO 27 refere-se a um ponto físico e psicológico (‘the farthest point of navigation and the culminating point of my experience’) definido como ‘not very clear’ por contração dialógica por discordância/ negação e também avaliado negativamente por esse atributo por atitude/ apreciação/ composição/

⁵¹ A busca foi restringida aos textos do século XX para que o corpus seja comparável a HOD_Trevisan.

complexidade.⁵² A negação e a avaliação se mantêm no TT, mas a escolha por ‘(não) inteligível’ em HOD_Trevisan explicita que se trata de uma incompreensão no nível mental, em oposição a uma observação visual.

Os exemplos do QUADRO 27 sugerem uma provável consciência do tradutor acerca da ‘ideologia’ da paisagem na obra (McCLINTOCK, 1984) e um esforço consciente em explicitar a perspectiva subjetiva do narrador no TT, mesmo quando isto não ocorre no TF. Este padrão é reforçado pelas quatro mudanças de transitividade em que a percepção é tematizada (QUADRO 11, em 3.2.2.1) servindo como ponto de partida da sentença e situando a compreensão do leitor a partir da experiência do narrador.

Além dos três padrões principais acima citados (paisagem mais assertiva diante do observador, traços de irrealidade, suspense, indecifrabildade e misticismo na representação do mundo e priorização da subjetividade do observador na descrição da paisagem), observaram-se ainda em HOD_Trevisan dois padrões considerados secundários por não terem relação direta com o tema da indizibilidade, embora possam ter implicações para os pontos de vista psicológico e ideológico.

O primeiro concerne a uma mudança das esferas de manifestação de alguns eventos, a exemplo da já citada tradução de ‘frenzy’ (esfera física) por ‘delírio’ (esfera mental), como mostram os exemplos no QUADRO 28.

QUADRO 28: Significados/ Mudança de esferas em HOD_Trevisan

HOD_Conrad		HOD_Trevisan	
Ocorrência	Tipo	Tradução	Tipo
the thing	físico	o fato	evento
ring	sonoro	espiral	físico
brooding over (2)	mental	pairando/ sobrepairando	físico
shadow	físico	murmúrio	sonoro
sensation	físico	sentido	mental
notion	mental	sensação	físico

A partir de uma postura descritiva (não normativa), vê-se que dois dos exemplos do QUADRO 28 podem constituir ‘erros’ de tradução. ‘Ring’ tem acepções materiais e sonoras.⁵³ Apesar de o cotexto no TF indicar a acepção sonora ao anunciar ‘all the other

⁵² A avaliação de apreciação/ composição/ complexidade responde à pergunta ‘*was it hard to follow?*’ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 56)

⁵³ No *Macmillan Dictionary Online* encontram-se as seguintes acepções: entre as materiais, ‘jewelry/ circle’, ‘boxing/ wrestling ring’, ‘cooking ring’, ‘a group of people in an activity’; entre as sonoras, ‘bell sound’ e ‘sound of phone’. Além dessas, há a acepção de ‘quality’.

sounds’ e citar, entre eles, ‘the faint ring of incomprehensible words cried from afar’, HOD_Trevisan apresenta ‘espiral’, provavelmente a partir da acepção material de ‘anel’. ‘To brood over’ significa preocupar-se, remoer um problema. Por algum motivo HOD_Trevisan utiliza ‘pairar’. É possível que esses ‘erros’ sejam reflexo da falta de fontes de consulta à época, principalmente os corpora que tão úteis são aos tradutores de hoje, mas também é possível que seja uma escolha deliberada para criar uma narrativa mais visual.

No caso de ‘pairar’ e ‘sobrepairar’, há uma implicação mais relevante para a presente pesquisa, já que a negatividade presente no significado de ‘brood over’ não é reproduzida nas escolhas lexicais citadas. A prosódia semântica negativa da proposição (‘it was the stillness of an implacable force brooding over an inscrutable intention’), na tradução, torna-se mais neutra (‘era a impassibilidade de uma força implacável pairando com insondável propósito’).

O último padrão se relaciona ao acima descrito por revelar uma certa liberdade do tradutor quanto ao conteúdo lexical, neste caso em seis escolhas por hiperônimos ou termos mais gerais do que os do TF. É o caso, por exemplo, da medida ‘a quart’, que em HOD_Trevisan é traduzida como ‘um litro e meio’ e ‘weak-eyed’, traduzida como ‘velhaco’. Para fins de comparação, observe-se que HOD_O’Shea apresenta as escolhas mais precisas ‘um quarto d’água’ e ‘de olhar débil’.

Há uma escolha entre essas que afeta a prosódia semântica e o ponto de vista ideológico: a tradução de ‘midnight dances’, em um trecho que fala de rituais tradicionais africanos, por ‘danças noturnas’. A meia-noite tem conotações místicas por se situar precisamente entre o fim de um dia e o início de outro, transcendendo a linearidade do tempo e carregando algo do intemporal ou da própria morte. Está associada, na literatura, a rituais de magia e eventos transgressores. Em HOD_Trevisan, a escolha mais geral por ‘noturnas’, que se refere simplesmente ao que ocorre no período da noite, elimina essas conotações, neutralizando a prosódia semântica negativa (de um ponto de vista ocidental cristão) desses rituais.

Os padrões de significados em HOD_Trevisan afetam os pontos de vista psicológico e ideológico, por meio de representações da paisagem e da própria narrativa que apresentam diferenças de significado denotativo e conotativo em relação ao TF. Algumas mudanças apontam para o estilo do tradutor, como uma liberdade na escolha lexical, apontando para motivações distintas que não a tentativa de trazer o conteúdo lexical do TF rigidamente. Nesse sentido, uma possibilidade é que o tradutor tivesse consciência da

‘ideologia’ da paisagem (McCLINTOCK, 1984) e que isso se tenha refletido nas escolhas que reforçam a narrativa como relato da experiência do narrador.

4.2.3.2 HOD_O’Shea

Os padrões neste TT, como já mencionado, são mais difíceis de detectar e menos numerosos pela prevalência do decalque lexical e sintático. Em alguns casos foram percebidos mais claramente em comparação a HOD_Trevisan que ao próprio TF.

O primeiro padrão, composto por quatro escolhas, parece ser o da delimitação do mundo descrito ao aspecto da materialidade/ imaterialidade. Observem-se os exemplos do QUADRO 29 a seguir.

QUADRO 29: Significados/ Materialidade em HOD_O’Shea

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
1	No change appeared on the face of the rock.	Nenhuma alteração era visível na superfície da rocha.
2	There was no sign on the face of nature of this amazing tale...	Não havia sinal, atínente à natureza, daquele relato impressionante...
3	The earth seemed unearthly .	A terra parecia extraterrena .
4	For a time I would feel I belonged still to a world of straightforward facts; but the feeling would not last long.	Por um momento senti que ainda pertencia a um mundo de fatos concretos ; mas a sensação durou pouco.

Nos exemplos 1 e 2 do QUADRO 29, é perceptível a não escolha em HOD_O’Shea pelo equivalente em português ‘face’, escolha que traria para o TT a ambiguidade da palavra por se aplicar tanto a objetos quanto a pessoas, de certa forma personificando a paisagem descrita ao, no mínimo, reconhecer a possibilidade da acepção humana. O TT elimina essa possibilidade ao apresentar as seguintes escolhas: ‘superfície’ no exemplo 1, que concentra a descrição da rocha no aspecto material inanimado, e ‘atínente’ no exemplo 2, no lugar da circunstância de lugar ‘on the face of’, deixando menos concreto o referido sinal da natureza.

A escolha do exemplo 3 do QUADRO 29 por ‘extraterreno’, já mencionada em 3.2.3.1 em comparação à escolha em HOD_Trevisan por ‘sobrenatural’; prioriza o aspecto material do planeta Terra. O mesmo ocorre no exemplo 4 do QUADRO 29, em que o mundo é retratado pela dualidade concreto/ inconcreto ou abstrato (HOD_Trevisan opta por real/ irreal, ver seção 3.2.3.1).

Se se pensar na mudança de evento para qualidade (um movimento de metaforização) como algo que contribui para a ‘materialização’ do mundo representado sugerida aqui para HOD_O’Shea, pode-se citar o exemplo 5 a seguir:

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
5	...as it flowed broadly by without a murmurenquanto fluía, largo e calado .

A oração do exemplo 5 refere-se a um rio e possui duas circunstâncias. HOD_O’Shea apresenta atributos como tradução dos dois grupos adverbiais: ‘largo’ e ‘calado’. HOD_Trevisan, por exemplo, mantém a segunda circunstância como ‘sem um só murmúrio’, mantendo o foco no processo mais do que HOD_O’Shea, que prioriza os atributos do rio. Uma mudança de mesmo tipo já foi citada no exemplo 1 em 3.2.2.2, em que HOD_O’Shea apresenta a tradução ‘tão súbito’ para o grupo adverbial ‘so suddenly’, e HOD_Trevisan mantém ‘daquela forma tão súbita’.

Finalmente, Blauth (2014) analisa as traduções de ‘earth’ nos dois TTs e mostra que HOD_O’Shea apresenta somente quatro diferentes formas contra sete de HOD_Trevisan, sendo três delas estritamente materiais: ‘terra’, com 31 em 37 ocorrências, ‘barro’ com duas e ‘solo’ com 1. Esses dados parecem confirmar a concepção restrita ao aspecto material do planeta em HOD_O’Shea.

A paisagem em HOD_O’Shea não tem claramente uma presença mais assertiva nem menos assertiva em comparação ao TF, ao contrário do que ocorre em HOD_Trevisan. Há alguns exemplos de escolhas lexicais configurando representações dos dois tipos, mas que praticamente se contrabalançam (4 para paisagem mais assertiva e três para menos assertiva). Entretanto, considerando-se alguns aspectos já citados para este TT, como as omissões que diminuem a força de elementos da paisagem (quatro epítetos e um advérbio), a despersonalização de elementos da natureza e escolhas em outras categorias ainda a ser apresentadas, é possível sugerir que a paisagem seja de fato menos imponente neste TT em comparação ao TF. Apresentam-se, no QUADRO 30, as três escolhas lexicais que contribuem para esta afirmativa.

QUADRO 30: Significados/ Paisagem menos assertiva em HOD_O’Shea

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
6	...it had taken him, (...) and sealed his soul to its own by the inconceivable ceremonies of some devilish initiation.	...a floresta o possuía, (...) e unira-se à alma dele por meio de inconcebíveis ritos de uma iniciação demoníaca.
7	...white men (...) seemed very strange,- had the appearance of being held there captive by a	...homens brancos, (...) pareciam um tanto ou quanto estranhos como se ali estivessem

Continua...

	spell.	mantidos em cativo, por algum feitiço.
8	...contorted mangroves, that seemed to writhe at us...	...manguezais retorcidos que pareciam agonizar diante de nós...

O processo de ‘unir’ no exemplo 6 do QUADRO 30 tem menos vigor que o de selar (‘seal’), já que este último corresponde ao ato de unir utilizando algo para garantir o fechamento⁵⁴, o que mostra uma diminuição no TT de gradação de força por intensificação fusionada. Essa escolha ilustra bem a diferença entre os três textos analisados quanto ao nível de poder de atuação da paisagem. Em um contínuo de força, o TF faz uma representação intermediária (‘seal’); HOD_O’Shea uma representação mais fraca (‘unir’) e HOD_Trevisan a mais forte, com uma selva que ‘impõe o próprio sinete’ na alma de Kurtz.

No exemplo 7 do QUADRO 30, o intensificador ‘very’, que avalia ‘strange’, tem sua gradação de força diminuída em HOD_O’Shea na escolha por ‘um tanto ou quanto’. Assim, o efeito do feitiço que parece recair sobre os homens citados é menor no TT.

Há ainda uma diferença no uso de ‘diante de nós’ e de ‘at us’ no exemplo 8 do QUADRO 30. Este último parece mais direcionado aos observadores, como se os manguezais se estivessem retorcendo ostensivamente na direção deles; no TT a observação pode ser apenas circunstancial, como se Marlow e seus companheiros se encontrassem diante da cena talvez até por acaso.

Além das omissões de modificadores comentadas em 3.2.1.2, que diminuem a intensidade dos eventos descritos, a omissão de ‘before you’ na tradução ‘ele permanece ali’ para ‘there it is before you’ também interfere na relação entre o que é visto e quem vê, afetando o ponto de vista espaço-temporal e permitindo ao leitor uma visão mais distanciada ou panorâmica do litoral a que o trecho se refere, no lugar de visualizá-lo diretamente à sua frente ou à frente do narrador. Cria-se um distanciamento que também contribui para a menor imponência da paisagem.

Como padrão secundário, cita-se em HOD_O’Shea uma preocupação com a precisão lexical, percebida em cinco escolhas. De fato este padrão se revela principalmente em comparação a HOD_Trevisan, já que a precisão por si só aproxima HOD_O’Shea do TF, não sendo observável apenas na comparação entre eles. Para medidas como ‘six inches’, por exemplo, HOD_O’Shea apresenta os exatos ‘quinze centímetros’ enquanto HOD_Trevisan o mais geral ‘a cerca de meio metro’. O mesmo ocorre com ‘a quart of water’, que é trazido em HOD_O’Shea como ‘um quarto d’água’ e traduzido em HOD_Trevisan como ‘um litro e

⁵⁴ Definição do *Macmillan Dictionary Online* para ‘seal’: ‘to close a container or space by covering it with something so that air or other substances cannot get it or out’.

meio’. Para ‘on the depths of the sea’, HOD_Trevisan apresenta o equivalente mais próximo ‘nas profundezas do mar’, enquanto HOD_O’Shea, provavelmente por se tratar de ‘foam on the depths of the sea’ (grifo meu), percebe-se que se trata da superfície do mar distante e apresenta como escolha ‘alto-mar’.

Algo similar ocorre com a tradução de ‘victorious corruption’. A tradução mais automática de ‘corruption’ por ‘corrupção’ é adotada em HOD_Trevisan, enquanto HOD_O’Shea, dado o contexto que descreve a sensação do narrador de estar enterrado metaforicamente em uma tumba e também menciona a terra úmida, apresenta a escolha ‘decomposição’. Ainda, a escolha em HOD_O’Shea como tradução de ‘helmsman’ é ‘timoneiro’, enquanto HOD_Trevisan apresenta o mais geral ‘piloto’. Parece haver uma preocupação mais tecnicista em HOD_O’Shea. Vale ressaltar que este padrão em HOD_O’Shea não se opõe ao de menor detalhamento nas descrições decorrente de suas omissões, já que se trata de coisas distintas. A precisão está na escolha dos itens lexicais em si, enquanto o menor detalhamento parece ser resultado da tendência à redução já mencionada para este tradutor.

Em suma, os padrões de significado em HOD_O’Shea constroem a representação da paisagem em termos mais materiais e com precisão de conteúdo lexical. A paisagem é também menos assertiva em relação ao TF e definitivamente menos assertiva em comparação a HOD_Trevisan, o que se observa nas escolhas que indicam menor gradação de força. A representação da incompreensão não é afetada diretamente pelos padrões de significado em HOD_O’Shea.

4.2.3.3 Comparação entre os TTs

Em HOD_Trevisan, o principal padrão de significado denotativo e conotativo observado (30 escolhas) confirma os resultados obtidos pela análise da transitividade. Em conjunto, constroem uma alteração no *mind-style* do narrador que se depara com e vivencia, no TT, uma paisagem mais assertiva e imponente do que aquela descrita no TF. O mundo é também retratado como irreal, místico ou enigmático (11 escolhas) e a narrativa é situada mais a partir da percepção do narrador (5 escolhas).

Em HOD_O’Shea, observaram-se três padrões. O primeiro (4 escolhas) constrói a representação do mundo em termos estritamente materiais. O segundo (3 escolhas) confirma o padrão observado nas omissões de representação da paisagem como menos assertiva diante do

observador. O último (4 escolhas) mostra uma preocupação do tradutor com a precisão lexical ou a busca pelo equivalente mais ‘correto’ mediante a escolha do TF.

4.2.4 Ponto de vista ideológico: avaliatividade, prosódia semântica e modalidade

Na metafunção interpessoal, além da polaridade já analisada em 3.2, questões de prosódia semântica e modalidade surgiram em 3.2.3 acima, atreladas aos padrões de significado observados. Nesta subseção, são analisadas as demais ocorrências consideradas de cunho avaliativo observadas no corpus de TTs.

Observaram-se em HOD_Trevisan 12 mudanças relevantes de avaliatividade e prosódia semântica, além de duas mudanças de modalidade. Em HOD_O’Shea, houve oito mudanças de avaliatividade e prosódia semântica e duas de modalidade. As próximas duas subseções descrevem essas mudanças em cada TT.

4.2.4.1 HOD_Trevisan

Neste TT, as quatro escolhas apresentadas no QUADRO 31 constroem uma avaliação um tanto quanto negativa dos europeus retratados na obra.

QUADRO 31: Avaliatividade/ Europeus em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
1	Brought from all the recesses of the coast in all the legality of time contracts, lost in uncongenial surroundings, fed on unfamiliar food, they sickened...	Trazidos de todos os recessos da costa, dentro das formalidades legais dos contratos de trabalho a termo, desnorteados num ambiente estranho, submetidos a uma alimentação imprópria , adoeciam...
2	The conquest of the earth, which mostly means the taking it away from those who have a different complexion or slightly flatter noses than ourselves, is not a pretty thing...	A conquista da Terra, que consiste fundamentalmente em tomá-la daqueles cuja cor é diferente da nossa ou têm o nariz ligeiramente achatado não é coisa agradável de se ver...
3	A violent babble of uncouth sounds burst out...	Violento alarido de sons bárbaros irrompeu...

O exemplo 1 do QUADRO 31 engloba duas mudanças de avaliatividade que funcionam conjuntamente. O trecho refere-se ao recrutamento de homens africanos para trabalhar para a empresa europeia e é nas escolhas referentes ao tratamento dado a eles pelos europeus que se insinua certa desaprovação. Primeiro, no TT esses homens não são apenas ‘alimentados’ (‘fed’) como no TF, mas ‘submetidos’ a determinado tipo de alimentação, o que pressupõe uma imposição. Em segundo lugar, a alimentação em si é avaliada como

‘imprópria’ em HOD_Trevisan, não apenas ‘não familiar’ (‘unfamiliar’) como em HOD_Conrad. ‘Unfamiliar’ pode ser considerado um epíteto experiencial, pois a qualidade de ser não familiar ou estranha para o grupo de africanos pode ser inferida segundo determinados padrões ou regras, neste caso os padrões alimentares da cultura africana, por referência exofórica ou relativa ao contexto (FIGUEIREDO, 2007, p. 208). Já ‘imprópria’ seria um epíteto interpessoal, portanto portador de avaliação do falante. Ao negar a adequação da alimentação, o narrador do TT a avalia heteroglossicamente por contração/ discordância/ negação, desalinhando-se da perspectiva daqueles que ofereciam essa alimentação. Conjuntamente, as escolhas por ‘submetidos’ e ‘imprópria’ pressupõem a figura de um agente (os funcionários europeus) que impõe esse tipo de alimentação, avaliando-o por atitude/ julgamento/ sanção social/ propriedade.⁵⁵

O exemplo 2 do QUADRO 31 é avaliativo no próprio TF, pois apresenta a visão do narrador de que a conquista da terra por parte de ‘nós’, os europeus, não é coisa bonita. Inscreve, portanto, uma avaliação de atitude/ julgamento/ sanção social/ propriedade (ver nota 50). Em HOD_Trevisan há ainda um aumento dessa desaprovação na mudança do adjunto modal ‘mostly’ para ‘fundamentalmente’, um aumento de gradação de força/ intensificação fusionada que recai sobre a modalidade. Além disso, a mudança de ‘means’ para ‘consiste em’ materializa essa prática como principal meio de ação. Ao representar a apropriação de terras como prática seminal (‘fundamental’) dos europeus em seu empreendimento de conquista, o TT intensifica o aspecto considerado reprovável (‘not pretty’) pelo narrador, intensificando consequentemente a avaliação atitudinal da proposição.

Em consonância com essa avaliação negativa dos europeus, em relação à população nativa parece haver uma certa vitimização ou um reforço de sua condição desafortunada. Isto aparece nos três exemplos do QUADRO 32 a seguir, que se somam às avaliações negativas de julgamento/estima social/ tenacidade e capacidade mostradas em 3.2.3.1.

QUADRO 32: Avaliatividade/ População nativa em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
4	...his brother phantom rested its forehead, as if overcome with a great weariness;	Seu irmão fantasma segurava a cabeça como que vencido por uma exaustão extrema .
5	...and all about others were scattered ...	Em toda a volta, estavam prostrados inúmeros outros...
6	...all that wild mob took up the shout in a roaring chorus of articulated, rapid, breathless utterance.	...toda a selvagem multidão a ela se juntou num fragoroso coro de sons rápidos, articulados, aflitos .

⁵⁵ Ver nota 50 sobre a avaliação por atitude/ julgamento/ sanção social/ propriedade. Entre os exemplos negativos desse tipo, estão *unfair*, *unjust*, *insensitive* e *cruel*, entre outros.

No exemplo 4 do QUADRO 32, há um aumento de gradação de força por intensificação isolada, tornando a exaustão do menino africano maior no TT (‘extrema’) que no TF (‘great’).

No exemplo 5 do QUADRO 32, que se segue ao primeiro sequencialmente no texto, o TT coloca como ‘prostrados’ (‘abatidos’, ‘desanimados’)⁵⁶ os vários outros homens que ali se encontravam ‘scattered’ no TF. A escolha do TT avalia os homens negativamente por atitude/ julgamento/ estima social/ tenacidade.⁵⁷ Essa avaliação não está presente no TF, que emprega um epíteto experiencial.

O mesmo padrão de escolhas é visto no exemplo 6 do QUADRO 32. No TT, o coro formado pela multidão selvagem tem uma carga emocional de ‘aflição’ (atitude/ afeto/ infelicidade)⁵⁸ que não existe no TF (‘breathless’), novamente um epíteto experiencial.

Assim, os exemplos 4, 5 e 6 do QUADRO 32 acima mostram que os nativos são retratados em HOD_Trevisan como mais infelizes e insatisfeitos que no TF.

Ainda em relação à representação dos nativos, há também, em HOD_Trevisan, uma omissão da palavra ‘black’ em ‘espectros da doença e da inanição’ como tradução de ‘black shadows of disease and starvation’. É possível que esta omissão tenha sido um modo de evitar o desconforto de traduzir a palavra e correr o risco de suscitar interpretações sobre uma postura racista por conta da escolha lexical para traduzir ‘black’. É verdade que outra ocorrência da palavra é traduzida como ‘negro’, mas neste caso ela se associa a ‘limbs’, não a ‘disease and starvation’ que têm claramente conotação negativa. Além disso, a omissão é curiosa porque há na oração-fonte um contraste de cores entre ‘black shadows’ e ‘greenish gloom’, que se perde no TT com a omissão de ‘black’. Nesta escolha, como na de ‘noturnas’ para ‘midnight’ já citada, parece haver uma busca pela neutralização da prosódia semântica negativa possivelmente associada aos negros e suas atividades.

E finalmente há uma escolha que parece atribuir aos nativos alguma agressividade. Palavras incompreensíveis, pronunciadas por membros da população nativa africana, são gritadas (‘cried’) de longe no TF; no TT, são ‘vociferadas’. Uma consulta ao *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009) confirma que ‘vociferar’ tem uma conotação de cólera ou reclamação, construindo no TT uma contrariedade ou

⁵⁶ Definições encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

⁵⁷ A avaliação de tenacidade diz respeito ao “quão resoluto” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 52) ou determinado (“dependable”) alguém é considerado. Entre os exemplos de avaliação negativa deste tipo, estão *weak* e *despondent*, por exemplo (*ibid.*, p. 53).

⁵⁸ A avaliação de atitude/ afeto/ infelicidade está relacionada aos ‘assuntos do coração’ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 49) e inclui tristeza e ódio, por exemplo.

irritabilidade da população nativa africana em relação aos europeus ou, em termos avaliativos, uma avaliação de atitude/ afeto/ infelicidade (ver nota 57).

Quanto à paisagem psicológica, ou a experiência pessoal vivida pelo narrador, quatro escolhas apresentam prosódia semântica mais negativa, contra apenas uma de efeito contrário. As quatro são mostradas a seguir, em três exemplos, no QUADRO 33:

QUADRO 33: Avaliatividade/ Experiência psicológica em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
7	...though there is a period of time which I remember mistilyembora haja um período de tempo de que só me recordo obscuramente ...
8	It was somber enough too...	Era muito sombrio também...
9	...the memory of that time itself lingers around me, impalpable, like a dying vibration of one immense jabber, sillya memória desse tempo persiste envolvendo-me, etérea, como a vibração agonizante de uma incomensurável tagarelice, estúpida ...

No exemplo 7 do QUADRO 33, o processo mental de lembrar um tempo vivido no passado está associado no TF à circunstância ‘mistily’ e no TT a ‘obscuramente’. A primeira parece ter prosódia semântica neutra ou até mesmo positiva, como se vê no BNC. Para ‘mistily’, o BNC apresenta 10 ocorrências, entra as quais duas claramente positivas, como a seguinte: “*Paige subsided, smiling mistily. ‘Oh, Jonas, you’re too kind’*”, retirada de um texto ficcional. Os demais resultados parecem indicar prosódia semântica neutra. Para ‘obscuramente’, o Corpus do Português (39 ocorrências) apresenta uma ocorrência, também retirada de texto ficcional, claramente negativa e associada a um processo mental, como no exemplo analisado. Pelo contexto entende-se que um velho estaria planejando suicídio e, olhando para a corda com a qual se enforcaria, pensa: “‘Tem que ser...’ pensava, tão obscuramente que mais parecia não ser ele quem estivesse pensando.”. Assim sendo, a escolha do TT parece ter maior negatividade.

No exemplo 8 do QUADRO 33, o momento do ápice da jornada e da experiência (‘the farthest point of navigation and the culminating point of my experience’) é descrito como ‘somber **enough**’; já em HOD_Trevisan é ‘**muito** sombrio’ (grifos meus), em um aumento de gradação de força por intensificação isolada, aumentando a negatividade da experiência.

No exemplo 9 do QUADRO 33, a escolha por ‘agonizante’ em HOD_Trevisan avalia negativamente a vibração associada metaforicamente à memória por atitude/ apreciação/ reação/ qualidade (ver nota 14). Possui assim uma qualidade de sofrimento que ‘dying’ por si só não possui. Por exemplo, na colocação ‘dying candle’, ‘die’ significa apenas ‘apagar-se’.

A escolha por ‘estúpida’, no mesmo exemplo, também tem conotação mais negativa que ‘silly’. Ambas as palavras, ‘stupid’ e ‘silly’, geralmente são usadas para avaliar pessoas, por isso podem ser consideradas como portadoras de uma avaliação negativa de atitude/ julgamento/ estima social/ capacidade (ver nota 40), indicando pessoas incapazes ou de inteligência limitada. Porém, ‘estúpida’ em português tem também uma acepção de pessoa indelicada ou grosseira⁵⁹ mais condizente com uma avaliação negativa de atitude/ julgamento/ sanção social/ propriedade⁶⁰. Associadas não a uma pessoa, mas à memória de um tempo, o uso das palavras ‘agonizante’ e ‘estúpida’ em HOD_Trevisan retrata essa lembrança como mais sofrida e desagradável que no TF, em que tem caráter mais neutro.

A paisagem (experiência) psicológica, em suma, é retratada em HOD_Trevisan como mais sombria, desagradável e sofrida que no TF.

Quanto aos elementos da paisagem física em HOD_Trevisan, as mudanças de prosódia semântica para mais positiva ou mais negativa se equilibram e não formam padrões.

As mudanças de modalidade observadas totalizaram cinco em HOD_Trevisan, sendo três do tipo que indica habilidade ou capacidade e que não se encaixa bem nos dois tipos de modalidade (modalização e modulação) segundo Halliday (2014). As outras duas são de modalização ou modalidade epistêmica. Talvez as mais significativas sejam a tradução de ‘it **seemed** unnatural’ (modalidade epistêmica) para ‘**era** algo sobrenatural’, já analisada sob a categoria da transitividade (conforme 3.2.3.1, exemplo 24), e a tradução de ‘dark human shapes **could** be made out in the distance’ (modalidade que indica habilidade) para ‘escuras formas humanas **destacavam**-se à distância’, também já contabilizada nas mudanças de transitividade. Em ambos os casos o marcador de modalidade é eliminado, tornando a afirmação categórica ou monoglôssica e atribuindo realidade à primeira proposição e uma presença mais perceptível ao sujeito da segunda.

Em suma, as mudanças do ponto de vista ideológico em HOD_Trevisan sugerem um alinhamento do tradutor com a população nativa e uma certa repreensão quanto às atividades europeias em terras africanas. A experiência vivida pelo narrador é também retratada como mais sombria do que no TF. Essas mudanças são operadas principalmente pelo uso de equivalentes que indicam avaliação negativa de atitude, além dos aumentos de gradação de força já observados neste TT.

⁵⁹ Idem acima.

⁶⁰ Ver nota 50 para definição. Entre os exemplos de avaliação negativa deste tipo, estão *rude* e *discorteous*. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 53)

4.2.4.2 HOD_O'Shea

Neste TT, algumas escolhas parecem sugerir mudanças na representação da paisagem física e da população nativa em comparação ao TF. Essas mudanças se dão principalmente no uso de epítetos interpessoais e criam descrições de prosódia semântica mais negativa. Para o primeiro caso, da paisagem física, foram observados os exemplos apresentados no QUADRO 34.

QUADRO 34: Avaliatividade/ Paisagem física em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
1	the mournful stillness of the grove	o silêncio mortal do arvoredo
2	down and up chilly ravines	barrancos de arrepiar
3	formless coast	litoral disforme
4	rank Grass	capim fétido
5	this nowhere	aquele fim de mundo

Pode-se considerar que as mudanças nos exemplos 1 e 2 do QUADRO 34 tornam os elementos citados - o arvoredo e os barrancos - mais assustadores para o leitor que no TF. No primeiro caso, há em 'mournful' uma conotação de tristeza sentida ou provocada⁶¹ que pode ser categorizada como uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ reação/ qualidade (ver nota 14). Em HOD_O'Shea aparece uma colocação corrente em português, 'silêncio mortal'. Uma busca no Google (4.650 resultados) revelou que a expressão do TF, 'mournful stillness', aparece em poemas, literatura e alguns textos jornalísticos que noticiam tragédias, sempre relacionada a sentimentos de sofrimento que, pela associação com a inércia de 'stillness', parecem remeter a um sentimento de nostalgia. Para 'silêncio mortal', percebem-se no Corpus do Português (5 resultados) e no Google (84.000 resultados) duas conotações: uma de desconforto em alguma situação social em que o silêncio não é uma condição natural (não é o caso do cotexto em questão), outra em contextos de suspense, inclusive a expressão é nome de filmes e livros desse gênero. Em termos avaliativos, o que ressalta nessas duas acepções é que o silêncio é proeminente, chamando a atenção dos presentes por ser embaraçoso ou atemorizante. A avaliação evocada em 'silêncio mortal' pode assim ser categorizada como de atitude/ apreciação/ reação/ impacto⁶² e tem como efeito prender a atenção do leitor. Além disso, a conotação de nostalgia do TF dá lugar a uma conotação de terror e medo, como se vê pela prosódia semântica da colocação 'silêncio mortal'.

⁶¹ O *Macmillan Dictionary Online* oferece como definições de 'mournful': "very sad" ou "making you feel very sad".

⁶² A avaliação de atitude/ apreciação/ reação/ impacto responde à pergunta "did it grab me?" (MARTIN; WHITE, 2005, p. 56).

O exemplo 2 do QUADRO 34 repete esse tipo de significado em HOD_O'Shea. 'Chilly', escolha do TF, é um epíteto que pode ser considerado experiencial caso se considere que esse grau de frieza é passível de ser inferido pela experiência de mundo construída pela gramática da língua inglesa ou pelo contexto (FIGUEIREDO, 2007, p. 208), ou seja, pelas temperaturas que ocorrem no Congo. Já 'de arrepiar', em HOD_O'Shea, é um qualificador comum em textos de literatura de suspense e terror por indicar um estado de nervosismo, alerta ou excitação em que os pelos do corpo são eletrizados. O frio é um dos fatores que podem causar esse arrepio, mas a expressão é também usada metaforicamente. Inclusive, uma das duas ocorrências de 'de arrepiar' no COMPARA ('é mesmo de arrepiar') apresenta como tradução 'will make your flesh creep', sugerindo uma sensação de medo.⁶³ A expressão evoca uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ reação/ qualidade (ver nota 14) e torna os barrancos descritos assustadores, mais do que frios.

Os epítetos de HOD_O'Shea nos exemplos 3 e 4 do QUADRO 34 são claramente negativos no sentido avaliativo. 'Formless' define algo que não tem forma definida.⁶⁴ A palavra parece ter prosódia semântica neutra como, por exemplo, na linha 'I still had a formless feeling that she understood me' obtida no BNC (56 resultados para 'formless'). Já 'disforme' pode indicar tanto algo 'sem forma' quanto algo 'deformado', 'desproporcionado' ou 'grotesco'⁶⁵, indicando uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ composição/ proporção.⁶⁶ Essa segunda acepção, negativa, é percebida em ao menos 15 das 49 ocorrências de 'disforme' no Corpus do Português⁶⁷, como, por exemplo, na linha 'envergonhada por ter dado a luz um filho tão feio e disforme'. Ao escolher 'disforme' em lugar de uma opção como 'sem forma', por exemplo, HOD_O'Shea abre a possibilidade de uma avaliação negativa do litoral por parte do leitor.

'Fétido', escolha em HOD_O'Shea no exemplo 4 do QUADRO 34, é de fato uma das acepções de 'rank' segundo o *Macmillan Dictionary Online*, mas existe outra, mais característica do gênero literário ainda segundo o mesmo dicionário, que aparece em colocações com 'vegetação', indicando algo que cresceu e se espalhou demais.⁶⁸ HOD_Trevisan, por exemplo, apresenta a tradução de 'rank grass' como 'grama alta'. Já a

⁶³ Definição de 'make one's flesh creep' no *Dictionary.com*: 'to be frightening or repellent; cause one to experience uneasiness'.

⁶⁴ Definição de 'formless' no *Macmillan Dictionary Online*: 'it has no definite shape'.

⁶⁵ Definições encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

⁶⁶ A avaliação de atitude/ apreciação/ composição/ proporção responde à pergunta "did it hang together?" e tem, como exemplos negativos, *shapeless, amorphous, distorted*. (MARTIN; WHITE, 2005, p. 56)

⁶⁷ Busca restrita ao séc. XX.

⁶⁸ As definições mencionadas para 'rank' no *Macmillan Dictionary Online* são 'with a strong unpleasant smell or taste' e '(mainly literary) growing and spreading too much'.

escolha em HOD_O'Shea avalia a grama negativamente por atitude/ apreciação/ reação/ qualidade (ver nota 14), construindo um significado avaliativo de desagrado.

O exemplo 5 do QUADRO 34 é o único em que a mudança não ocorre em um epíteto. 'Nowhere' é traduzido como 'fim de mundo', metáfora comum em português e que geralmente tem conotação negativa por indicar um local ermo e provavelmente sem atrativos, como confirmam os corpora de referência. Em termos avaliativos, a expressão evoca/ provoca uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ reação/ qualidade (ver nota 14).

Observa-se que, das três ocorrências de 'nowhere' (2 com inicial maiúscula, uma com inicial minúscula), é na primeira que ambos os textos apresentam a opção mais avaliativa, HOD_O'Shea com 'fim de mundo' e HOD_Trevisan com 'mundo perdido'. Esta última pode indicar uma decadência moral, mas também uma perda no sentido mais literal, de que não se sabe onde está esse mundo. A segunda e a terceira ocorrências são traduzidas por 'Lugar Nenhum' em ambas em HOD_O'Shea e por 'Nada' e 'Lugar Nenhum' em HOD_Trevisan. Assim, nenhum dos dois tradutores mantém a repetição da palavra nas três ocorrências. Isto pode ser indício de que O'Shea tenha se apoiado no TT de Trevisan e que por essa interferência tenha produzido a tradução 'fim de mundo', adaptando-a a partir de 'mundo perdido', apesar de sua estratégia geral de decalque que o levou a traduzir as outras duas ocorrências pelo equivalente mais direto 'Lugar Nenhum'.

Por outro lado, é possível que um ou ambos os tradutores tenham considerado que a tradução mais literal de 'nowhere', 'lugar nenhum', não desse conta de uma conotação já negativa em 'nowhere' e tenham tentado compensar essa perda traduzindo uma das ocorrências, a primeira, de forma avaliativa e negativa. A primeira ocorrência tem também inicial minúscula nos dois TTs, assim como no TF, enquanto as demais têm iniciais maiúsculas. Assim, é também possível que os tradutores tenham considerado que o uso corrente da palavra, com inicial minúscula, tem prosódia semântica negativa, o que não ocorre quando 'nowhere' aparece com inicial maiúscula por designar algum local específico.

Em suma, as mudanças de prosódia semântica na descrição da paisagem física em HOD_O'Shea a tornam mais aterrorizante e desagradável, portanto mais negativa.

Na representação da população nativa, a mudança de avaliatividade já insinuada na tradução 'muito a contragosto' para 'reluctantly' (exemplo 17 em 3.2.1.2) como indicadora de um senso de desaprovação, é também percebida no uso de epítetos interpessoais. Citam-se três exemplos no QUADRO 35.

QUADRO 35: Avaliatividade/ Nativos em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
6	unhappy savages	selvagens miseráveis
7	a mangy skin with a pendent tail	uma pele nojenta com um rabo dependurado
8	in an intolerable and appalling manner	num gesto insuportável e horripilante

No exemplo 6 do QUADRO 35, ‘unhappy’ avalia os selvagens por atitude/ afeto/ infelicidade (ver nota 57). Já o epíteto ‘miseráveis’ utilizado no TT pode tanto aumentar a gradação da infelicidade quanto indicar outros significados. Miserável é alguém que, ‘por sua desgraça, desperta compaixão’, ‘muito pobre’ ou, por outro lado, que é ‘desprezível’, ‘sem valor’ ou ‘canalha.’⁶⁹ Nestas últimas três acepções vê-se uma avaliação negativa inscrita de atitude/ julgamento/ sanção social/ propriedade (ver nota 50). Enquanto ‘unhappy’ atrai a empatia do leitor por colocar os selvagens em condição de sofrimento, ‘miseráveis’ atrai um sentimento dúbio de piedade e reprovação.

‘Mange’, no exemplo 7 do QUADRO 35, é uma doença que ataca o gado, a sarna, e ‘mangy’, utilizada no texto para descrever uma pele animal que os nativos brandiam na direção do rio, indica uma pele afligida por essa doença. Metaforicamente, ‘mangy’ pode ser usada para uma roupa velha e suja⁷⁰, evocando uma avaliação negativa. A tradução ‘nojenta’ em HOD_O'Shea já inscreve essa avaliação. A palavra não faz referência ao tipo de aparência ou causa da aparência do pedaço de pele, mas indica, sobretudo, reprovação em uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ reação/ qualidade (ver nota 14).

O exemplo 8 do QUADRO 35 se assemelha aos exemplos 1 e 2 do QUADRO 35, em que a descrição da paisagem é construída com traços de suspense. Aqui, é o gesto do menino acorçado com o queixo nos joelhos e de olhar perdido que se torna subitamente ‘horripilante’ no TT, diferentemente do TF que o retrata mais como desagradável, decepcionante ou chocante⁷¹ com ‘appaling’. Ambas constroem uma avaliação negativa de atitude/ apreciação/ reação/ qualidade (ver nota 14), mas pode-se pensar em ‘horripilante’ como um aumento na gradação de força de ‘appaling’.

As mudanças de modalidade em HOD_O'Shea são 4, todas envolvendo operadores que indicam habilidade e capacidade. Duas ocorrem em proposições sobre a incompreensão do narrador, como mostra o QUADRO 36 a seguir.

⁶⁹ Definições encontradas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0* (2009).

⁷⁰ Uma das definições dadas pelo *Macmillan Dictionary Online* é ‘(informal) old and dirty’.

⁷¹ Definições traduzidas a partir das encontradas no *Macmillan Dictionary Online* para ‘appaling’.

QUADRO 36: Modalidade em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
9	We wouldn't be able to tell where we were going to...	Não saberíamos aonde estávamos indo...
10	...the purpose of which I found it impossible to divine.	...cujo propósito não pude adivinhar.

No exemplo 9 do QUADRO 36, talvez se possa sugerir que a tradução torne a incompreensão mais definitiva, já que 'não saber' é a negação de um processo mental enquanto 'não ser capaz de dizer' é a negação da capacidade de um processo verbal, e que não saber implica não ser capaz de dizer, mas este último não necessariamente implica o primeiro. Contudo, a mudança é questionável se se considerar o uso corrente das expressões derivadas de 'be able to tell' em inglês para se referir ao processo mental de 'saber'.⁷² Assim, não se pode afirmar que haja uma diferença relevante entre TF e HOD_O'Shea.

No exemplo 10 do QUADRO 36, talvez se possa considerar que a escolha por 'pude' no TT torne a incompreensão mais subjetiva do que no TF, em que esse propósito, que diz respeito a um buraco escavado na terra, foi considerado pelo narrador como 'impossível' de adivinhar. Entretanto, há também subjetividade no TF em 'I found', de modo que a mudança não é clara. As mudanças nos exemplos 9 e 10 do QUADRO 36 podem ter sido motivadas pela tendência à redução de O'Shea, mais do que por quaisquer considerações de significado.

Em suma, o que parece sobressair em HOD_O'Shea em termos ideológicos, embora ainda consubstanciado por um número baixo de escolhas, é uma certa desaprovação da paisagem africana em seus aspectos físico e humano, perceptível principalmente em escolhas que mostram avaliação negativa do tipo atitude/ apreciação.

4.2.4.3 Comparação entre os TTs

As principais mudanças, nos dois TTs, foram observadas nas categorias de avaliatividade e/ou prosódia semântica. Em HOD_Trevisan essas mudanças se deram por escolhas avaliativas nos sistemas da atitude e da gradação e recaíram sobre os aspectos humano e psicológico da paisagem. Em HOD_O'Shea as mudanças se deram por escolhas no sistema da atitude e recaíram sobre os aspectos humano e físico da paisagem.

⁷² Por exemplo, o *Macmillan Dictionary Online* oferece para a expressão 'I couldn't tell you' a seguinte definição: 'used for saying that you do not **know** the answer to a question...'. Para 'you can never tell', a definição é: 'used for saying that it is impossible **to be certain** about something' (grifos meus).

Quanto ao aspecto humano, HOD_Trevisan revela um alinhamento ideológico para com os nativos africanos em oposição aos europeus. O mesmo não ocorre em HOD_O'Shea, no qual se sugere alguma contrariedade em relação à população nativa. O aspecto psicológico em HOD_Trevisan ganha um caráter mais negativo, o que ocorre também com o aspecto físico da paisagem em HOD_O'Shea.

4.2.5 Ponto de vista espaço-temporal: estrutura e dêixis

HOD_Trevisan tem 22 mudanças de estrutura e HOD_O'Shea 16, a maior parte deslocamentos de adjuntos circunstanciais. Mudanças dêiticas que distanciam os eventos narrados espacialmente ou temporalmente do narrador ocorreram em número quase igual nos dois TTs (20 em HOD_Trevisan e 22 em HOD_O'Shea). Essas mudanças serão exploradas qualitativamente para cada TT nas subseções que se seguem.

4.2.5.1 HOD_Trevisan

Entre as 22 mudanças de estrutura sem implicação para a transitividade, 22 (100%) foram deslocamentos de adjuntos. Quanto à direção do deslocamento, a maior parte (13 ou 59%) foi deslocada para a esquerda (*left-shifting*) ou tematizada na oração. Quanto ao tipo de adjunto deslocado, a maior parte (16 ou 73%) foi de adjuntos circunstanciais, dos quais 11 (69% dos adjuntos circunstanciais e 50% do total) deslocados para a esquerda, sendo três de locação/lugar, quatro de modo, três de locação/tempo e uma circunstância de causa. Houve ainda dois adjuntos interpessoais de comentário deslocados para a esquerda. Nos deslocamentos para a direita (5 ou 23%), houve três adjuntos circunstanciais de locação/tempo e dois adjuntos circunstanciais de modo. Assim, destacaram-se quantitativamente os deslocamentos para a esquerda de adjuntos de lugar.

Observaram-se ainda três casos de deslocamento de adjunto conjuntivo quando em posição de tema textual, trocando de lugar, no TT, com o tema tópico da oração. Serão apresentados exemplos relevantes dos deslocamentos de adjuntos para a esquerda, já que constituíram um padrão mais numeroso que os deslocamentos para a direita, e das inversões em posição inicial.

As três mudanças de adjuntos circunstanciais de locação/lugar fazem com que a descrição do ambiente seja apresentada antes de outros elementos para o leitor do TT, como mostram os exemplos no QUADRO 37:

QUADRO 37: *Left-shifting/* Adjuntos de lugar em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
1	There was no sign on the face of nature of this amazing tale...	Não havia, na face da natureza , vestígio algum daquela fabulosa história...
2	There wasn't even a shed there ...	Não havia ali sequer um barracão...
3	...but a dumb immobility sat on the bankspesava, porém, nas margens uma imobilidade taciturna.

Nos exemplos 1 e 2 do QUADRO 37, os adjuntos ‘na face da natureza’ e ‘ali’ aparecem deslocados para antes dos existentes ‘vestígio’ e ‘um barracão’, ao contrário do que ocorre no TF. No exemplo 3, ‘nas margens’ é trazido para antes do sujeito, em uma estrutura já marcada por ter o grupo verbal como tema da oração. Essas mudanças mostram a flexibilidade da língua portuguesa no posicionamento dos adjuntos circunstanciais de lugar e podem sugerir uma preferência do tradutor Trevisan pelas posições marcadas dos adjuntos.

O exemplo 3 do QUADRO 37 mostra também uma inversão em HOD_Trevisan, com o tema textual ‘porém’ aparecendo entre vírgulas após o tema tópico ‘pesava’. Esta parece ser uma preferência do tradutor, verificada ainda em outras três ocorrências: ‘but we’ traduzido por ‘havíamos, no entanto’, ‘but there was’ por ‘havia, no entanto’ e ‘but suddenly’ por ‘subitamente, porém’.

Apresentam-se no QUADRO 38 a seguir três dos quatro deslocamentos de adjuntos circunstanciais de modo para a esquerda que se considerou terem alguma relevância textual.

QUADRO 38: *Left-shifting/* Circunstâncias de modo em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
5	I was smoking my pipe quietly ...	Estava fumando calmamente meu cachimbo...
6	...as if the forest that had ejected these beings so suddenly had drawn them in again...	...como se a floresta que de forma tão repentina expelira aqueles seres novamente os absorvesse...
7	...afterwards he arose and went out-- and the wilderness without a sound took him into its bosom again.	Depois, levantou-se e se foi. Em absoluto silêncio , a floresta virgem acolheu-o novamente em seu seio.

Percebe-se que a antecipação dos adjuntos ‘calmamente’, ‘de forma tão repentina’ e ‘em absoluto silêncio’ cria uma ambientação na oração antes da apresentação de todos os elementos. Nos exemplos 6 e 7, cria-se uma tensão que prepara a apresentação dos processos de expelir e acolher, conferindo um teor de suspense à narrativa ou, ao menos, criando um estado de alerta no leitor. Novamente, os exemplos do QUADRO 38 mostram a flexibilidade da língua portuguesa e apontam para a preferência de Trevisan por apresentar os adjuntos

circunstanciais em posição marcada. A título de comparação, vale ressaltar que HOD_O'Shea apresenta o decalque da estrutura do TF nos quatro casos.

As mudanças nos adjuntos circunstanciais de locação/tempo se equilibram aproximadamente, sendo três para a esquerda e três para a direita. Não formam um padrão quantitativamente, mas observa-se em uma análise qualitativa que as mudanças para a esquerda tendem a ocorrer quando o adjunto está em posição final no TF e, da mesma forma, as mudanças para a direita ocorrem quando o adjunto está em posição temática no TF. Isto ocorre em cinco dos seis casos indicados acima e o QUADRO 39 a seguir apresentam um exemplo de cada tipo.

QUADRO 39: *Left-shifting*/ Adjuntos de tempo em HOD_Trevisan

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
8	I looked at them with a swift quickening of interest-- not because it occurred to me I might be eaten by them before very long ...	Observava-os com vivo e renovado interesse - não porque me ocorresse que poderia a qualquer momento ser por eles devorado...
9	Every day the coast looked the same...	A costa, dia após dia , era idêntica...

Percebe-se que as mudanças em adjuntos circunstanciais de locação/tempo os inserem em algum ponto intermediário na oração, retirando-os da posição temática ou do foco informacional e, dessa forma, retirando deles a ênfase. No exemplo 8, isso se dá pelo deslocamento do adjunto grifado para a esquerda e, no exemplo 9, para a direita.

Outras mudanças dêiticas se concentram particularmente no uso dos pronomes demonstrativos. De 22 ocorrências de 'this/these' como determinante ou pronome demonstrativo no TF, HOD_Trevisan substituiu 14 por 'aquele/a(s)' e duas por artigo definido, omite o pronome em duas e realiza o decalque em apenas 4. Utiliza ainda o demonstrativo 'aquele' no lugar do artigo definido 'the' em uma ocorrência. Assim, há 19 casos de distanciamento. Esse distanciamento pode ser espacial ou temporal, já que Marlow está narrando a história anos depois e em outro local, Londres. O exemplo 10 a seguir ilustra essa dupla possibilidade.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
10	...I assure you that never, never before, did this land, this river, this jungle, the very arch of this blazing sky, appear to me so hopeless and so dark...	...asseguro-lhes, nunca, nunca antes, aquela terra, aquele rio, aquela selva, o próprio arco fulgurante do céu, pareceram-me tão sem esperança e tão tenebrosos...

‘Aquela terra’, ‘aquele rio’, etc., podem ser os de tempos atrás ou os de um local distante, ou ambos. Percebe-se que o narrador do TF está mais próximo das imagens da paisagem descrita que o narrador e, conseqüentemente, o leitor, do TT.

Em relação à dêixis temporal, em particular, aos tempos verbais, há apenas uma mudança no exemplo 11 a seguir, totalizando 20 escolhas que distanciam a leitura:

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_Trevisan
11	I've never seen anything so unreal in my life.	Nunca tinha visto nada tão irreal em toda a minha vida.

O uso do pretérito mais-que-perfeito composto como tradução do *present perfect* no TT faz com que a perplexidade ante o ‘irreal’ fique restrita a um momento passado que se estende até o momento do evento narrado pelo narrador. Não se estende até o momento da narração, tornando menor, portanto, a extensão da perplexidade do narrador no TT, já que se admite a possibilidade de que ele tenha visto algo tão ou mais irreal desde então. Em HOD_Trevisan esta escolha contrasta com o acréscimo de ‘toda’, restringindo o escopo da perplexidade pelo tempo verbal ao mesmo tempo em que o aumenta com o acréscimo (discutido no exemplo 17 em 3.2.1.1).

Em suma, as mudanças de estrutura em HOD_Trevisan apontam tanto para algumas mudanças textuais quanto para possíveis traços de estilo do tradutor. Quanto aos significados textuais, particularmente o ponto de vista espaço-temporal, sugere-se em HOD_Trevisan uma menor ênfase nos indicadores temporais e uma certa priorização do aspecto espacial na estrutura das sentenças, com ocorrências de *left-shifting* das circunstâncias de lugar, criando a ambientação antes de apresentar o evento. A paisagem aparece também mais distanciada em relação ao narrador e, por conseguinte, do leitor, em comparação ao TF. Quanto ao estilo do tradutor, alguns traços observados parecem apontar para uma preferência de Trevisan pelo uso de uma estrutura marcada, especialmente no posicionamento dos adjuntos circunstanciais e do tema textual quando realizado por adjunto conjuntivo (conjunção adversativa).

4.2.5.2 HOD_O'Shea

As mudanças de estrutura sem implicação na agência totalizam 16 em HOD_O'Shea, das quais nove (56%) de adjuntos. Quanto ao tipo, oito (50%) deslocamentos se dão com adjuntos circunstanciais. Sete (87% dos adjuntos circunstanciais e 44% do total de

deslocamentos) são deslocados para a esquerda, sendo quatro de locação/tempo, dois de locação/lugar de uma de ângulo. Há apenas um deslocamento de adjunto circunstancial para a direita e este é de locação/ tempo. Um adjunto conjuntivo é tematizado. Além dessas mudanças, há três casos de deslocamento do grupo verbal para a esquerda. As demais mudanças se dão com diferentes elementos e não formam um padrão nem afetam diretamente o ponto de vista espaço-temporal.

Apresentam-se a seguir os deslocamentos para a esquerda de adjuntos circunstanciais de locação/tempo e nos grupos verbais, que se apresentaram quantitativamente mais relevantes, e outras mudanças consideradas textualmente relevantes.

O QUADRO 40 a seguir mostra exemplos de deslocamentos de adjuntos circunstanciais de locação/tempo para a esquerda.

QUADRO 40: *Left-shifting*/ Adjuntos de tempo em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
1	Sometimes I would pick out a tree a little way ahead (...), but I lost it invariably ...	Às vezes, eu fixava o olhar numa árvore adiante, (...) mas sempre a perdia de vista...
2	...a touch of fantastic vanity which fitted well with the dream-sensation that pervaded all my days at that time um toque de vaidade fantasiosa que combinava bem com a sensação onírica que então permeava todos os meus dias.

Os deslocamentos acima, que adiantam os adjuntos 'sempre' no exemplo 1 e 'então' no exemplo 2, podem indicar uma preferência do tradutor O'Shea por situar os eventos temporalmente antes de apresentá-los.

Os três casos de deslocamento de grupo verbal para a esquerda são mostrados no quadro a seguir:

QUADRO 41: *Left-shifting*/ Grupo verbal em HOD_O'Shea

	HOD_Conrad	HOD_O'Shea
3	...and the white men rushing out of a tumble-down hovel, (...) seemed very strange...	...e, correndo para fora de uma choupana prestes a ruir, homens brancos, (...) pareciam um tanto ou quanto estranhos...
4	...near the house half-a-dozen slim posts remained in a row...	...perto da casa, restaram meia dúzia de estacas finas, enfileiradas...

No exemplo 3 do QUADRO 41, 'rushing out of a tumble-down hovel' é uma oração encaixada que funciona como qualificador do sujeito 'white men'. Em HOD_O'Shea, ela é deslocada para antes do sujeito 'homens brancos'. Com isso, o leitor visualiza uma cena de movimentação antes de saber quem é o agente da ação.

No exemplo 4 do QUADRO 41, há inversão entre sujeito e predicador. Como o processo é relacional, seu deslocamento não apresenta uma ação antes de revelar o sujeito, mas, como já dito, pode ser motivado por convenções de uso do português. A estrutura com predicador anteposto ao sujeito é marcada, porém aceitável em português e talvez para os processos relacionais essa tolerância seja ainda maior. De 26 ocorrências de ‘restaram’ no Corpus do Português, por exemplo, 12 aparecem antepostas ao sujeito, ou quase 50%. Dada a prevalência do decalque sintático em HOD_O’Shea, as mudanças aparentemente motivadas pelas convenções da língua revelam uma possível preocupação do tradutor com a naturalidade do texto.

As mudanças dêiticas nos pronomes demonstrativos em HOD_O’Shea são similares às observadas para HOD_Trevisan. Das 22 ocorrências de ‘this/that’, HOD_O’Shea apresenta ‘aquele/a(s)’ em 17, substitui uma por artigo definido e uma por pronome oblíquo, omite uma e realiza decalque em apenas 2. Há também uma ocorrência de ‘aquela’ como tradução do artigo indefinido ‘an’. Além dessas 20 instâncias de uso do demonstrativo ‘aquele/a(s)’, a tradução de ‘outside’ por ‘mais além’ no exemplo 5 a seguir contribui para o distanciamento da paisagem descrita em relação ao narrador.

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
5	And outside , the silent wilderness surrounding this cleared speck on the earth struck me...	E, mais além , a selva silenciosa que cercava aquele ponto aberto na terra impressionou-me...

Quanto ao tempo verbal, em HOD_O’Shea há apenas a escolha pelo mais-que-perfeito simples ‘nunca **vira**’ como tradução de ‘I **ve** never **seen**’ (grifos meus). As escolhas que distanciam a leitura somam, portanto, 22.

Além desses, dois exemplos de mudanças de estrutura em HOD_O’Shea têm relevância textual. A primeira é o deslocamento de ‘homenzinhos’ na tradução ‘prestes a (...) varrer e aniquilar cada um de nós, homenzinhos’ para ‘ready to (...) sweep every little man of us out of his little existence’. O deslocamento para a direita coloca ‘homenzinhos’ em posição de foco, porém é a única tradução oferecida para as duas ocorrências de ‘little’ na oração, de modo que uma mudança compensa a outra. A segunda é mostrada no Exemplo 9 a seguir:

Exemplo:

	HOD_Conrad	HOD_O’Shea
9	Still, I had also judged the jungle of both banks quite impenetrable...	Além disso , eu achava que a selva, em ambas as margens, fosse impenetrável...

O TT omite o tema textual ‘still’ mas não perde o elo coesivo com a proposição anterior, tematizando ‘also’ como o adjunto conjuntivo ‘além disso’. Percebe-se, como já apontado para este TT, uma tendência à concisão do texto, sem no entanto desviar-se do TF em termos de estrutura.

Em resumo, as mudanças de estrutura em HOD_O’Shea parecem apontar tanto para o estilo do tradutor quanto para o estilo do texto traduzido. As mudanças dêiticas que criam um distanciamento entre o narrador e a história narrada formam um padrão textual, mas não são exclusivas deste TT. Ainda quanto ao ponto de vista espaço-temporal, a antecipação de alguns adjuntos circunstanciais de tempo na estrutura da sentença situa ou descreve os eventos temporalmente antes de apresentá-los. As demais mudanças parecem ser motivadas pelas convenções da língua portuguesa ou como forma de manter a coesão em caso de redução. Esses traços podem indicar preferências do tradutor. As mudanças de estrutura não afetam diretamente a representação da indizibilidade neste TT.

4.2.5.3 Comparação entre os TTs

Ambos os TTs concentram as mudanças estruturais nos adjuntos (64% em HOD_Trevisan e 50% em HOD_O’Shea), principalmente circunstanciais e para a esquerda na estrutura da oração. Do total de mudanças de estrutura nos TTs, 50% em HOD_Trevisan e 44% em HOD_O’Shea são de adjuntos circunstanciais para a esquerda.

Também ambos os TTs apresentam um distanciamento dêitico em comparação ao TF (22 escolhas em HOD_O’Shea e 20 em HOD_Trevisan).

Já os tipos de adjuntos deslocados mostram diferenças entre os TTs quando ao ponto de vista espaço-temporal. HOD_Trevisan antecipa os adjuntos de lugar e modo, apresentando visualmente o evento antes de apresentá-lo, e retira a ênfase dos adjuntos de tempo. HOD_O’Shea antecipa os adjuntos de tempo, situando e descrevendo o evento temporalmente na estrutura da oração antes de apresentá-los.

4.2.6 Ponto de vista fraseológico

Apesar de o ponto de vista fraseológico não se relacionar diretamente com o enfoque desta pesquisa, uma breve análise de alguns padrões observados será feita para comparação com o restante dos dados observados para cada TT, com vistas a uma melhor compreensão do seu estilo.

4.2.6.1 HOD_Trevisan

O corpus revelou que HOD_Trevisan apresenta algumas escolhas de maior literariedade em relação ao TF e a HOD_O'Shea. Não é simples avaliar o grau de literariedade das escolhas do TF, mas a verificação no COHA e o uso atual de determinadas palavras indicam serem palavras de alta frequência na língua, traduzidas por equivalentes em HOD_Trevisan que, como será demonstrado, são mais característicos de textos literários. O QUADRO 42 apresenta 15 ocorrências.

QUADRO 42: Literariedade em HOD_Trevisan

HOD_Conrad	HOD_Trevisan
ripple	frêmito
cap	casquete
great	Ingente
big	Ingente
walls	Paliçadas
fence	Paliçada
memory	reminiscência
roaring	Fragoroso
paths	Picadas
flitting against	roçagando
rustle	Farfalhar
whiteness	Alvura
river	Torrente
mighty	portentoso
cheery	exultantes

Para a verificação da literariedade das escolhas em HOD_Trevisan, fez-se uma busca no Corpus do Português restrita ao séc. XX e à variante brasileira da língua. Os textos nesse corpus pertencem aos gêneros Ficção (3.028.646 itens), Acadêmico (2.816.802 itens), Notícias (3.346.988 itens) e Oral (1.078.586 itens). Apesar de o corpus não ter um balanceamento equitativo, considera-se que a maior frequência de um item em um determinado tipo de texto pode apontar para um uso característico desses textos. A TAB. 7 apresenta os dados obtidos no Corpus do Português para as escolhas de HOD_Trevisan citadas no QUADRO 41.

TABELA 7: Escolhas de HOD_Trevisan no Corpus do Português

Escolhas em HOD_Trevisan	Ocorrências no Corpus	Ocorrências em textos ficcionais	Fic/Corpus (%)
frêmito*	18	18	100

Continua,,

			Conclusão
casquete*	9 ⁷³	9	100
ingente*	7 ⁷⁴	6	86
paliçada*	20	14	70
reminiscência*	33	17	51
fragoros*	6	4	67
picada*	19	19	100
roçag*	11	11	100
farfalha*	14	14	100
alvura*	21	21	100
torrente*	41	37	90
portentos*	23	18	78
exultante*	18	12	67

Vê-se na TAB. 7 que, para todas as escolhas, ao menos metade (50%) das ocorrências aparecem em textos ficcionais, confirmando tratar-se de escolhas que remetem a esse gênero.

Contribui ainda para a literariedade em HOD_Trevisan sua escolha por apresentar quase 50% dos adjetivos em posição anteposta ao substantivo (68 adjetivos antepostos, 72 pospostos). Neves (1999) comenta que o adjetivo posposto ao substantivo é a forma mais frequente e, portanto, menos marcada na linguagem comum em português brasileiro. A anteposição, mais marcada na linguagem coloquial, é frequente em obras literárias justamente por proporcionar uma “maior subjetividade” e “grande efeito de sentido” (p. 200-201).

Por outro lado, HOD_Trevisan apresenta algumas escolhas convencionais e coloquiais, como os equivalentes ‘sei lá’ e ‘não faço ideia’ para duas ocorrências de ‘I don’t know’. Essas escolhas conferem informalidade ao texto.

A informalidade é percebida também na forma com que o narrador dirige-se aos seus companheiros e ouvintes, tratando-os (e ao leitor, por extensão) por ‘você/s’.

Quanto ao uso de palavras estrangeiras, Magalhães e Blauth (no prelo) apontam uma frequência mais alta em HOD_Trevisan dessas palavras, frequentemente em itálico, que em outras traduções de HOD. Esses empréstimos nem sempre são trazidos do TF, como é o caso da expressão latina ‘in loco’ utilizada como tradução de ‘on the spot’. HOD_Trevisan tem, portanto, influência estrangeira nas escolhas lexicais e essa influência torna a leitura menos acessível. Por outro lado, nas sentenças analisadas nesta pesquisa, há o uso de ‘piroga’ como tradução de ‘canoe’. Essa escolha é relevante, já que haveria a opção ‘canoa’ em

⁷³ ‘Casquete’ não apresentou ocorrências para o séc. XX e variante brasileira. Expandiu-se então o corpus para incluir a variante portuguesa e o séc. XIX. Obtiveram-se nove ocorrências, todas do séc. XIX e da variante portuguesa.

⁷⁴ ‘Ingente’ também não apresentou ocorrências no séc. XX para variante brasileira. As sete ocorrências indicadas foram obtidas para o séc. XX, mas na variante portuguesa.

português, mas ‘piroga’, palavra que designa uma embarcação indígena⁷⁵, traz o texto para a cultura-alvo, domesticando-o.

Em suma, os padrões fraseológicos em HOD_Trevisan apontam para uma leitura de razoável complexidade, devida aos empréstimos e às escolhas características do registro literário. Em alguns pontos, entretanto, percebe-se uma tentativa do tradutor de tornar o texto mais informal ou ‘domesticá-lo’, como ocorre com a forma de tratamento usada pelo narrador para dirigir-se aos colegas e algumas expressões convencionais de função normalizadora. Assim, parece haver duas tendências opostas neste TT.

4.2.6.2 HOD_O’Shea

Os padrões fraseológicos em HOD_O’Shea apontam principalmente para a acessibilidade do texto.

A maior parte das escolhas lexicais parece condizer com as do TF em termos de convencionalidade. Citam-se no QUADRO 42 as escolhas em HOD_O’Shea para as mesmas palavras do QUADRO 41.

QUADRO 43: Convencionalidade em HOD_Trevisan

HOD_Conrad	HOD_O’Shea
ripple	marola
cap	boné
great	grande
big	vasta
walls	paredes
fence	cerca
memory	memória
roaring	- (omissão)
paths	trilhas
flitting against	esvoaçando
rustle	se mexia
whiteness	brancura
river	rio
mighty	gigantesco
cheery	sorridentes

Os equivalentes usados em HOD_O’Shea nos casos acima reproduzem o padrão do TF por serem, em sua maioria, palavras de alta frequência no português. ‘Vasta’ não chega a ser o equivalente mais frequente de ‘big’, que seria ‘grande’, mas em comparação a ‘ingente’ certamente é mais frequente. Há casos de escolhas mais literárias em HOD_O’Shea

⁷⁵ Definição encontrada no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* 3.0 (2009).

em comparação ao TF ou a HOD_Trevisan, mas estas não chegam a ser numericamente relevantes.

Há uma preferência neste TT pela posposição do adjetivo ao substantivo (35 adjetivos antepostos e 99 pospostos), o que remete à língua corrente (Neves, 1999). Além disso, há poucos empréstimos neste TT como um todo.

Entretanto, o narrador se dirige aos colegas por ‘o/s senhor/es’, tornando o registro mais formal e distanciando o texto do leitor.

Há finalmente um padrão de escolhas que remete a textos acadêmicos, mostradas no QUADRO 43.

QUADRO 44: Escolhas de registro acadêmico em HOD_O’Shea

HOD_Conrad	HOD_O’Shea
...on the face of Nature...	... atínente à Natureza...
...an air of brooding over an inscrutable purpose.	...um ar de reflexão acerca de um propósito inescrutável.
...a sense of mystery...	...uma noção de mistério...
...as far as I reluctantly gathered...	... conforme , muito a contragosto, deduzi...
...as sane men would be...	... conforme homens mentalmente são ficariam...

A TAB. 8 apresenta os dados relativos às buscas com os itens lexicais do QUADRO 43 no Corpus do Português, com a busca restrita ao séc. XX e ao português brasileiro.

TABELA 8: Escolhas de HOD_O’Shea no Corpus do Português

Escolhas em HOD_O’Shea	Ocorrências no Corpus	Ocorrências em textos acadêmicos	Acad./Corpus (%)
atínente	1 ⁷⁶	1	100
reflexão acerca	3	3	100
noção de	399	242	61
conforme	1490	861	58

Os itens pesquisados, como mostra a TAB. 8, apresentam ao menos 58% das ocorrências em textos acadêmicos. O *Dicionário de Usos do Português do Brasil* (Borba, 2002) apresenta abonações de todas essas palavras em textos técnicos ou jornalísticos.

Um item pesquisado durante a busca acima – ‘a meu ver’, apresentado como tradução de ‘to me’ em HOD_O’Shea - acabou revelando-se mais característico de textos orais do que acadêmicos, com 23 ocorrências em textos orais entre os 47 resultados da busca, correspondendo a uma porcentagem de 49%. Neste caso, contribui para a coloquialidade do texto.

⁷⁶ Ocorrência obtida ao se expandir a busca para incluir a variante portuguesa.

4.2.6.3 *Comparação entre os TTs*

HOD_Trevisan e HOD_O'Shea parecem ter tendências opostas nos aspectos observados. O primeiro apresenta traços de literariedade nas escolhas lexicais e na posição dos adjetivos, o segundo apresenta traços de convencionalidade e coloquialidade nos mesmos aspectos. A forma de tratamento do narrador para com os ouvintes no texto é mais informal no primeiro, mais formal no segundo. O primeiro apresenta uma maior frequência de empréstimos em língua estrangeira, o segundo poucas. Finalmente, o segundo apresenta escolhas que remetem ao registro acadêmico, podendo ser associadas à atividade do tradutor como autor de textos acadêmicos.

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta seção retoma as perguntas de pesquisa apresentadas na introdução deste trabalho para discuti-las e respondê-las.

A primeira pergunta questiona se os recursos de negação utilizados por Conrad na descrição da paisagem são reproduzidos integralmente nos TTs. Há uma reprodução quase integral, de 90% em HOD_Trevisan e 89% em HOD_O'Shea considerando-se as negativas principais, e de 90% em HOD_Trevisan e 88% em HOD_O'Shea considerando-se também as negativas secundárias. Como em ambos os TTs alguns equivalentes de formas negativas têm polaridade positiva, porém são negativos por implicação e, ademais, ocorrem mudanças de polaridade no sentido inverso (com equivalentes negativos para opções de polaridade positiva no TF), considera-se que o efeito cumulativo da negação é praticamente igual nos TTs em comparação ao TF. Não houve perda desse efeito cumulativo nos TTs, ao contrário do que observou Scott (1998) no par linguístico português/ inglês.

A segunda pergunta diz respeito a outros padrões léxico-gramaticais revelados pelo corpus de TTs e quais os seus significados textuais. Para respondê-la, serão discutidos os padrões quantitativos do corpus e suas implicações para o estilo dos TTs, ficando os padrões revelados pela análise quali-quantitativa a ser abordados em seguida, como resposta à terceira pergunta de pesquisa, que se concentra nos planos do ponto de vista narrativo.

Os dados quantitativos do corpus de TTs mostram alguns traços possivelmente motivados pelas convenções da língua portuguesa e do tipo textual e pela facilitação da leitura nos textos traduzidos, principalmente considerando-se o estilo de Conrad, que inclui sentenças longas e repetições. O número total de itens é menor em ambos os TTs. O tamanho médio dos

parágrafos também é menor, o que “simplifica os padrões coesivos e torna o texto mais fácil de digerir” (MUNDAY, 2008, p. 80). É menor também o tamanho médio das sentenças e, em consonância com este dado, o número de sentenças é maior nos TTs, indicando a divisão das sentenças do TF em outras menores, o que Munday (2008, p. 112) chama de simplificação das sentenças e associa a um “estilo menos denso”.

Já a maior razão forma/item nos TTs mostra não haver simplificação do vocabulário nesses textos. Ao contrário, Toury (1995) sugere que os tradutores tendem a buscar os padrões seguros e típicos da língua em que escrevem, descartando inovações ou repetições de palavras que têm função coesiva no texto. O menor uso de repetições pode explicar a maior variedade lexical parcialmente, já que é preciso levar em conta as restrições do próprio sistema de contabilização dos lemas utilizado pelo *software*, como mencionado na análise.

Entre os dois TTs, percebem-se diferenças que apontam para o estilo diferente de cada texto e possivelmente de cada tradutor. HOD_Trevisan tem maior número de itens que HOD_O’Shea e maior tamanho médio de parágrafo, indicando um texto mais prolixo. Porém seu número de sentenças é maior, o que mostra uma certa simplificação sintática. HOD_O’Shea, ao contrário, tem prevalência do decalque sintático das estruturas do TF e menor número de sentenças que HOD_Trevisan, apontando para uma leitura mais ‘densa’, segundo Munday (2008). Os menores valores para número de itens, número de sentenças e tamanho do parágrafo em HOD_O’Shea confirmam a tendência à concisão apontada em Barcellos (2011) para este tradutor.

Assim, HOD_Trevisan parece ser mais prolixo e de estrutura mais simples e HOD_O’Shea mais conciso e de estrutura mais complexa. A análise das categorias de tradução – amplificação e redução – confirma essas constatações, revelando uma tendência à amplificação em HOD_Trevisan e à redução em HOD_O’Shea.

Por outro lado, HOD_Trevisan tem vocabulário mais variado, o que mostra que sua possível preocupação com a facilitação do texto não se aplica ao uso do léxico. Inversamente, HOD_O’Shea apresenta vocabulário menos variado, apesar de manter a complexidade sintática do TF. Os dados não permitem a constatação de uma orientação única em cada texto (ou, por extensão, uma estratégia única para cada tradutor). Com efeito, os traços associados por Baker (2000, p. 251) como possíveis tentativas de tornar o texto “menos desafiador em termos linguísticos” e observados em sua pesquisa em um mesmo tradutor, Peter Clark, foram observados aqui cada qual para um tradutor: menor tamanho das sentenças para Trevisan e menor variedade lexical para O’Shea. Saldanha (2011b) alerta que é preciso

ter cautela para não fazer generalizações precipitadas sobre uma tendência do tradutor, por exemplo à normalização, porque um mesmo tradutor pode apresentar traços conflitantes, como é o caso aqui. Para que seja considerado um traço de estilo pessoal, segundo a pesquisadora, o traço observado deve ser coerente com outros do mesmo tradutor.

A terceira pergunta de pesquisa questiona se os padrões observados afetam os planos do ponto de vista narrativo e de que modo. De fato, foram observadas mudanças em todos os planos do ponto de vista narrativo, embora não necessariamente em todas as categorias possíveis de mudanças para cada plano, e tendo as mudanças também diferentes graus de relevância. Para a análise de estilo do texto traduzido, percebe-se que todos os planos são relevantes desde que se observem padrões. Para o enfoque desta pesquisa na representação da paisagem indizível, os planos mais produtivos foram o psicológico e o ideológico, cuja inter-relação (cf. MUNDAY 2008, SIMPSON, 1993) foi também evidenciada pelos dados. Esses planos serão apresentados e discutidos para cada TT de modo a responder à quarta pergunta, sobre o tema da pesquisa. Os planos espaço-temporal e fraseológico se mostraram mais produtivos para uma análise do estilo do tradutor e, por esse motivo, serão apresentados posteriormente, como resposta à quinta pergunta de pesquisa, relacionada a possíveis indícios de estilo do tradutor.

Antes de entrar diretamente nos planos do ponto de vista narrativo, convém lembrar que Munday (2008, p. 105) tenta conciliar a análise das categorias de tradução (amplificação e redução) com a do ponto de vista narrativo, associando a amplificação ao ponto de vista psicológico por afetar a coesão, tornando a estrutura sintática “mais leve” e facilitando “a absorção do texto pelo leitor”. Os acréscimos explicativos, da mesma forma, “facilitam a absorção dos fatos pelo leitor e simplificam o *mind-style*” (*ibid.*, p. 119). Além disso, qualitativamente, uma porcentagem relevante das amplificações em HOD_Trevisan e das amplificações e reduções em HOD_O’Shea mostrou contribuir para a construção de significados que afetam os planos psicológico e ideológico do ponto de vista narrativo. Assim, a discussão desses planos, que se segue, leva em conta os efeitos produzidos pelas e nas categorias de amplificação e redução.

O ponto de vista psicológico em HOD_Trevisan sofre mudanças que alteram o *mind-style* ou *world-view* do narrador. O aspecto da impenetrabilidade da selva mencionado no artigo de McClintock (1984) como um dos causadores da incompreensão é evidenciado por mudanças de gradação e contraexpectativa. O viés místico da jornada empreendida pelo narrador, também mencionado no artigo a partir da interpretação da expressão ‘centre of the Earth’, é explicitado no TT em escolhas lexicais de conotação religiosa. A própria

incompreensão é evidenciada como fio condutor da narrativa em escolhas que mais remetem a estados psíquicos do que descrevem objetivamente objetos externos.

Já o traço mais proeminente observado em HOD_Trevisan não corresponde exatamente a uma intensificação de algum aspecto apontado por McClintock (1984). A pesquisadora cita o uso de adjetivos contraditórios em *Heart of Darkness* que não permitem uma representação unívoca da paisagem, mas HOD_Trevisan mostra uma intensificação clara de uma faceta da paisagem, principalmente por meio de mudanças de gradação e transitividade: sua assertividade. A paisagem é representada como dotada de maior dimensão, quantidade, poder e influência que no TF e com maior efeito sobre o narrador, retratado por sua vez como mais vulnerável a ela.

O ponto de vista ideológico em HOD_Trevisan, principalmente por meio de escolhas atitudinais, sugere um alinhamento do tradutor com a figura do negro oprimido, representado como vítima da crueldade daqueles que desejam conquistar a terra, os europeus. Diferencia-se, assim, de outras traduções de HOD que mantêm uma representação negativa dos africanos, como as feitas pelos tradutores Santarrita (1984) e Paciornik (2002) estudadas por Magalhães e Assis (2009). É como se o texto de Trevisan se vingasse, por assim dizer, das injustiças cometidas pelos europeus, retratando a paisagem como mais ameaçadora e mais capaz de afetá-los, a população como mais hostil e a experiência vivida como mais sombria, obscura e agonizante.

O ponto de vista psicológico em HOD_O'Shea também sofre alterações que afetam o *mind-style* e *world-view* do narrador, mas não de modo tão proeminente quanto as mudanças em HOD_Trevisan, pela prevalência do decalque sintático. O léxico utilizado na descrição da paisagem e do mundo observado parece restringi-los ao escopo da materialidade. Aspectos da paisagem são minimizados em HOD_O'Shea por meio de diminuições de gradação, como sua particularidade e intensidade, configurando uma paisagem menos assertiva diante do observador e com menor efeito sobre ele. As descrições são também menos detalhadas, o que pode ser resultado da tendência à concisão do tradutor. De qualquer forma, esses resultados podem ser associados ao que Kenny (1998, p. 6) denomina “sanitização” e que ocorre quando o leitor do TT sente que “a tradução é de alguma forma mais mansa que o original”.⁷⁷ O *mind-style* em HOD_O'Shea é também mais “psicologicamente coerente” (MUNDAY, 2008, p. 23) pelo uso do recurso coesivo da repetição, que facilita a leitura.

⁷⁷ No original: “...the reader of an original text and its translation may feel that the translation is somehow tamer than the original” (Kenny, 1998, p. 6)

O ponto de vista ideológico em HOD_O'Shea é afetado por mudanças de prosódia semântica e/ou avaliações de apreciação que insinuam um senso de desaprovação nas descrições da paisagem, tanto na paisagem física quanto em referências aos nativos africanos e suas atividades. Essa orientação pode ser resultado do posicionamento do tradutor, de sua compreensão do posicionamento do autor e de seu papel enquanto mediador, ou, alternativamente, não ser uma estratégia consciente. Munday (2008, p. 40) afirma que “a descoberta de valores inseridos no texto pelo tradutor, talvez de modo furtivo e não consciente” é uma questão importante para a compreensão do fenômeno da tradução. Esse traço de certa forma se opõe ao de sanitização sugerido acima; Kenny (1998) inclusive baseia seu estudo na análise da prosódia semântica. Pelos dados da presente pesquisa, parece haver um padrão de sanitização em algumas escolhas lexicais e omissões, porém há outras escolhas cuja prosódia semântica pode indicar, ao contrário, uma representação mais negativa ou mais *bleak*⁷⁸ que a do TF. Munday (2008, p. 88) comenta que contraexemplos podem indicar a ausência de uma estratégia definida por parte do tradutor.

Para melhor visualização das mudanças no ponto de vista ideológico, o GRAF. 1 apresenta o número de mudanças consideradas na análise dos padrões em cada um dos três sistemas da Teoria da Avaliatividade (gradação, engajamento e atitude) e para cada TT.

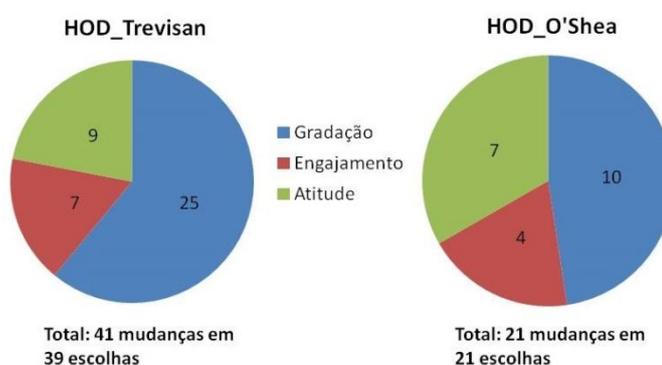


GRÁFICO 1: Mudanças de avaliatividade em HOD_Trevisan e HOD_O'Shea

Observa-se uma proporção aproximada nos dois TTs para os três sistemas, com predominância de mudanças de gradação, seguida por mudanças de atitude e de engajamento. Esse tipo de análise, se feita em níveis mais avançados da delicadeza em outros textos traduzidos, poderá revelar se e quais sistemas consistentemente sofrem alterações nos textos traduzidos e se as variações ocorrem entre diferentes tradutores e em quais pontos

⁷⁸ Kenny (1998, p. 6), sobre a sanitização, diz que há instâncias em que o leitor sente que o texto traduzido “*paints a less bleak picture of a situation than did the original*”.

especificamente - pontos que Munday (2008) chama de *value-rich* e que seriam reveladores dos valores do tradutor.⁷⁹ Na presente pesquisa, é importante salientar que, como a preocupação primordial era com os significados textuais, as mudanças contabilizadas no GRAF. 1 são as que foram consideradas como parte de algum padrão de significado, e não todas as mudanças efetuadas pelo tradutor. Dizem mais, assim sendo, sobre a configuração de mudanças dos TTs em relação ao TF do que sobre as estratégias dos tradutores.

O GRAF. 1 mostra uma diferença entre os TTs, com uma porcentagem maior de mudanças de gradação em HOD_Trevisan em comparação a HOD_O'Shea e de mudanças de atitude em HOD_O'Shea em comparação a HOD_Trevisan. Para além dessa observação mais geral, os TTs apresentam algumas diferenças relevantes em cada sistema, como será explicado a seguir.

A principal diferença qualitativa entre os TTs se encontra no sistema da gradação. Das mudanças de gradação em HOD_Trevisan, 23 ou 92% são de aumento e, em HOD_O'Shea, nove ou 90% são de diminuição. Esses valores são relevantes também em relação ao número total de mudanças em cada TT. Os aumentos de gradação totalizam 54% do total de mudanças avaliativas em HOD_Trevisan e as diminuições de gradação totalizam 43% do total de mudanças avaliativas em HOD_O'Shea. Portanto, em média, metade das alterações avaliativas nos TTs constitui um padrão coerente de mudança de gradação, de aumento em HOD_Trevisan, construindo uma paisagem mais assertiva, e de diminuição em HOD_O'Shea, construindo uma paisagem menos assertiva. Nesse caso, pode-se conjecturar quanto à consciência dos tradutores sobre esse recurso e a possibilidade de que tenham utilizado uma estratégia consciente e deliberada. Munday (2012), ao observar aumentos de gradação na tradução feita por David Bellos de um texto de Perec, feitos na etapa de revisão, comenta que a avaliatividade talvez adquira maior importância para o tradutor nessa segunda fase e a que a intensificação talvez seja um componente da estratégia maior de explicitação, acrescentando ainda que a consciência do tradutor sobre esse recurso é questionável.

Nas mudanças de engajamento, destaca-se em HOD_Trevisan o uso do recurso da contraexpectativa (5 ou 71% das mudanças de engajamento), o que não ocorre em HOD_O'Shea, em que há apenas uma mudança (25%) desse tipo. Com efeito, a

⁷⁹ Reproduz-se um trecho maior da citação em que o autor posiciona-se a respeito desses valores: “*In parallel, my interest is in the identification of those points and lexical features in a text that in translation are most susceptible to value manipulation; those points that most frequently show a shift in translation, and those that generate the most interpretative and evaluative potential; those that may be most revealing of the translator's values. I term these points Value-rich...*” (MUNDAY, 2008, p. 41)

contraexpectativa tem papel importante em HOD_Trevisan na construção da impalpabilidade do que é visto e/ou descrito.

Nas mudanças de atitude, predominam em HOD_Trevisan as de julgamento (4 ou 44%), seguidas pelas de apreciação (33%) e afeto (22%), enquanto em HOD_O'Shea predominam as mudanças de apreciação (71%), seguidas pelas de julgamento e afeto (1 ou 14% cada). Os julgamentos em HOD_Trevisan permitem inferir seu alinhamento ideológico em relação às figuras humanas da obra (africanos e europeus). Já a apreciação mostra em HOD_O'Shea avaliações sobre elementos da paisagem.

Diante dos dados já discutidos, pode-se considerar já respondida também a quarta pergunta de pesquisa, que diz respeito especificamente ao enfoque da pesquisa no tema da indizibilidade da paisagem. Em suma, pode-se dizer que a indizibilidade propriamente dita é mantida em ambos os TTs pela reprodução dos recursos de negação e é até mesmo sutilmente reforçada de modo particular em cada TT. Por exemplo, em HOD_Trevisan por escolhas lexicais como 'não inteligível' e 'inverossímil' e indiretamente por meio de acréscimos que reforçam a impalpabilidade da paisagem e, em HOD_O'Shea, por escolhas como os acréscimos em 'lembro **apenas** vagamente' e '**absolutamente** inesperado' (grifos meus). Porém, a paisagem é representada com algumas diferenças, em cada TT, em relação ao TF: em HOD_Trevisan, há uma representação claramente mais assertiva que a do TF e, em HOD_O'Shea, há traços opostos de sanitização e acentuação da prosódia semântica negativa.

A quinta pergunta de pesquisa indaga se há indícios para se falar em estilo do tradutor e, para respondê-la, serão discutidos os pontos de vista espaço-temporal e fraseológico.

A análise do ponto de vista espaço-temporal corrobora os resultados de Munday (1998) de que os adjuntos são os elementos que mais sofrem deslocamentos nos TTs. Esse tipo de mudança pode portanto ser característica de textos traduzidos ou de textos traduzidos entre o par linguístico inglês / língua românica.

Na presente pesquisa, os adjuntos foram em sua maioria deslocados para a esquerda, o que indica a maior flexibilidade da língua portuguesa em relação à inglesa quanto ao posicionamento dos adjuntos e pode, também, ser reflexo de uma convenção de tipo textual, qual seja, o uso de adjuntos em posição marcada em textos literários em português brasileiro. Diferenças foram observadas entre os tradutores quanto ao tipo de adjunto trazido para a esquerda ou tematizado na estrutura da sentença, o que pode apontar para seus estilos individuais. Trevisan teria uma preferência por adiantar os adjuntos de lugar e O'Shea os adjuntos de tempo na estrutura da sentença. Textualmente, depreende-se uma preocupação em

HOD_Trevisan com a localização espacial e a aproximação do leitor da paisagem e, em HOD_O'Shea, com a sequência lógica dos eventos.

Em ambos os TTs há também um distanciamento dêitico em relação ao TF, o que pode ser uma característica dos textos traduzidos, que já partem de uma posição de afastamento em relação ao TF, principalmente no caso de textos temporalmente distantes.

No ponto de vista fraseológico, constatou-se um traço de literariedade nas escolhas lexicais em HOD_Trevisan e de convencionalidade em HOD_O'Shea. Como neste caso podem-se descartar as restrições linguísticas, as convenções de tipo textual e a influência do TF como fatores explanatórios, é possível que se trate de traços de estilo dos tradutores. HOD_O'Shea apresenta ainda traços de escrita acadêmica que podem, caso verificados em outros trabalhos do mesmo tradutor, confirmar a hipótese de Walder (2013) de que traços estilísticos da escrita autoral são trazidos para os textos traduzidos pelo mesmo indivíduo. A mesma hipótese pode valer para a literariedade em HOD_Trevisan, já que o tradutor era também autor de contos e romances. Seria necessário um exame dos padrões fraseológicos em seus textos autorais para confirmação ou refutação da hipótese.

Assim, há indícios estruturais e fraseológicos apontando para o estilo do tradutor e que podem ser objeto de investigações futuras com esse enfoque. Isto, é claro, além de questões de posicionamento ideológico que podem ter influenciado de modo mais ou menos consciente as escolhas tradutórias já analisadas nos planos psicológico e ideológico do ponto de vista narrativo.

A sexta pergunta de pesquisa questiona se é possível apontar fatores contextuais como possíveis motivadores das mudanças observadas em cada TT. Deixando de lado as convenções linguísticas e do tipo textual, já exploradas na análise descritiva deste trabalho, uma possibilidade de investigação dos fatores contextuais por uma via mais ideológica seria a associação entre a representação da paisagem em HOD_Trevisan e o posicionamento político de militante esquerdista (QUIRINO, 2012) do tradutor Trevisan, que parece ter influenciado em suas escolhas de quais livros traduzir e possivelmente em seu modo de traduzir. As preferências estilísticas dos tradutores também necessitariam de mais tempo e uma metodologia adequada para serem averiguadas e poderiam ser associadas aos fatores contextuais. Por exemplo, os hábitos estilísticos linguísticos do tradutor podem ser sugeridos como responsáveis pelos traços de escrita acadêmica revelados em HOD_O'Shea, tendo em vista que o tradutor é também professor universitário e autor de textos acadêmicos.

Os dados expostos nesta pesquisa parecem concorrer para a constatação de que a voz de Conrad sofre alguma fragmentação em português brasileiro, o que já se poderia supor

apenas pelo número de traduções/adaptações de HOD (13). Respondendo à sétima e última pergunta de pesquisa, sobre as diferenças nos TTs que implicam uma fragmentação da voz autoral, dois pontos que podem ser produtivos para pesquisas futuras são a gradação, na perspectiva da Teoria da Avaliatividade, e a prosódia semântica, conceito da Linguística de Corpus. Apesar de secundários nesta pesquisa, a posição dos adjuntos circunstanciais e a convencionalidade da linguagem podem também se mostrar produtivas conforme o enfoque das pesquisas futuras. Restaria então examinar todas as traduções de HOD e de outros textos do autor no Brasil, a fim de verificar se as diferenças estilísticas entre os textos são suficientes para que se possa afirmar que a voz de Conrad que ecoa pela de seus tradutores no Brasil não é totalmente coesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa descrita nesta dissertação de mestrado abordou o estilo dos textos traduzidos, tomando por objeto de estudo duas traduções brasileiras de *Heart of Darkness* (1989) de Joseph Conrad, traduzidas por Hamilton Trevisan (1984) e José Roberto O’Shea (2008). Afiliada ao campo dos Estudos da Tradução, utilizou o modelo de análise proposto por Munday (2008, 2012) e o suporte metodológico dos ETBC para o levantamento e a análise quali-quantitativa dos dados. Além disso, propôs um diálogo com os estudos literários ou estilísticos na perspectiva da Linguística de Corpus ao focar o tema da indizibilidade da paisagem tal como sugerido em estudos prévios dessas áreas, tomando, também com base nesses estudos, os recursos de negação como ponto de partida para a análise.

Os procedimentos metodológicos abarcaram duas etapas principais: a preparação do corpus para processamento pelo *software* WST© 6.0, que já havia sido realizada por pesquisadores anteriores, e os procedimentos da análise propriamente dita, que incluíram o levantamento e seleção de linhas de concordância, o alinhamento de TF e TTs, o armazenamento das linhas selecionadas e alinhadas e a análise das mudanças com base no cotejo entre TF e TTs.

Como objetivos gerais, este estudo tinha a descrição das diferenças estilísticas nos dois textos traduzidos em relação ao texto-fonte e entre si e a verificação da hipótese da fragmentação da voz autoral sugerida por Munday (2008). Os objetivos específicos incluíam: a confirmação ou não da proeminência motivada no uso dos recursos de negação na descrição da paisagem nos TTs; a descrição de outros padrões de mudanças revelados pelos TTs; a avaliação das implicações das mudanças observadas em cada TT para a representação da indizibilidade da paisagem; e o apontamento das diferenças observadas entre os dois TTs que indicariam uma fragmentação da voz de Conrad pela de seus tradutores.

Os objetivos foram atingidos, na medida em que as diferenças estilísticas entre os TTs e em relação ao TF foram apontadas e analisadas. Uma breve síntese desses resultados é fornecida a seguir, à luz dos aspectos pontuais citados nos objetivos específicos.

Os recursos de negação foram recriados pelos dois tradutores de modo quase integral, não havendo diferença relevante nesse aspecto entre TF e TTs ou entre os TTs. Outros padrões de mudanças foram revelados pelo corpus de TTs. Os dados quantitativos mostraram uma tendência à amplificação e a um vocabulário mais variado em HOD_Trevisan e à redução com vocabulário menos variado em HOD_O’Shea. A análise quali-quantitativa revelou padrões de mudanças de significado em ambos os TTs nos planos do ponto de vista

narrativo. Em HOD_Trevisan, as mudanças em relação ao TF revelaram: uma representação da paisagem como mais imponente, impenetrável e mística no plano psicológico; uma possível empatia do tradutor para com a população africana nativa no plano ideológico; uma priorização da localização espacial dos eventos no plano espaço-temporal; e um perfil de uso de literariedade no plano fraseológico. Em HOD_O'Shea, as mudanças foram menos numerosas e proeminentes e revelaram: uma descrição da paisagem menos intensa, detalhada e mais restrita à materialidade no plano psicológico; uma possível desaprovação de aspectos da realidade africana no plano ideológico; uma priorização da localização temporal no plano espaço-temporal; e um perfil de uso de convencionalidade no plano fraseológico, com algumas escolhas remetendo ao registro acadêmico. O aspecto da indizibilidade foi mantido nos TTs pela repetição da negação e até mesmo reforçado em outras escolhas pontuais.

Quanto ao objetivo de verificação da hipótese da fragmentação da voz autoral, faz-se necessária uma ressalva. Esta verificação demanda a análise de um corpus maior de textos de um mesmo autor traduzidos por um número maior de tradutores para que se possa chegar a uma avaliação sobre o status da voz do autor na cultura de chegada. A presente pesquisa, dado o seu escopo, não pode responder de modo definitivo a essa pergunta, mas seus resultados, tomados como resultados parciais da investigação maior que está sendo empreendida no âmbito do LETRA, sugerem a possibilidade de fragmentação e fornecem dados a ser confrontados com o de outras pesquisas de mesmo objetivo realizadas com o corpus ESTRA. Entre esses resultados que podem indicar fragmentação da voz de Conrad, estão a própria representação da paisagem como reflexo do *world-view* do narrador, diferenças de postura avaliativa que, se exploradas mais aprofundadamente, podem oferecer *insights* sobre o posicionamento ideológico dos tradutores e diferenças nos planos espaço-temporal e fraseológico, que podem refletir preferências conscientes ou marcas idioletais dos tradutores.

Esta pesquisa endossa o uso de ferramentas de corpus na análise estilística e a constatação de Stubbs (2005) de que essa metodologia é capaz de revelar aspectos textuais não percebidos por analistas humanos. A observação das linhas de concordância obtidas a partir das palavras de negação mostrou o recurso da negação atrelado a descrições não apenas da natureza, como ilustra a maior parte dos exemplos de McClintock (1984), mas também a descrições de pessoas, objetos e estados psicológicos.

Especificamente quanto às pesquisas de estilo dos textos traduzidos, espera-se que este trabalho ofereça uma contribuição ao sugerir a gradação e a prosódia semântica como

categorias profícuas de análise para pesquisas futuras concernentes à voz autoral/dos tradutores.

Metodologicamente, a pesquisa apresentou uma inovação por adotar, em uma mesma análise, de dois arcabouços propostos e utilizados por Munday em trabalhos distintos, quais sejam, o ponto de vista narrativo (2008) e a Teoria da Avaliatividade (2012). Além disso, abordou cada plano do ponto de vista em separado para maior facilidade de análise e apresentação dos dados, diferentemente do que faz Munday (2008). Apesar da complexidade do modelo, que se beneficiará de uma maior exploração e elucidação por outros pesquisadores, considera-se que ele foi útil por associar a análise por metafunções a um arcabouço da estilística, adequado à análise de textos literários. O modelo permite portanto que, a partir de uma análise empírica, pontual e pormenorizada do texto com base em aspectos das metafunções, chegue-se a um panorama ao nível do ponto de vista, estruturado em quatro grandes ângulos: psicológico, ideológico, espaço-temporal e fraseológico. Paralelamente, o uso da Teoria da Avaliatividade permitiu que certas mudanças tradutórias que não eram facilmente detectáveis ou explicáveis por refletirem aspectos sutis de posicionamento e conotação fossem efetivamente descritas.

Devido à duração desta pesquisa de mestrado, não foi possível realizar o percurso metodológico completo proposto pelos teóricos adotados, que incluiria uma segunda etapa de análise de fatores extralinguísticos para a explanação da motivação para os padrões encontrados (MALMKJÆR, 2003, 2004) ou das trajetórias pessoal e profissional dos tradutores para sustentar afirmações sobre seu estilo pessoal e prováveis ideologias (MUNDAY, 2008). Esta etapa é de suma importância para a compreensão do fenômeno da tradução de textos literários, já que elucida os fatores que, por influenciarem as escolhas tradutórias, orientam fortemente os significados que serão construídos pelos leitores do TT na cultura de chegada.

Ainda assim, considera-se que estudos como o aqui descrito, que se concentram prioritariamente na descrição estilística detalhada, são relevantes, no mínimo, por ultrapassarem classificações simplistas relativas à fidelidade ou não do TT ao TF ou de qual TT seria mais fiel ao TF. Em primeiro lugar, esses estudos mostram que um mesmo TT pode se aproximar e se afastar do TF em aspectos distintos (como se observou na análise dos dados estatísticos do corpus fornecidos pelo *software*) e, em segundo lugar, explicitam e detalham de que forma cada TT, quando se afasta do TF, constrói esses significados distintos (como mostram os padrões discutidos na análise quali-quantitativa).

Além disso, a presente pesquisa procurou, sempre que possível, apontar vias possíveis de análise para a segunda etapa, como o posicionamento político do tradutor Trevisan e os hábitos linguísticos, ou o idioleto, do tradutor O'Shea. Para uma análise mais voltada para o estilo dos tradutores, essas pesquisas deverão tomar os textos integralmente, sem restringir-se a um enfoque temático, e deverão utilizar um número maior de textos de cada tradutor.

Em suma, esta pesquisa contribuiu para as pesquisas de estilo da tradução por apresentar e ilustrar um arcabouço teórico-metodológico produtivo e fornecer subsídios para a continuação da pesquisa tanto em um viés de estilo do texto quanto de estilo do tradutor.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, R. F.; DUARTE, C. R.; Pacto com as trevas: Uma leitura materialista de *Heart of Darkness*. *Sinal de Menos*, nº 5, p. 112-153, jun. 2010. Disponível em: <https://dl.dropboxusercontent.com/u/65249844/SINAL_DE_MENOS_5.pdf> Acesso em: 26 nov. 2014
- BAKER, M. Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications. In: Baker et al. (eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 233-250, 1993.
- BAKER, M. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, Amsterdam, vol. 12, nº 2, p. 241-266, 2000.
- BARCELLOS, C. *O estilo de tradutores: apresentação do discurso no corpus paralelo Heart of Darkness/(No) Coração das Trevas*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- BLAUTH, T. B. A paisagem indescritível em *Heart of Darkness* e duas traduções brasileiras: um estudo exploratório com base em corpus. *Belas Infiéis*, vol. 3, nº 1, p. 185-197, 2014.
- CHESTERMAN, A. A causal model for translation studies. In: OLOHAN, M. (Ed.). *Intercultural Faultlines*. Manchester: St. Jerome, p. 15-27, 2000.
- DAVIES, M. *The Corpus of Contemporary American English: 450 million words, 1990-present, 2008-*. Disponível em <<http://corpus.byu.edu/coca/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- DAVIES, M. *The Corpus of Historical American English: 400 million words, 1810-2009, 2010-*. Disponível em <<http://corpus.byu.edu/coha/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- DAVIES, M. *BYU-BNC: Based on the British National Corpus from Oxford University Press, 2004-*. Disponível em <<http://corpus.byu.edu/bnc/>>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s, 2006-*. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>> Acesso em: 23 nov. 2014.
- FIGUEIREDO, G. P. *Uma descrição sistêmico-funcional da estrutura do grupo nominal em português orientada para os estudos lingüísticos da tradução*. 292 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- FOWLER, R. *Linguistics and the Novel*. Oxford: Oxford University Press, 1977.
- FOWLER, R. *Linguistic criticism*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1996.
- GARCIA, F.; SANTOS. *COMPARA*, 2002. Versão 13.1.22. Disponível em: <<http://www.linguateca.pt/COMPARA/>> Acesso em: 23 nov. 2014.
- HALLIDAY, M. A. K. Linguistic Function and Literary Style: An Inquiry into the Language of William Golding's *The Inheritors*. In: CHATMAN, S. (Ed.) *Literary Style: A Symposium*. London/New York: Oxford University Press, 1971. p. 330-65.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An Introduction to Functional Grammar*. 4th ed. London/New York: Routledge, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

HERMANS, T. The Translator's Voice in Translated Narrative. *Target*, Amsterdam, vol. 8, n° 1, p. 23-48, 1996.

HOEY, M. *Lexical Priming: A new theory of words and language*. London/New York: Routledge, 2005.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. Amsterdam: Translation Studies Section, University of Amsterdam, Department of General Literary Studies, [rep. 1975; Holmes 1988: 67-80.] *apud* TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 3.0, 2009.

KENNY, D. *Lexis and creativity in translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2001.

KENNY, D. Creatures of habit? What translator usually do with words. *Meta*, vol. 43, n° 4, p. 515-523, 1998.

LEECH, G.; SHORT, M. *Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose*. London/New York: Longman, 1981.

LOUW, W. E. Irony in the text or insincerity in the writer? The diagnostic potential of semantic prosodies. In BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (Eds.) *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. pp. 157-176.

LOUW, W. E. Contextual prosodic theory: bringing semantic prosodies to life. In. HEFFER, C.; SAUNTON, H. (Eds.) *Words in Context: A tribute to John Sinclair on his Retirement*. Birmingham: University of Birmingham, 2000. p. 48-94.

MACMILLAN Dictionary Online. Macmillan Publishers Limited, 2009-2014. Disponível em: <<http://www.macmillandictionary.com>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

MAGALHÃES, C. ESTRA: um corpus para o estudo do estilo da tradução. *Cadernos de Tradução*, n° 34, p. 248-271, jul /dez. 2014.

MAGALHÃES, C.; ASSIS, J.R. Representação de atores sociais em *corpus* paralelo: *Heart of Darkness* e suas traduções para o português. In: LARA, G. M. P.; COHEN, M. A. *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MAGALHÃES, C.; CASTRO, M.; MONTENEGRO, M. Estilística tradutória: um estudo de corpus paralelo de uma tradução brasileira e uma tradução portuguesa de *Heart of Darkness*. *TradTerm*, vol. 21, p. 11-29, jul. 2013.

MAGALHÃES, C.; NOVODVORSKI, A. A chavicidade na análise de estilo em tradução: um estudo baseado em corpora paralelos espanhol/português. In: DUTRA, Deise P.; MELLO, Heliana (Org.). *Anais do X Encontro de Linguística de Corpus: aspectos metodológicos dos estudos de corpora*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. p. 294-313.

MALMKJÆR, K. What happened to God and the angels: an exercise in translational stylistics. *Target*, Amsterdam, vol. 15, p. 37-58, 2003.

MALMKJÆR, K. Translational stylistics: Dulcken's translations of Hans Christian Andersen. *Language and Literature*. London/Thousand Oaks/CA/New Delhi, vol. 13, nº 1, p. 13-24, 2004.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. Hampshire/ New York: Palgrave Macmillan, 2005.

McCLINTOCK, A. "Unspeakable Secrets": The Ideology of Landscape in Conrad's Heart of Darkness. *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, vol. 17, nº 1, 1984. p. 38-53.

McINTYRE, D.; WALKER, B. How can corpora be used to explore the language of poetry and drama? In: O'KEEFE, A.; McCARTHY, M. (Eds.). *The Routledge Handbook of Corpus Linguistics*. London/New York: Routledge, 2010.

MOLINA MARTINEZ, L.; ALBIR, A. H. Translation techniques revisited: A dynamic and functionalist approach. *Meta*, vol. 47, nº 4, p. 498 – 512, 2002.

MUNDAY, J. Problems of applying thematic analysis to translation between Spanish and English. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, nº 3, p. 183-214, 1998.

MUNDAY, J. *Style and Ideology in Translation: Latin American Writing in English*. New York: Routledge, 2008.

MUNDAY, J. Looming Large: A Cross-Linguistic Analysis of Semantic Prosodies in Comparable Reference Corpora. In: KRUGER, A; WALLMACH, K; MUNDAY, J. *Corpus-based translation Studies: Research and Applications*. London/New York: Continuum, 2011. p. 169 – 186.

MUNDAY, J. *Evaluation in translation: critical points of translator decision-making*. London/New York: Routledge, 2012.

NAVARRO, F. *Appraisal toolkit: sobrevivendo a la teoría de la valoración* (versión 12.04). Disponível em: < <https://mailman.cf.ac.uk/pipermail/sysfling/2012-February/000975.html>> Acesso em 04 nov. 2014.

NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 1999.

OLOHAN, M.; BAKER, M. Reporting *that* in translated english: evidence for subconscious processes of explicitation? *Across Languages and Cultures*, vol. 1, nº 2, pp. 141–158, 2000.

PAGANO, A. Abordagens sistêmicas da tradução. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; SCLIAR-CABRAL, L. *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008. p. 255-288.

PEKKANEN, H. *The Duet between the Author and the Translator: An Analysis of Style through Shifts in Literary Translation*. 187 f. Dissertação. University of Helsinki, Helsinki, 2010.

QUIRINO, M. T. *Retratos de tradutores de James Joyce como agentes da tradução literária no Brasil: um estudo de caso*. 278f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

QUIRK, R. et al. *Comprehensive Grammar of the English Language*. London/New York: Longman, 1987.

SALDANHA, G. Translator style: methodological considerations. *The Translator*, vol. 17, nº 1, p. 25-50, 2011.

SALDANHA, G. Emphatic italics in English translations: stylistics failure or motivated stylistic resources? *Meta*, vol. 56, nº 2, p. 424-442, 2011b.

SALDANHA, G. Style in, and of, Translation. In. BERMANN, S.; PORTER, C. (Eds.) *A Companion to Translation Studies*. Chichester: Wiley Blackwell, 2014. p. 95-106

SARDINHA, B. *Linguística de Corpus*. Barueri: Manole, 2004.

SCOTT, N. *Normalisation and reader's expectation: a study of literary translation with reference to Lispector's A hora da estrela*. 331 fls. Tese (Doutorado em tradução literária). AELSU University of Liverpool, Liverpool, June 1998.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Versão 6. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2012.

SHORT, M. Understanding Texts: Point of View. In: BROWN, G. et. al. (Eds.) *Language and Understanding*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p.169–90.

SHORT, M. *Exploring the Language of Poems, Plays, and Prose*. London/New York: Longman, 1996.

SILVA, N. R. B. *Ficções e Dicções Pós-Antropofágicas na Cena Literária Brasileira Contemporânea*. 208 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

SIMPSON, P. *Language, Ideology and Point of View*. London/New York: Routledge, 1993.

SINCLAIR, J. Lines about Lines. In: CARTER, R. (Ed.). *Language and Literature: An Introductory Reader in Stylistics*. London: Allen and Unwin, 1982. p. 163–76

SINCLAIR, J. Collocation: a progress report. In: STEELE, R.; TREADGOLD, T. (Eds.) *Language Topics: Essays in honour of Michael Halliday*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987. p 219-331.

SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. New York: Oxford University Press, 1991.

SINCLAIR, J. *Trust the text: Language, corpus and discourse*. London: Routledge, 2004.

STUBBS, M. Conrad in the computer: examples of quantitative stylistic methods. *Language and Literature*, vol. 14, n° 1, p. 5-24, 2005.

TABOADA, M. *System network for Appraisal*. (s.d.). Ilustração. Disponível em: <https://www.sfu.ca/~mtaboada/research/Appraisal_system_network_complete.pdf> Acesso em: 25 nov. 2014.

TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

TYMOCZKO, M. Computerized corpora and the future of translation studies. *Meta*, vol. 43, n° 4, p. 652-60, 1998.

USPENSKY, B. *A Poetics of Composition*. Berkeley: University of California Press, 1973.

WALDER, C. A Timbre of Its Own: investigating style in translation and original writing. *New Voices in Translation Studies*, vol. 9, p. 53-68, 2013.

WATT, I. Impressionism in *Heart of Darkness*. In: ARMSTRONG, P (Ed.). *A Norton Critical Edition: Joseph Conrad Heart of Darkness*. 4th ed. New York/London: W. W. Norton & Company, 2006. p. 349-365.

XATARA, C. M. A web para um levantamento de frequência. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística*. Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 770-777.

Corpus de Pesquisa

CONRAD, J. (1902) *Heart of Darkness*. London: Penguin Books, 1994.

CONRAD, J. *O Coração da Treva*. Tradução de Hamilton Trevisan. São Paulo: Global, 1984.

CONRAD, J. *Coração das Trevas*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2008.